

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 9

## O DESENVOLVIMENTO ECONOMICO NA MONARCHIA

Não combatemos homens, combatemos systemas. Atacamos a monarchia como forma politica contraria aos interesses e á dignidade do genero humano, e atacamol-a com sinceridade, livres de qualquer prejuizo, porque em nosso coração nem ao menos ha lugar para resentimentos pessoases.

Todos temos direito a pedir ás instituições os seus diplomas scientificos e as suas razões de conveniencia pratica, direito fundamental na natureza do individuo e da sociedade, que ninguem ousará contestar.

Se a impotencia regeneradora de um systema se evidenciar depois de um tal exame, esse systema, ou seja politico, ou seja religioso ou social tem de desaparecer do codigo das instituições vivas, porque as sociedades não se sustentam senão á custa de grandes realidades, que sejam a affirmação positiva da natureza racional e sentimental do ser individual e colectivo, e não uma criação artificial das circumstancias ou a traducção da vontade tacita e expressa de uma individualidade qualquer.

Quando se tratou de desinvolver o principio juridico segundo as etenas bases da Liberdade e da Justiça; quando se quiz organizar a instrucção, mãe fecunda de todos os progressos e especialmente do progresso moral, o systema da realza foi desgraçadissimo, como já aqui provamos; desgraçadissimo porque nos deu em direito uma monstruosidade incomprehensivel, em instrucção um *pandemonium* de regulamentos, de reformas e programmas, eivados de falsas doutrinas que deram em resultado o atrazo intellectual e o abaixamento moral da nossa sociedade.

Por isso, em nome do direito, da ins-

trucção e da moral dissemos ao povo portuguez: a monarchia é impossivel.

Hoje vamos continuar o triste inventario dos bens que ella deixou a este menor, a este pupillo, chamado Portugal, que modestamente vae arrastando o peso de suas desgraças cá ao longe, isolado em um canto do occidente.

As questões economicas são o desespero de todos os espiritos na actualidade.

Quando vemos, por um lado, a philosophia da miseria dizendo—matae o pauperismo, elevae o individuo, restitui ao homem a sua dignidade; quando vemos, por outro lado, a philosophia do direito proclamando a egualdade deante da natureza; quando pressentimos os occultos movimentos que se notam no seio das sociedades modernas, é forçoso que nos convençamos de que tudo isso prende no problema synthetico e fundamental de nossos dias—no problema economico.

As sociedades não vivem só de condições moraes. Como entidades organicas destinadas a realizar uma certa ordem de phenomenos no mundo physico, necessitam tambem de condições materiaes, condições imprescritiveis, que ellas acham relacionando-se com os seres do planeta.

Se em alguma parte da actividade se pode manifestar e se deve manifestar a influencia de um systema politico é por certo no aperfeçoamento gradual e systematico dos meios praticos da vida de um povo.

Que fez a monarchia neste ponto? Qual é o desenvolvimento economico do nosso paiz, onde os elementos theocratico e real têm dormido descansadamente o longo somno do seu viver? Como accudistes ás lagrimas das victimas do feudalismo industrial?

Cobre-se-nos o rosto de vergonha, en-

che-se-nos o coração de tristeza ao contemplar tanta miseria, por um lado, e ao ver por outro, a impudencia de certos homens, que pretendem legitimar instituições geradoras e mantenedoras d'este estado desgraçado.

Sim, economicamente somos um povo desprezivel.

Não temos commercio, podendo pela situação geographica alargar as azas pelos horisontes de todos os continentes.

Não temos industria apesar das materias primas nos abundarem e terem de ir ao estrangeiro tomar a forma que as torna aptas para o gyro mercantil.

Não temos desinvolvimento agricola, nós, que possuímos um dos solos mais fecundos e mais bellos do globo.

Não temos no vasto corpo da nossa legislação uma unica palavra sobre organização do trabalho, instrumento fecundo do desenvolvimento industrial dos povos. A sua posição em face do capital é uma posição de inferioridade, quando o espectáculo das modernas perturbações que têm agitado o mundo economico, e os livros dos grandes pensadores e escriptores de philosophia social, nos dizem que essa relação deve ser de egualdade, porque só então se conseguirá um estado racional, harmonico e positivo, que tenha por base as leis naturaes do individuo e da sociedade. Não temos instituições de credito que sirvam de canaes conductores de capital ás classes mais necessitadas e ás industrias mais uteis á vida. A usura pesa com todo o peso da sua injustiça sobre este eterno martyr da historia—o povo.

O feudalismo industrial que substituiu na idade moderna o escravo antigo é o regulador supremo da sorte das classes operarias. Não existem bancos populares, que sejam uma garantia para as necessi-

dades dos pequenos proprietarios, aproximando-lhe os capitaes em condições favoraveis, mas em compensação ha bancos privilegiados, ha um banco que tem mesmo o privilegio de dar dentro do districto de Lisboa curso forçado ás suas notas, banco que está fazendo uma concorrência vergonhosa a todas as empresas particulares, que não tiverem a dita de obter graça identica do estado. Faltam bancos populares, falta a prosperidade economica do paiz, mas existe a monarchia e o banco de Portugal! Maravilhosa compensação!

Quem tem a responsabilidade d'esta inferioridade economica? O povo? Não, que o povo portuguez é intelligente e activo como muitos outros povos de grande superioridade commercial.

A responsabilidade cabe a estes regimens que infelizmente têm pesado sobre os povos mais aptos para o progresso commercial, sobre a Hespanha, a Italia, a França, a Grecia, a Turquia, o Egypto, etc.; regimens anti-naturaes, falsos, que contrariarão directamente o espirito de iniciativa individual pelas medidas legalmente restrictivas, filhas de um poder centralizador e auctoritario.

No proximo numero demonstraremos aos amantes da monarchia que a sua forma de governo, origem de todos estes males, está na impossibilidade de os remediar.

Depois diremos tambem ao povo em nome do desinvolvimento economico: a monarchia é impossivel.

A. V.

## PADRES E REIS

I

Uns não valem mais do que o outros.

O rei devora a nação; o padre explora a consciencia.

vel ultraje do tempo. Quando Wilhem se preparou para sair foi mirar-se ao espelho:

—Estás mui bello, lhe diz Vertua dominando a voz. Esse casaco ainda apurta bem, e esse chapéu parece mesmo que foi comprado hontem.

Os dois amantes parece que tinham summo desejo de se enganarem mutuamente um ao outro sobre a sua triste condição.

Theodoro de Vilhem obteve effectivamente um logar na orquestra de um pequeno theatro onde elle era o unico musico; mas perdeu-o ao cabo de poucos dias. Passou depois por diversos officios, que custavam muito ao seu amor proprio e que mal satisfaziam ás primeiras necessidades da vida.

Dez annos mais tarde este mesmo homem tornara-se o escriptor mais popular de toda a Allemanha.

Nos primeiros tempos Wilhem mergulhou avidamente os seus labios no copo de ouro do prazer e da fama, mas por fim transtornou-lhe a cabeça, caiu numa embriaguez sombria e tediosa. O desgosto correra apoz da saciedade. O ruido que se fazia em volta de si aturdia-o. Tinha abandonado a pequena casa do arrabalde por uma rica habitação no centro da cidade.

## FOLHETIM

### A PEQUENA CASA D'UM POETA

(vertido de Esquiros)

Eleva-se num dos arrabaldes de Berlim uma modesta habitação de dois andares, a qual foi habitada ha 50 annos, por Theodoro Wilhem e por sua mulher.

Era um par paradisiaco o d'estes esposos: muito pobres mas muito felizes, chamavam-se Wilhem e Vertua.

Uma tarde que a joven esposa costurava á janella, a agulha não quiz trabalhar e cahiu-lhe das mãos; atirou com a costura para cima do açafate e uma lagrima escorregou-lhe ao longo da face. Ouvira-se neste momento o repique da campainha da escada. Vertua levanta-se, limpa os olhos humedecidos de lagrimas e abre a porta a seu marido com um sorriso adejando nos labios.

—Fugiram-me as horas a trabalhar, meu Wilhem, diz ella, passando-lhe os braços pelos hombros e recebendo em troco um beijo.

—E' verdade, não temos hoje muito boa ceia, mas tambem não temos grande necessidade. Em seguida Vertua foi buscar um prato de batatas cozidas e nozes seccas.

—Tu já não deves ter dinheiro, disse Wilhem sombriamente.

—Tenho sim, respondeu Vertua chinchalhando umas moedas de cobre que tinha no bolso.

—Parece-me que encontrei um emprego, disse Wilhem, mas com um tom de voz que mostrava pouca esperanza. . . se eu quizer tomarei amanhã posse.

—E que logar? perguntou anciada Vertua.

—Foi-me promettido o logar de mestre da orquestra num pequeno theatro. O ordenado não é grande, mas como eu entendo um pouco de pintura poderei preencher ao mesmo tempo o officio de decorador de vistas; em fim como eu sempre tive talento para as lettras, poderei fazer representar facilmente neste theatro as obras da minha lavra.

—Vertua sorriu complacentemente ao ouvir revelar os sonhos dourados de seu marido. O frugal repasto passou tranquillo e alegre. O amor, esse grande creador de milagres, encontrou meio de transmutar em vinho mais saboroso que o das nupcias de Canaan a agua do cantaro de Vertua.

Depois de ceia Theodoro Wilhem mostrou desejos de ir escrever. Vertua não teve força para lhe dizer que não havia azeite para deitar no candieiro.

—Ah! diz ella, está uma noite tão linda

para accender esta misera luz; deixemos estar antes á janella e admiremos as estrellas, esses olhos infinitos de Deus.

Theodoro Wilhem comprehendeu que se via reduzido ao estado do poeta italiano, Turquato Tasso, que deixava de trabalhar á noite «por não ter luz para escrever, non avendo candeie per scriver i versi suoi».

—Ter-me-ia sido bem melhor, pensou elle, continuar com os meus estudos. Occuparia hoje o logar de conselheiro.

—Para que te confranges, meu caro?

—Terieis vós ao menos minha querida Vertua, uma creada e vestidos novos, continuou Wilhem, e não andarieis assim como vos vejo envolvida em farrapos.

—Eu não careço de cousa alguma, interrompeu Vertua, com um sorriso que quiz fazer natural. Se não trago os meus bellos vestidos, é porque julgo desnecessario um novo toilette para te agradar.

De manhã Vertua accordou antes do nascer do sol para preparar o almoço a seu marido. Os seus olhares passaram em revista com grande tristeza o desbotado casaco negro, tornado branco sobre as costuras e atravez as mangas, as botas arrebatadas e a gravata desfiada. Começou a brunir tudo e reparou com a agulha aquelles estragos; tingiu as partes desbotadas; todavia não pôde obstar ao irrepara-

Para ambos é igual o fim; para ambos sorri o povo como mina inesgotável.

O que um faz por meio do throno; alcança-o o outro por meio do altar; o que um consegue em virtude do ministro—atinge-o outro em virtude do sachristão.

Ministro e sachristão, sachristão e ministro,—tudo afinal se confunde em uma e a mesma palavra—baixesa, humilhação, covardia.

O rei, ou é Luiz XI, o symbolo da hypocrisia, ou Philippe II, o typo da infamia, ou Luiz XIV, o ideal do despotismo.

Quasi o mesmo é o padre. Ou seja Loyola, ou Claret, ou Santa Cruz,—sempre é a hypocrisia, a infamia e o despotismo que dominam.

O rei tem aduladores, o padre tem fanaticos; o rei tem a *Pompadour* de todos os tempos e de todos os logares, o padre a *soror Theresa* de todos os conventos e de todas as egrejas.

Ao punhal de Jacques Clément e de Ravaillac corresponde a espada de Napoleão e a auctoridade de Bismark.

A perseguição dos reis importa o aniquilamento dos padres.

Odiados e mal vistos procuram ambos o silencio funebre dos palacios e a sombra sinistra dos mosteiros.

Apontados a dedo pelo povo, a quem opprimem, falta-lhes a consciencia da propria dignidade e o reconhecimento da propria consciencia.

O rei occulta as mazellas do corpo com o brilhantismo da farda, o padre abafa a gangrena da alma sob a roupeta desfiada e apodrecida.

O *regio sceptro* emparelha galhardamente com o *baculo divino*.—Um, opprimindo o povo, é instrumento de vinganças e de anathemas mesquinhos, outro, atrophando o espirito, é symbolo de tyrannia e de maldição.

A hostia, que o padre santifica nos altares, corresponde o sangue do povo, o imposto dos contribuintes, que o rei devora á mesa do orçamento.

Em logar das bullas sagradas tem o rei a esmola nacional.

Da egreja e da camara dirigem-se ambos ao mesmo fim, á mesma orgia.

Um falla em nome da religião, outro da politica; um prêga a virtude, outro o patriotismo; um é fanatico, outro realista.

A synonymia, porém, não desprestigia o facto. Religião e politica, virtude e patriotismo, fanatismo e realismo synonymos são e muito synonymos.

Vertua tomou um dia a mão de Wilhem e disse-lhe:

—Nós já não somos felizes. A felicidade consistia em amar-nos e desde que nos fizemos ricos nós já não nos amamos. Este vil metal, chamado ouro, veio destruir toda a nossa felicidade domestica. Quando eramos pobres eu via-te todos os dias, hoje são outros os que te vêem. Não te chega o tempo para andar d'umas cosas para as outras, toda a cidade te quer em sua casa, todas as mulheres te requestram e eu soffro. Tu mesmo estás contente? Não, meu Wilhem, eu bem te conheço; confessa-me a verdade, esta vida infastia-te, tu choras o tempo em que soffriamos privações amargas da vida.

—Sobra-te razão, Vertua, dizes-me coisas que penso ha muito tempo e que nunca ousei dizer-te. Quando viviamos na pequena casa do arrabalde a necessidade de reagir contra os males de fóra acalmava as agitações do meu cerebro. Esta luta era para mim boa e util. Hoje temo tornar-me louco. Não, jámais eu soffri tanto, como desde que livre das duras necessidades da vida, eu me encontro entregue a mim mesmo. Esta minha cruel imaginação é uma inimiga dez vezes mais insupportavel do que a pobreza. A celebridade mata-me. Já não sou livre desde que sou conhecido. Em fim suffoco

O rei, ignorante por indole e natureza desacredita a causa que o protege, o padre, ignorante por habito e astucia desvirtua o senhor a quem serve e adula.

O rei faz guerra ás nações, o padre faz guerra aos homens.

Symbolo da realza anda o exercito ao par do beaterio, symbolo da hypocrisia.

Na egreja, como no paço, habitam vultos sinistros e tenebrosos.

Procura o padre a mulher por entre as sombras dos confessionarios, em quanto os aulicos as mandam vir ao regio paço.

Especie de gabinete de ministro conserva-se ainda hoje o confissionario como objecto de descrença e de lubricidade.

Nas escadas do altar, como nas escadas do throno, ajoelham os devotos terrivelmente.

O padre ministra as sagradas bênçãos, em quanto o rei fornece o solemne e real *beija mão*.

Nas procissões, como nas festas reaes, ambos são ridiculos e caricatos: um, ostentando o brilhantismo do seu ouro, outro, irradiando o ouro do seu brilhantismo.

O padre é o rei e o rei é o padre.

Um não vale mais do que outro!

MAGALHÃES LIMA.

## POLITICA INTERNACIONAL

Os negocios de Hespanha continuam a servir de thema ás mais encontradas opiniões. Uns, guiados pelos principios superiores da historia que attestam de um modo solemne que o progresso no seio das sociedades humanas se tem verificado á custa de muitos esforços, das lagrimas de muitas mães, do abalo de muitas civilisações, vêm naquelles acontecimentos uma consequencia natural, uma conclusão fatal dos periodos de transformações, dos periodos revolucionarios em que um velho mundo de sentimentos e interesses cae aos golpes de novas idéas, de novos sentimentos.

Outros, dominados por um impirismo que lhe não deixa ver o segredo das occultas forças que sustentam a vida dos paizes; compromettidos diante do espirito de innovação por convicções baseadas em doutrinas velhas e caducas; ligamentados ao cadaver do passado pelos fortes laços do interesse, da conveniencia, do bem estar moral e material; consideram a agita-

sob este manto com que a justiça eterna me sobcarregou para castigar minhas locucas ambições.

—Eu tambem odeio esta gloria como uma rival, por quem tu me deixaste. Desde que lhe abristes os braços nunca mais pensastes em mim. Eu não te peço para a deixares, eu sei quanto te é cara. Maldize-se, mas nunca ha força para abandonar-a. Convencionemos sómente uma coisa. Eu continuei a pagar durante 10 annos o aluguer da nossa antiga habitação do arrabalde de que me fallaste ha pouco, a nossa antiga mobilia, que eu fingi ter mandado vender, encontra-se ainda pela mesma ordem porque nós a deixamos. Voltemos amanhã para este ninho dos nossos amores.

Wilhem apertou estreitamente o collo de Vertua para lhe agradecer, por lhe ter suggerido uma tão feliz idéa.

No dia seguinte levantaram-se antes do nascer do sol e partiram para o arrabalde. Uma doce surpresa os interneceu até ás lagrimas ao entrar nestas duas salletas, onde tinham passado os bellos dias amargos da sua mocidade. As cadeiras de palha eram conservadas como no tempo em que a diligente mão de Vertua ainda d'ellas se occupava.

Vertua abriu o armario de carvalho, que era quasi o unico mobil da caseta.

ção por que está passando a jovem e brilhante Republica hespanhola como um producto da natureza mesma das idéas novas, quando é certo que são as circunstancias em que ellas se produzem que levantam semelhantes tempestades.

Não discutimos a boa ou má fé que possa haver neste modo de apreciar as luctas de uma grande nação.

Pela nossa parte continuamos affirmando que nos não causam a menor sensação as perturbações por que ella atravessa. No seio da Republica ha muitos partidos, porque ha muitas idéas, muitas escholas com principios definidos, com systemas completos de organização, partidos que no momento decisivo em que se trata de affirmar praticamente uma nova forma politica, como succede na Hespanha, têm a estricta obrigação de sustentar no campo da realidade as concepções theoreticas da sua eschola. Fazer o contrario seria uma pessima acção. Mentir á consciencia para agradar a um certo numero de politicos seria hypocrisia intoleravel em qualquer regimen, e muito especialmente no regimen republicano que está destinado a trazer ao mundo as grandes virtudes sociaes, sem as quaes as idéas formosissimas de Liberdade e de Justiça estariam na impossibilidade de tomar uma forma pratica, de se affirmar genuinamente fóra dos dominios da consciencia. Por isso, os ultimos acontecimentos que á primeira vista parecem opposição determinadamente ingrata de uma Assembléa facciosa e profundamente trabalhada por ambições desvairadas, têm uma explicação cabal se attendermos á diversidade de opiniões que professam os varios grupos republicanos.

O ministerio caiu porque era composto de elementos moralmente antagonicos. A sua existencia era impossivel. Já estava previsto. Pi não foi illudido.

Com tudo estes antagonismos moraes, que são antagonismos de principios, não quebram de modo algum a unidade fundamental que liga o partido republicano contra os reaccionarios de todas as côres.

Conservadores não vos regosijeis! No fundo d'aquella agitação existe muita unidade e muita força.

A hora em que escrevemos ainda Pi não tinha formado novo ministerio, ficando interinamente no poder o antecedente. Havia grandes difficuldades em achar homens que podessem conciliar todas as opiniões. Por isso, corria á ultima hora que se formaria um gabinete homogeneo

Sacou a velha farpella de Wilhem, tantas vezes pintada e serapintada com tinta sobre as costuras e passou-a a seu marido para que a vestisse.

—Eu nunca te vi tão bello, lhe diz Vertua olhando com extase. Ella mesma poisou sobre o leite, seu leite de nupcias, os seus vestidos, o veo, o chapéu de veludo, o chaile de cachemira, a saia bordada de renda, para retomar o simples gorro, a saia preta com que tanto gostava Wilhem de a ver outr'ora. Ella preparou em seguida o almoço como nos dias em que não tinham outra creada do que a sua actividade de 20 annos. Pôz na mesa duas colheres de estanho, duas taças de faience de flores e dois pratos de louça grossa. O leite servia na choquelateira e erguia já a branca espuma.

Pela primeira vez, depois de 10 annos, Wilhem tinha appetite. A vista d'aquella casa fazia-lhe bem, um rustico perfume de juventude e sentimento o penetrava até ao coração.

Ambos os esposos estavam sentados, como noutro tempo um defronte do outros A pequena mesa de pinho permitia de se tocarem os joelhos. Foi um almoço delicioso. Voltaram os antigos amores, os corações pulsavam de prazer e a dôr dissipava-se num raio de sol.

Depois de almoco, que foi curto, Wi-

tirado da direita, á frente da qual se acha o grande e excelso tribuno Castelar. A *Discussion* aconselhava mesmo que a escolha fosse feita pelo sr. Pi y Margall em vez de o ser pela Assembléa, porque d'outro modo difficilmente se chegaria a uma unidade de pensamento entre o chefe do poder executivo e os seus collegas. Achamos este processo mais expedito e vantajoso nos momentos agitados porque vae passando a visinha nação, posto que n'isso não vejamos uma politica muito em harmonia com a indole liberal e franca do systema republicano.

Tambem se dizia que no caso de Pi não poder levar ao cabo a tarefa de formar gabinete, seria Castelar encarregado d'esse trabalho. Estamos convencidos de que o grande tribuno que durante tantos annos tem applicado o seu elevado talento e o seu muito saber ao triumpho de tão nobre causa, não deixará ainda de tomar sobre si este novo sacrificio, que o poder é para elle um verdadeiro sacrificio. Esperamos que não será preciso.

Dos bandos carlistas pouco se sabe. O progresso negativo de suas conquistas em momentos tão favoraveis dão bem a medida da sua força.

Miseraveis! Falta-vos o sol da civilisação, falta-vos o espirito moderno, que nos campos de batalha vos persegue mais que as balas das chassépots.

Na França continuam os conservadores dirigindo o ultimo golpe ás suas proprias doutrinas pelos erros politicos que diariamente vão commettendo. A circular de Broglie, que não satisfaz a opinião publica na Italia, antes a aproximou mais de uma alliança com a Allemanha; a circular de Pascal, subsecretario do ministerio do interior, aos preleitos sobre o regimen da imprensa; o processo intentado contra Ranc, deputado por Lyon, tem de tal modo desautorado o governo da Republica franceza, que em breve se achará em uma posição insustentavel.

A opinião publica em França esta agitada contra a reacção. Prova-o a retirada precipitada do príncipe Napoleão, que veio sondar os sentimentos da grande cidade a respeito da dynastia que morreu para sempre nos campos de Sedan.

A. V.

## GUERRA

Do jornal hespanhol *La Fraternidad*.

lhem tirou da caixa o seu violoncelo e repetiu a lição, como quando era mestre da opera. Vertua, que não tinha cantado havia dez annos, acompanhou-o com a voz. Repetia um pequeno fragmento de musica simples e casta e que condizia com o estado da sua alma.

A salleta era toda agitada com os perfumes da musica e do canto. A natureza viera junctar-se a esta harmonia.

Mal, porém, Theodoro tinha acabado este trecho que os applausos estrugem lá de fóra e sobem até ao aposento. Os amigos, ou os curiosos, quem sabe? tinham seguido os passos de Vertua e seu marido.

—Fomos descobertos, balbuciou tristemente o poeta.

—Ai! eu bem o reciei, diz Vertua. E' a fama que te segue.

—O que é isto? não poder ir a gente para onde quer, nem fazer o que deseja sem ser espiado, aguentar com as necedades de todo o mundo sob o pretexto de ser um homem de espirito, ser obrigado a nunca ter repouso na alma nem felicidade sob o tecto de lar nem amor no coração??

—E', responde timidamente Vertua o que todos os homens procuram, é a gloria.

—Este homem tanto tempo perseguido pela desgraça e perseguido agora pela gloria, este Theodoro Wilhem—é Hoffmann.

\*\*\*

que se publica em Manreza, transcrevemos o seguinte artigo, escripto com um grande vigor de linguagem e elevação de idéas. Concordamos com o seu pensamento, que é o pensamento mesmo da Democracia.

—Que monstro é esse que desde o umbral dos primeiros tempos, atravessando por entre o pó dos seculos e enodoando com sangue a historia da humanidade, tem chegado até nós; atterrando com seu aspecto selvagem ao homem novo, dando um desmentido formal á sciencia moderna e negando a philosophia do progresso?

A guerra!

Que poder sobrenatural, que principio vigoroso alenta esse espirito diabolico, essa origem de todas as iniquidades, sobrepostas á razão, ao direito natural, á justiça humana, á lei da vida?

Que monstro é esse, repetimos, debaixo de cuja ferrea planta treme o mundo e se commovem as sociedades em seus cimentos mais profundos?

A guerra!

Fatal palavra, cujo horrivel som leva o terror até ao recanto mais afastado da terra, penetra no opulento alcaçar como na modesta choupana, impressiona as fibras de todos os corações, pesa sobre todos os sentimentos, violenta todas as consciencias, e, posto que em sentidos diversos, occupa todas as imaginações.

Os seus passos rezoam desde as concavidades das montanhas até á immensidade das planices, desde o turbilhão da vida até ao repouso dos sepulchros.

O seu estrepito desmorona os palacios de marmore e faz vacillar as torres de granito.

Seu alento de fogo assola cidades e devasta campos.

A guerra é a destruição em luta aberta com a causa geradora, o principio do mal contra a causa do bem, a obcecção do erro contra a logica da justiça.

O homem, esse ser mais elevado na terra, esse segundo creador do universo, cuja missão consiste em aperfeiçoar a obra da creação, ensinando novos roteiros á in-

telligencia e abrindo incommensuraveis horizontes ao pensamento; esse ser que vai enchendo successivamente as immensas cavidades do espirito humano, transformado em grosseiro instrumento, violando o mais sagrado dos direitos e conspirando contra a mais sábia das leis, vai alimentar com seu sangue o immundo e vetusto espectro que se chama guerra; vai offerecer aquillo que nem a elle mesmo lhe pertence, o thesouro de que elle não pode dispor, a essa sombra vagarosa que atravessa o fecundo campo da produção, as illimitadas regiões da philosophia, ora sobre montes de cadaveres, ora fluctuando em dilatado lago de sangue.

Apparece a guerra e proscree a familia, quebra os laços do amor, aniquilla a arte, obscurece o entendimento, perturba o trabalho, embota os sentidos de uns, arranca as entranhas de outros.

O enervado ancião sucumbe de dôr ao ver desaparecer por entre o fumo da polvora e as torrentes da metralha, o unico thesouro da sua vida, o amparo da sua velhice, o filho carinhoso que o afugentou á sua miseria.

A mãe, esse ser tão sensível, tão delicado, esse manancial inexgotavel de ternura, esse symbolo purissimo do amor mais santo, esse complemento da felicidade humana, que nos abrigou em seu seio, que nos deu a beber o seu sangue, que nos embalou em nosso innocente berço, que perparou nossa intelligencia para o desinvolvimento natural das idéas e guiou nossos primeiros passos no caminho da vida; essa mulher vê-se ferida pela guerra do modo mais brutal e deshumano; essa mulher obtém da sociedade como premio de seus sacrificios, um cadaver ensanguentado e mutilado, em troca do filho de suas entranhas, do ser do seu ser, do pedaço da sua alma.

Eis o que é a guerra, eis a sua obra. Que representa a guerra?

O martyriologio da humanidade, as trevas da ignorancia, o fanatismo do erro, o apoio de todas as tyrannias, a bandeira do crime desfraldada aos ventos mephiticos

da soberba e da injustiça; a negação completa de todos os deveres inherentes ao ser humano, o complemento, enfim, de todas as miserias e maldades que pode conceber um coração de gelo, uma defecção humana em toda a sua deformidade: eis o pallido bosquejo da guerra.

Esse dualismo estabelecido entre a primeira sciencia e o homem primitivo; essa luta barbara iniciada por um Caim contra seu irmão; esse crime de lesa-humanidade que se chama *direito da força*, tem o seu prologo no genesis do mundo; sua historia é tão longa como a do homem mesmo.

Passa uma geração, mudam os costumes, transforma-se a arte, altera-se a sciencia, desaparecem os povos; tudo o que é velho passa e vem ao theatro da vida novas gerações, novos costumes, novas artes, novas sciencias.

Que monstro é esse que resistiu a tantas gerações, a tantos costumes, a tantas artes, a tantas civilisações e a tantas philosophias?

A guerra!

A guerra não tem acabado.

A tyrannia tão pouco.

São os dous effeitos do obscurantismo produzindo a causa do mal, o emblema do odio não extinto, patenteando o privilegio entre os homens, que é o maior insulto á dignidade humana.

Quem tem alimentado o fantasma sombrio da guerra? Quem tem conservado a sua existencia até este seculo de inventos, de luz e progresso?

O throno em nome do *direito divino*; a igreja em nome da *religião*.

Ambos têm escravizado o homem, escarnecido e profanado o templo de Christo.

A guerra ha de acabar, porque tudo acaba, arrastando ao profundo abismo do odio universal esse throno, negação do direito humano, e essa igreja fanatica, mantenedora do erro.

A corôa real e o manto de purpura representam todas as tyrannias, todos os vicios, todas as iniquidades, e por ultimo

o crime da guerra. A guerra ha de acabar.

Temos que dor a ultima batalha, não para legitimar o *direito divino* do throno, não para fanatizar o coração do homem em nome da igreja, mas para desfazer esse falso throno e essa falsa igreja na asquerosa sentina de suas miserias.

E o homem edificará um novo throno e uma nova igreja; um throno para se assentar o povo, unico soberano de seus destinos, uma igreja para trazer ao mundo a moral universal.

E não haverá necessidade para sustentar estes dois grandes principios, de derramar o sangue de nossos irmãos.

E acabará a guerra sua missão destruidora.

F. F. y G.

## QUESTÕES THEOLOGICO-SOCIAES

Demonstramos no numero antecedente que todos os progressos sociaes se têm feito lutando contra as religiões, ao contrario d'aquelles que sustentam que toda a philosophia d'uma epoca, isto é, o seu progresso, se converte em religião na epoca seguinte. Foi nosso fundo de argumentação principalmente a historia. Vimos por aquelle rapido esboço o oriente não entrar na lei do progresso por se não poder até hoje livrar das religiões. Assistimos á formação da Grecia, vimol-a desde principio assignalar-se pela guerra contra os deuses e crear todas as sciencias sem o auxilio da religião e explicar a formação do mundo sem Deus. Depois assistimos ao desinvolvimento da sociedade romana, e vimos como esta pelo progresso das suas instituições civis e politicas se desembaraçou do symbolismo religioso chegando ao casamento civil no principio do imperio por meio do concubinato, sancionado por lei, e ao racionalismo com Cicero por via da guerra que este philosopho fez aos deuses; e por fim ao naturalismo com as obras de Lucrecio e de mais poetas e pensadores. Vimos mais que os progres-

## A REACÇÃO

A URBANO LOUREIRO

Mostrou-se á luz emfim! eil-a que ardendo em sanha —negro bando em tropel—correu pela cidade, tinha no olhar faminto uma alegria estranha, chamava-se reacção a vil monstruosidade.

A' frente um bispo, um velho, em roda mil jesuitas, apóstolos do mal, com gestos piedosos erguendo sem pudor, as suas mãos precitas ás remotas soidões, dos mundos luminosos.

E elle, o successor dos velhos patriarchas, o refalsado guia, ao debandado armento, é hoje amigo e pae dos torpes heresiarchas que lançam para nós olhar sanguinolento.

Para a luta cruel esteve preparando a pleiade infernal da nova inquisição, tambem os lobos maus sabem juntar-se em bando para um dia descer do monte á povoação.

O tenebroso algoz que agora se levanta e que ostenta no andar um magestoso porte é como essa lethal envenenada planta que manda ás solidões o halito da morte.

Viageiro infeliz, que sob o galho umbroso, pendeu a frente sua, pallida, enfraquecida, não mais ergueu da terra o corpo vigoroso, e em convulsões febris sentiu voar-lhe a vida.

Se acaso, ao pé de vós, o negro arbusto expande, por sob o ceu azul, a delecteria essencia, vereis morrer então quanto ha de bello e grande a vida, a esperanza, o amor, as glorias da sciencia.

Pois nessa terra aonde cresce o liberalismo nos rudes corações dos homens laboriosos havia de aninhar-se o torpe jesuitismo como horda feroz de Caffres sanguinosos?

Erguei o canto, erguendo as liberaes bandeiras! e quando elle echoar nos seios da amplidão quem nos virá lançar ao pulso as gargalheiras e os fogos accender da santa inquisição?

Oh martyres fallae! erguei as vossas lousas vinde contar ao povo a sanguinosa lenda! Ergue-te, Gallileu, da gleba onde repousas e conta João Huss, a tua historia horrenda.

Contae pobres nações a lenda do esterminio a hecatombe sem fim, mais a trama infernal que ergueu sobre um altar a força e o assassinio e veio incendiar a Hespanha e Portugal.

Torquemada cruel, monstro voraz e mesto vós creações do mal, servos da impiedade jámais desfraldareis o lábaro funesto sobre a terra que foi o altar da liberdade!

Aves da escuridão, buscae vossas ruinas poisae nos corucheus das velhas cathedraes, por nós brilham no ceu auroras diamantinas por nós ha sobre a terra os cantos festivaes

por nós brilham no ceu os arcos da alliança por nós brotam da terra as peregrinas flores por nós essa, que agora, é timida creança ha de ser o Jesus, fallando entre os Doutores.

E vós que vos dizeis os filhos mais dilectos do lyrio de Judá, do pallido Jesus, conhecemos-vos bem, oh morcegos infectos successores e irmãos do cura Santa-Cruz!

Coimbra, 25 de junho de 1873.

LUIZ D'ANDRADE

dos das sociedades modernas provieram da luta constante que se travou durante 14 seculos contra o christianismo e tiramos como conclusão que todos os progressos sociaes se tem feito até hoje lutando contra as religiões.

A toda esta grande generalisação da historia humanitaria o que é que se oppõe? Alguns pontos isolados e a voz de dois ou tres pensadores celebres pelas suas opiniões, se não pelo seu saber. O primeiro que se destaca é S. Simon, o renovador do socialismo moderno, o creador d'uma religião nova, o proclamador da emancipação da carne e da mulher, o creador d'uma industria nova, a industria consociatoria para o operario por meio dos gremios e cathogorias industriaes, o innovador da associação universal com tres papas, o papa industrial, o papa scientifico e o papa artistico, e acima de todos elles um só e dominando-os a todos, o papa por excellencia, o summo sacerdote, o pontifice maximo da rua Monsigny e Tarenne, o grande revelador que oppunha ás maximas do cenobitismo christão: «mortificai-vos e abstende-vos», esta outra «santificai-vos pelo trabalho e pelo prazer», o sabio que avançava que «todas as instituições sociaes devem ter por fim o melhoramento moral, intellectual e phisico da classe mais numerosa e mais miseravel, aquelle novo profeta em fim, ha muito tempo annuciado desde Platão, Appolonio de Thiane, Themistius, Savonarola, Campanella, Thomas Morus, Morelly, Rousseau, Robespierre e Babeuf—«O mundo esperava um salvador, S. Simon appareceu. Moisés, Orpheu, Numa, etc., organisaram os trabalhos materiaes; Jesus Christo organisou os trabalhos espirituaes, S. Simon organisou os trabalhos religiosos; por tanto S. Simon resumiu Moisés e Jesus Christo; Moisés será no futuro o chefe do culto, Jesus o chefe do dogma, S. Simon será o chefe da religião, o papa»; eis o que diziam os seus discipulos.

O papa sacerdotal era o chefe supremo da egreja sansimoniana, a sua auctoridade era absoluta, elle devia ser o senhor de toda a propriedade do estado. Cada particular não podia possuir por si coisa alguma nem administral-a. Tudo devia passar primeiro pela mão do sacerdote para usar d'ella. O sacerdote maximo não consultava se não a sua vontade, era a lei por excellencia. A familia humana, diz a seita sansimoniana, não deve ser senão uma vasta sociedade de trabalhadores governada por uma hierarchia sacerdotal. «No futuro, diz elle, toda a lei é a declaração pela qual aquelle que preside a qualquer funcção, faz conhecer a sua vontade a seus inferiores e sancionando as suas prescripções por meio de penas e recompensas.» Nada de liberdade neste systema, a theocracia absoluta eis ahi a lei simoniana.

Como é que este sabio foi arrastado para semelhante precipicio? como pôde, pois, o seu systema encerrar toda a sociedade, todo o progresso de 3 mil annos num organismo sacerdotal? qual a lei da historia que o auctorizou a semelhantes corollarios?

Taes são os pontos de que teremos que occupar-nos no proximo numero.

(Continúa).

A. M.

### Noticias de Avelro

Já começou o bazar em beneficio da

Associação dos Artistas. Na primeira noite rendeu 160 ou 170.000 réis.

E a proposito convem lembrar a vantagem de uma *sociedade cooperativa de consumo*. Este monte-pio conta 10:000.000 réis em caixa. Facil lhe seria desenvolver o seu credito a ponto de crear uma cooperativa com todas as vantagens de que ella é susceptivel num pequeno centro.

A industria aqui é nulla totalmente. Sem iniciativa a terra esterilisa. Bom seria que alguém a movesse para felicidade de seus filhos.

—A sr.<sup>a</sup> condessa d'Edla é esperada aqui em setembro. Oxalá ella não repita a farçada d'Evora; e, se acaso o fizer, algumas verdades teremos de dizer ácerca da sua vida e da sua pessoa. Ficamos de atalaia.

—Alvorçam-se por aqui os animos com as noticias de Hespanha. Cada um julga vêr naquelles factos o descredito da Republica. Melhor lhes fóra ver nelles o descredito do carlismo.

—Fez-se a procissão do *Corpus-Christi*. Com mais ridiculo não é possivel fazer-se nada. E anda este pobre povo atraz d'aquelles sacerdotes burlescos... Mas o melhor ainda é a boa-fé com que elle aceita estas velharias.

—De resto pouco mais tenho a dizer-lhes. Muita procissão, e muita padralhada —eis o que por aqui temos.

A.

LISBOA, 25 DE JUNHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Saiu o livro do sr. Joaquim de Vasconcellos, *O Consumado Germanista*, a proposito do livro do sr. Gomes Monteiro, *Os Criticos do Fausto do sr. Castilho*. Afirmando os seus vastos conhecimentos sobre o assumpto em discussão, revela mais uma vez o sr. Vasconcellos uma imperdoavel leviandade lóra d'esse assumpto.

O amor do sr. Vasconcellos para com a Allemanha leva-o a conclusões desastrosas sempre que invade os dominios da litteratura franceza. Neste seu livro são victimas do sr. Vasconcellos—Paulo Féval, Dumas filho, Houssaye, etc. Algures foi Baudelaire. Os Hugos, pae e filho, não escaparam á borrasca. Em França apenas lhe mereceram indulgencia Caro e Marmier; isto sem embargo dos plagiatos do primeiro (vide:—Blanchet; *Le Faust de Goethe*, 1860, das deturpações do segundo (Savoy; *Revista do Norte*). Creio sinceramente que o livro do sr. José Gomes Monteiro nunca mereceu refutação, como a não merecem os seus apologistas. Misérias de tal ordem afogam-se no sentimento que as dictou. E' por isso que lamento ver o sr. Vasconcellos descer á arena, por tal motivo, a praticar injustiças revoltantes.

A linguagem rude do sr. Vasconcellos está naturalmente auctorizada pelas provocações burlescas dos seus contrarios. O seu livro constitue uma severa flagellação. Entre as demasias de phrase, que a indignação auctorisa e o arrulhar adociação da hypocrisia covarde não ha que hesitar, creio.

A imprensa, na sua maioria, calar-se-á d'esta vez e o publico apreciará por tal silencio os factos e os individuos. Seja assim. Vã-se, porém, registrando o occorrido e no meio das vergonhosas contemporisações e das baixesas sem nome, oiça-se ao menos uma voz que desprega d'um

lado as conveniencias e do outro as idolatrias.

—Recitou-se no theatro do Principe Real, na noite de 21, a poesia de Guerra Junqueiro: *A Hespanha Livre*. Foi calorosamente applaudida. Até á hora em que escrevo ainda os *dictadores* não fusilaram pessoa alguma. Esperemos.

—Foram nomeados socios da Academia das Sciencias os srs. Teixeira de Vasconcellos, Chagas e D. Antonio da Costa. Os dois primeiros —*effectivos*, o ultimo —*correspondente*. E' natural. O auctor do *Christianismo e o Progresso, Tres Mundos, Historia da instrucção popular em Portugal*, etc., vae no coice (sem epigrama) dos auctores das *Dois Facadas e Poema da Mocidade*. O trabalho sério tem d'estes inconvenientes. Entretanto a Academia continúa a ser coherente.

—O sr. Ferreira de Mesquita, sobrinho do *dictador* Fontes de Mello, foi nomeado para o logar de vogal effectivo do conselho geral das alfandegas. E' natural. Nem vale já a pena de protestar. Registremos apenas.

—Entre as novidades importantes dadas pelo *Diario de Noticias* avulta a de «ter o chefe de estado disparado alguns tiros em Vendas Novas com uma metralhadora.» Sua magestade anda aprendendo...

E ahi está porque sua magestade não foi heroico em a noite de 19 de maio, no alto da Ajuda: ainda não tinha aprendido. Agora, sim: vão para lá!...

—Continúa a escassez de novidades.

S. P.

## NOTICIARIO

Lemos num jornal da terra que houve ha dias um desaguizado, chegando-se a vias de facto, entre dois estudantes, um do 3.<sup>o</sup> anno juridico, o sr. Alcantara, e outro do 2.<sup>o</sup> anno de pharmacia. Não tinhamos noticia d'este incidente e por isso não demos mais cedo parte d'elle aos nossos leitores.

Não podemos, porém, ficar silenciosos perante o rigor da alludida folha que aconselhava ao prelado d'esta Universidade, toda a severidade contra o sr. Alcantara.

Não sabemos qual dos dois estudantes foi o offensor nesta questão e por tanto nada podemos dizer a este respeito.

Mas a nós parece-nos, embora se tenha usado por um anachronismo, que a carta constitucional não consente que esta questão não é ao prelado da Universidade quo pertence, mas sim aos tribunaes judiciais.

Os estatutos da Universidade estão velhos e caducos muitas das suas disposições acham-se revogadas por leis posteriores tacita ou expressamente.

Hoje não ha foros privilegiados se não aquelles que a Reforma aponta, e lá não vem o fóro da Universidade. E nem podia vir. A primeira condição que se exige, nos poderes do estado, é a logica, deve ella sempre buscar-se nas leis e na vontade, e razão do legislador. Ora se nós formos admittir dois foros que não são herarchicos, o fóro judicial e o fóro universitario, pode acontecer, já tem acontecido, que um individuo fica absolvido num e condemnado noutro.

Com que direito?

Qual o fóro que tem razão?

Como explicar esta continua antinomia dos dois tribunaes? Só vemos um meio, é supprimir um d'elles, o qual não pode ser se não aquelle de que não resa a nossa lei do processo.

Não pode com justiça, pois, o corpo universitario indagar das infracções da lei commettidas pelos academicos perante a novissima legislação.

Dantes justificava-se até certo ponto este proceder, porque o estudante era um individuo privilegiado debaixo de muitos pontos de vista. Não podia ser preso sem licença do reitor, tinha uma cadeia especial, tinha mesmo um direito civil em quanto á renda das casas especial e administrativo em quanto aos açougues da cidade, etc., mas hoje que não ha nada d'isso porque razão se ha de conservar o fóro especial?

Em boa logica e boa razão não vemos motivo para semelhante proceder.

E nem se pode ao menos argumentar com os funcionarios publicos, que logo que são processados ficam suspensos dos seus empregos, porque tambem ha exemplos em que tem sido accusados de infracções alguns individuos e não têm soffrido quebra nos seus estudos.

Foram presos pelo mandado despotico do chefe da policia os pacificos cidadãos Guilherme Braga, Urbano Loureiro, Borges de Avellar, Anselmo de Moraes, etc., por terem dado vivas á liberdade!!!!

## EXPEDIENTE

Os nossos illustres assignantes que sahirem de Coimbra tenham a bondade de participar á redacção o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.

## ANNUNCIOS

### COMPANHIA REAL

DOS

### GAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

## AVISO AO PUBLICO

Não é permittido aos conductores de omnibus, char-à-bancs, diligencias, etc., assim como aos agentes de hospedarias, ainda quando munidos de bilhetes de admisión nas *gares*, angariarem passageiros ou hospedes dentro das estações.

Outro sim é formalmente prohibido aos portadores de bilhetes de entrada nas estações, aproveitarem-se d'estes para venderem agua, fructas, doces ou qualquer outra cousa, no recinto das mesmas estações, a não ser que para isso tenham contractos especies com a Companhia.

Aos que transgredirem estas instrucções não só lhes será immediatamente cassado o bilhete, mas lavrado auto de noticia, em conformidade com o que dispõe o artigo 31.<sup>o</sup> e seus paragraphos, do decreto de 31 de dezembro de 1864 sendo os delinquentes entregues á auctoridade competente.

Lisboa, 9 de junho de 1873.

O Director da Companhia

M. Affonso d'Esperqueira.

Toda a correspondencia para este jornal deve ser dirigida a Joaquim Maria de Almeida, rua da Sophia n.<sup>os</sup> 59 e 61, encarregado dos negocios de expediente.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre... 300 réis, semestre de 30 numeros... 600 réis.—Para ás Provincias—Trimestre... 360 réis, semestre... 720 réis.—Avviso no proprio dia 20 réis.—Annuncios 30 réis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA.

Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.<sup>os</sup> 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da *Republica Portuguesa*, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 10

## O DESENVOLVIMENTO ECONOMICO NA MONARCHIA

No embate das opiniões e dos systemas o calor da refrega suplantada por vezes esta força moral, chamada logica, que organisa codigos, funda religiões, pulveriza erros, e vai mysteriosamente renovando a historia pela successiva introdução de novas aspirações na consciencia humana.

Necessita-se de muita logica em tempos de tamanha desordem intellectual, como são aquellos por que vamos atravessando. As escolas, que assentam uns principios, têm do accitar-lhe todas as consequencias com risco de perderem a auctoridade e legitimeza scientificas.

Os systemas não são organismos elasticos, aptos para tomar qualquer forma e traduzir indistinctamente os sentimentos de qualquer epoca ou civilização, como o pertenderam certos homens, que tão boa colheita tem feito na agricultura das velhas sementes.

Um systema é o que é. Nem mais nem menos. Por isso, o systema monarchico ha de ser julgado debaixo do ponto de vista dos principios que lhe servem de base. Querer alterar esses principios para depois applicar a monarchia a uma civilização mais adiantada, é tentar o impossivel. O mesmo acontece em religião. Um dogma não se altera; substitue-se.

As idéas novas querem novos moldes tambem. E' o que diz a voz magestosa e grave da historia.

Logo, a monarchia não se pode modificar até ser uma verdadeira Republica. Grande erro ha em pensal-o. Sejamos logicos e não queiramos ver consequencias, onde não ha principios que as legitimem.

Assente esta doutrina, que julgamos verdadeira, não tememos afirmar que a monarchia é incapaz de corrigir os defeitos da nossa organização economica. Porque collocar um homem acima dos outros, apesar de seu igual; dar-lhe amplas facilidades para moderar todos os poderes

sem mais regra que a sua vontade; annullal-o, tirando-lhe o mais bello caracteristico da dignidade humana—a responsabilidade dos seus actos; e em volta d'esse homem, d'esse rei, d'esse semi-deus crear uma hierarchia de seres degenerados, destinados a sustentar o privilegio e a corrupção no seio de uma sociedade? não é justo e, sobretudo, não é proprio de quem sente em sua alma o sagrado fogo da Liberdade.

Justiça e Liberdade, idéas formosissimas a que vamos prestando fervoroso culto, não existem na monarchia, que tem e terá sempre por fundamento a irresponsabilidade de um homem.

Sem Justiça e Liberdade não é possivel progresso industrial algum.

Como poderia, pois, a troca pela qual se operam as grandes evoluções economicas, desinvolver-se e aperfeiçoar-se no sentido da igualdade, sem o influxo d'aquellas leis? A influencia dos systemas politicos nos systemas economicos é decisiva, como solememente o attestaram as phases successivas porque o ser social foi passando desde o empirismo grosseiro dos primeiros tempos até ás concepções luminosas e audazes do espirito moderno. O que primeiro se nota nos regimens despoticos é a desigualdade entre o esforço e a produção, desigualdade que ficou gravada indelivelmente nas grandes construcções artisticas em que se gastaram gerações inteiras de pequeninos, chamados escravos, para quem a historia não teve uma palavra de consolo, uma lagrima de compaixão.

O desenvolvimento economico, que os systemas monarchicos com o seu espirito injusto e ingrato occasionaram, foi inteiramente burguez e contrario aos principios fundamentaes de uma sociedade bem organizada; economia dos economistas, economia burgueza, commercio explorador, agio desaforado, roubo legal, escravatura industrial, geração do proletariado, inversão de todas as relações legitimamente fundadas na natureza do individuo. Tal é

a fórmula economica que nos trouxe a realza.

Como poderá, pois, solver as difficuldades que ella mesma occasionou? Desappareceu por ventura a causa geradora? Ou a monarchia de hoje é uma Republica, como traiçoeiramente procuram insinuar alguns seus adeptos, que se servem d'este meio para conter a onda democratica que vai subindo?

O tempo dos sophismas já passou para dar lugar á epoca das realidades. Já se não illudem impunemente as aspirações de uma civilização inteira. O homem soffreu muito; foi victima de grandes injustiças e atozes desenganos antes que o calor intellectual começasse a dilatar sua intelligencia pelas espheras indefinidas da sciencia.

Hoje todos conhecem que a monarchia, fundada em tempos de ignorancia, não possui vitalidade sufficiente para resolver os problemas economicos, sociaes e religiosos que agitam profundamente a nossa epoca, epoca revolucionaria, epoca de critica, em que as velhas instituições entram precipitadamente no dominio da historia.

Portanto, o primeiro defeito do regimen monarchico para operar o desenvolvimento economico é a falta de Liberdade e de Justiça, que são as verdadeiras bases de todas as reformas sociaes.

No proximo numero continuaremos.

A. V.

## POLITICA INTERNACIONAL

Continúa a Hespanha a obra dolorosa da sua renovação politica e social, que os velhos elementos de reacção procuram vencer e aniquilar, sem se lembrarem que não ha força alguma neste mundo que possa inutilizar uma idéa, um principio, porque as idéas são o alimento moral das sociedades, alimento indispensavel sem o qual ellas não existiriam um só momento.

A fermentação que lavra neste paiz é profunda.

Não admira. Tantos seculos de monarchia, tantos seculos de catholicismo tradicional e intolerante, tantas tradições fradescas, tanto jesuitismo, tantos conventos, tanto prejuizo, tanta ignorancia, tanto fanatismo, tantas genealogias, tanta heraldica, desappareceriam em um dado momento sem ao menos lançarem um grito de indignação contra o attentado da sua existencia?! Quem o poderia acreditar?

A cousa é muito clara, e, todavia, não falta quem attribua estas perturbações á idéa republicana, a esta idéa santissima que representa a ordem por excellencia, porque o seu credo é a Liberdade e a Justiça, que são as unicas bases de um estado normal, positivo e duradouro.

Vós, que lancaes mão de todos os obstaculos para embaraçar a marcha das novas idéas; que incutis na alma do povo uns certos prejuizos contra tudo o que é progresso; vós, que quereis estancar as fontes d'onde a cada hora, a cada momento, a cada minuto, vai brotando a seiva que sustenta os principios moraes no seio das sociedades; vós, que representaes o velho espirito do passado; que pretendeis fechar todas as portas do futuro, do amanhã que tem de vir fatalmente; que envenenaeis com os vossos discursos as almas mais puras e elevadas; sois os que ainda tendes o arrojo de attribuir á Republica as desordens e a agitação de Hespanha!

A Hespanha agita se, por que quer ser livre, e a reacção lh'o embaraço; a Hespanha agita-se, por que um dia sentiu em sua alma o influxo de uma luz brilhante, e alguém pretende apagar essa luz; a Hespanha agita-se, por que quer varrer de seu solo, tantas vezes manchado pelo sangue de innocentes martyres, os milhões de prejuizos que, em nome da Igreja e do direito divino, lhe fanatisaram, durante seculos, a consciencia, fazendo d'ella uma nação pequena, uma indigna herdeira dos seus gloriosos heroes, uma nação fanatica, uma nação de beatas, que não se envergonhou de alimentar

## FOLHETIM

Damos hoje gostosamente cabimento na nossa folha á esplendida poesia que vae ler-se de Guilherme de Azevedo, um dos melhores poetas da actualidade e author já de varias obras em verso, entre a quaes se distinguem as *Irradiações*. O poeta acha mesquinho e ridiculo o culto á virgem e ao Deus das igrejas perante o grande templo da natureza, cujas forças são infinitas; ri-se do cantochão dos padres perante a harmonia e belleza que escuta nas espheras celestes e aconselha que, visto haver de tudo neste mundo, o padre não cante sómente o Deus eterno mas solte alguns *hurrahs*.

Eis o camartello que entrou na casa do Senhor. Não sei se a religião terá força para passar por estas e outras provas.

Os sonetos que vão em seguida são tambem obra de magnificos poetas que por modestia occultão o nome. Os nossos agradecimentos pelo favor com que nos honrão.

## O GRANDE TEMPLO

Eu não trajo o burel do magro cenobita, Nem me posso infligir cruéis macerações, Mas não rio d'algum que busca a paz bem dita No seio casto e bom das grandes solidões!

Bem sei que ha na montanha aromas penetrantes E certas vibrações que podem fazer mal, Mas se é preciso Deus, direi que é melhor antes Amal-o com fervor no templo universal.

Em quanto sobre o altar das serras azuladas Mil lampadas do ceu derramam toda a luz, Nas velhas cathedraes já meio arruinadas O Tempo—o grande verme!—até devora a cruz?

Depois é facil ver por entre os arabescos Que a arte sensual traçou com tanto amor, A's vezes, o sorriso dos Satyros grotescos Pungindo cruelmente a face do Senhor!

Ou mais; podemos nós voar todos captivos Do sereno ideal, d'aquelle summo bem, Ao vermos tanta vez os Faunos mais lascivos Olhando de revez a Virgem nossa mãe?!

E ainda mil trações: as musicas, as flores, Os lindos seraphins voando todos nus, Da seda que se arrasta os languidos rumores, Do insenso as espiraes, ds turbilhões de luz!

Oh! visto haver de tudo; aromas e decotes, O vinho scintillante, a viva luz do gaz, Que a vossa rouca voz, pomposos sacerdotes, Não cante apenas Deus; que solte alguns *hurrahs*!

O fumo d'essa festa, a mim, pouco me custa: Se eu quero alguma vez fugir do pó, voar, Eu tenho o val profundo, ou a floresta augusta, As montanhas, o ceu, e o bello, o vasto mar!

Da casta Natureza, ó templo gigantesco, Tu és mais amplo, sim, mais livre, muito mais! O meigo e doce olhar do Christo romanesco A multidão gentil não chama aos teus umbraes!

GUILHERME D'AZEVEDO.

## MORCEGOS

RESPOSTA AO SONETO DEECADO AO REDACTOR DO «JORNAL DA NOITE» INSERIDO NESTA FOLHA

Deixemol-os gritar. Que importa agora, Quando outro sol innunda a sociedade, Que se erga afflicta a voz da necessidade A amaldiçoar o brilho d'essa aurora?

Deixemol-os gritar... gritem embora. Que por isso não treme a Liberdade, Como tímida actriz que o palco invade Aos silvos de uma *claque* ameaçadora.

Não os perturbemos nós na sua gloria, E, pois, que vão cantando a velha Historia Como as notas de um côro sepulchral...

E em quanto que elles só pensam nas charadas Vamos nós acolhendo ás gargalhadas Os artigos que vem nesse jornal.

## A MONARCHIA

Andam a dizer mal da monarchia Mas sem razão nenhuma na verdade; Pois o que dá aos bons mais garantia E pune os maus com mais severidade?

Nunca paixões de certa qualidade Prevaleceram contra o que cumpria, Nem consta que inspirasse a iniquidade Despacho, lei, decreto ou portaria.

Ha setecentos annos simplesmente Que este systema nos governa, e vêde Por toda a parte a industria florescente.

Os caminhos de ferro—immensa rede!... E quanto a instrucção... toda esta gente Faz riscos com carvão numa parede.

aquella monstruosidade a que se deu o nome de inquisição, e ao mesmo tempo de venerar as figuras horrendas dos Filippos, Torquemadas e Loyolas, cujas sombras são evocadas pelos seus legítimos descendentes, pelos carlistas.

Por tudo isto se agita a Hespanha, e por tudo isto se devia agitar.

Queriam que a Republica carregasse com a bagagem das velhas doutrinas? Que não deslocasse erros para implantar direitos e crear deveres?

Pela leitura demorada dos jornaes hespanhoes podemos chegar á conclusão de que os successos occorridos em Sevilha, Barcellona, Malaga, Valencia e Cadiz não tem a importancia que se lhe quiz dar, porque não tiveram origem em um facto notavel, mas sim em questões particulares, em questões locais. Por isso, aquellas grandes cidades, vão entrando no seu estado normal, graças á vigilancia das auctoridades e do governo, que tem empregado todas as medidas de energia e prudencia, como aconteceu em Sevilha, mandando sair os voluntarios.

As difficuldades de formar uma combinação ministerial, difficuldades sérias, já foram vencidas. Pi apresentou ás côrtes o ministerio formado com; Pi, presidencia e interior; estrangeiros, Maisonnave; justiça, Gil Verges; guerra, Gonzalez; fazenda, Carvajal; marinha, Auriche; obras publicas, Costales; ultramar, Suner.

Pi declarou que o programma do governo não tinha mudado, que se resumia nisto: ordem e progresso. Disse que se necessitava de unidade para operar as reformas politicas e economicas, tendentes a melhorar as condições do quarto estado, victima da ingratição burgueza.

Suner prometeu um projecto de abolição immediata da escravatura em Cuba, declarando que desejava que ella formasse um cantão da Republica hespanhola.

Auriche prometeu a suppressão do almirantado.

A crêr o que dizem os jornaes de Hespanha este ministerio teve boa acceitação na opinião publica, por quanto o *Imparcial* afirma que diversos banqueiros de Madrid e do estrangeiro visitaram o novo ministro da fazenda, o sr. Carvajal, offerecendo-lhe recursos para acudir aos encargos da divida fluctuante, que em 30 de junho era de 120:270 contos.

Legado monarchico!

Castelar apresentou á comissão constitucional o projecto da constituição da Republica Federal Hespanhola, redigido por elle, Diaz Quintero e Canalegas.

Os trabalhos de organização não cessam, apesar dos desatinos da reacção, que busca pôr obstaculos a tudo.

Que ha a respeito de carlistas? Que fazem essas aves de mão agouro, essas aves de rapina, essas monstruosidades em a especie humana? Apoz a acção de Licumberri em que o brigadeiro Castanon com 200 homens se sustentou corajosamente contra 5:000 guerrilheiros, não se tem mais sabido d'elles. Os carlistas chamaram-lhe victoria, e todavia, perderam mais gente. Pyrrho tambem abandonou a Italia extenuado de forças o seu exercito, depois de ter ganho muitas batalhas. Foi vencido vencendo.

Na França o espirito reaccionario e tancanho do governo e da direita abre de dia para dia o abysmo em que brevemente ambos serão precipitados pela forte potencia da democracia, que agora, sobretudo, cresce nas grandes cidades. O *Cor-sario*, jornal republicano, é suspenso. O povo protesta. Mac-Mahon quer victoriar o Shah da Persia. A municipalidade de Pariz recusa-se. O principe Napoleão entra em Pariz chamado por Mac-Mahon. Pariz trata-o com indiferença. Ranc, deputado radical, é accusado de communista. Este recusa-se a comparecer, e o povo

aplaude-o. Gambetta revela o escandalo da circular de Pascal, e a França victorea Gambetta.

Assim se vae manifestando por toda a parte o antagonismo entre o governo e o povo.

Quem vencerá? Será a vontade de meia duzia de homens ou a opinião publica de uma grande nação?

## FACTOS CONTEMPORANEOS

1

São logicos os acontecimentos.

Hontem queimavam-se os jornaes liberaes, porque atacavam o jesuitismo. Hoje prendem-se e vexam-se os jornalistas independentes, porque dão vivas á liberdade. Hontem partia o attentado de um bando de fanaticos, acobertados com a capa hypocrita da religião. Hoje é o governo, por meio das suas auctoridades, que prende e espanca o povo, quando ergue a affirmacção do seu amor á causa da liberdade!

Acaso haverá ainda alguém que duvide do apoio que a monarchia está dando ao partido reaccionario, depois do que foi presenciado no Porto, e tem merecido a critica severa de todos os livres pensadores?

Acaso pode ser contestada a asserção de que a monarchia, collocando-se do lado dos padres, pretende tolher a marcha da idéa democratica, amordaçando o povo nas suas aspirações livres, algemando-lhe as consciencias para o fazer escravo dos seus caprichos e da vontade imperiosa d'uma realisa desprestigiada?

Está definida a feição do actual governo. Já era saliente a sua politica facciosa. Tornou-se mais uma vez notavel a sua indole reaccionaria.

São logicos os acontecimentos, todavia.

O espirito da epoca revolta-se contra as testas coroadas; não reconhece direitos sem deveres, não corteja o papado, só porque é tradicional. Isto não agrada á monarchia portugueza, e eis-a aliando-se com os padres para guerrear os partidos avançados, auctorizando, com a sua força material, as maiores prepotencias, servindo-se dos mais condemnaveis excessos para reprimir as liberdades individuaes! Ha logica neste proceder dos partidos monarchicos, aindos dos que se appellidam mais liberaes, mas o que não ha nelles é o bom senso de prever o resultado de tanta repressão odiosa que estão empregando para debellar a revolução democratica.

E' um engano! Podem conseguir entorpecer o movimento das idéas modernas, em um dia, mas não logram fazer que elle, no dia immediato, não rompa com maior vehemencia...

E' logico, que a monarchia portugueza, que tem vivido do poder dos padres, que merece a benção apostolica, e acceita a infallibilidade do Papa, porque acceita o catholicismo, esteja do lado do partido reaccionario. O povo é que deve odiar a politica dos monarchas e dos padres, porque ambos o procuram para instrumento das suas ruins paixões. Ainda ficou aos democratas o direito de dizer-lhe, que fuja d'esses elementos reaccionarios, já que lhes não permitem fazer em publico a propaganda avançada, nem tão pouco lhes consentem os gritos espontaneos em favor da Liberdade e dos principios eternos da Justiça e da Igualdade.

Em nome, pois, d'esse direito, applaudo, como republicano, a attitudo energica dos liberaes do Porto em presença do despotismo da auctoridade connivente com as manifestações aciniosas dos neo-catholicos. Applauzo do coração os seus protestos, porque são um brado valoroso contra a aliança dos padres e dos reis, e exprimem a effervescencia da paixão mais nobre que o homem livre pode aca-

lentar—a paixão pelo triumpho da causa democratica, cuja politica inutilisa pelos seus rasgos fecundos, a influencia de todos os elementos reaccionarios, que estão estabelecendo a grande luta entre o passado e o futuro, a oppressão e a liberdade.

Cumpriram os liberaes do Porto o seu dever; continuará o governo a proteger abertamente a reacção depois das manifestações que se deram?

E' natural que sim. Será natural tambem que mais depressa do que se pensa a Republica seja aqui uma realidade.

Albano Coutinho Junior.

## BIBLIOGRAPHIA

### DA REVOLUÇÃO

Conferencia feita na Federação Academica

POR

Luciano Cordeiro

De ha muito acostumado ao sedio plagiar do nosso mercado litterario, quasi julgara impossivel o accesso de um bom livro, quando ha dias passados, fui suavemente despertado pela voz austera de um ousado campeão.

Li e reli a conferencia. Meditei-a largamente. Senti nella o quer que seja de musculoso e viril que me entusiasmou docemente. Depois appliquei-lhe o escalpello com a fineza que a sciencia reclama, e para logo a introduzi entre os bons livros da minha pequena bibliotheca.—Este o maior elogio do trabalho, e, quicá, o seu mais relevante merito.

Trata-se da revolução pela sciencia. Para isso interroga-se a natureza e a Historia; «a natureza, isto é; a mãe que pela philosophia se mostra; a Historia, isto é, a mestra que pela Philosophia revela a mãe.

«Natureza e Historia: o homem é o producto d'isto.

«Supprimi a natureza e só tendes o Homunculus. Supprimi a Historia e só tendes a Utopia. Sem uma não tendes o Homem. Sem a outra não tendes a sociedade. Ora nós o que o procuramos? O homem verdadeiro, isto é, o homem livre; a verdadeira sociedade justa. Sem aquelle não existe esta. Sem esta é impossivel aquelle.

Sem o Homem-Livre a sociedade é uma utopia. Sem a sociedade justa o Homem-livre é um Homunculus.

«A harmonia d'ambas no Homem é o direito. Teve talvez esta intuição Lermnier, quando disse:

«O direito é a vida.»

Em synthese ali fica o trabalho. As conclusões são obvias. Ou só a natureza é fatal, e então o homem, como producto d'ella, tambem o deve ser; ou só o homem é fatal e então a natureza pode deixar de o ser por isso que o principal não segue o accessorio; ou ambos são fataes e, nesse caso, fatal tambem a evolução que os gerou.

Mas o homem-livre, como quer Luciano Cordeiro, não é, nunca foi, o homem-fatal. Logo só a natureza é livre. Porém, o homem, como accessorio que é, tem de seguir o principal. Logo a contradicção é manifesta.

A meu vêr o pensamento de Luciano Cordeiro era até certo ponto muito sustentavel debaixo d'outros termos.

Eu não acredito na liberdade. A necessidade que o homem tem de se conformar com a sua razão, seguindo os dictames da propria consciencia, pode traduzir-se praticamente por meio da fatalidade.—Subjektivamente, pois, existe a liberdade, mas só objectivamente existe a fatalidade.

Noutros termos—a liberdade é um principio innato e metaphysico, existente, apenas, nos dominos da psychologia. Quando

exteriorizado, este principio toma o nome de fatalismo.

Mas, como as relações sociaes são essencialmente objectivas, humanas—se assim me posso exprimir—segue-se que só o fatalismo domina as sociedades actuaes.

A idéa não se materialisa; é intima, espiritual. Pretendendo objectivar a propria consciencia tem o homem chegado a resultados desastrados, confundindo o symbolo com a idéa, e retrogradando assim aos primitivos tempos da religião pagã.

A sociedade, como complexo de relações, é, pois, fatal. Os principios necessarios, absolutos são uma perfeita aberração scientifica, numa epoca em que a observação e a experiencia, coadjuvadas pela philosophia positiva, começam de actuar poderosamente nos destinos da humanidade.

Nem substancias, nem causas. Os phenomenos, succedendo-se uns aos outros, constituem de per si só uma grande sciencia—a sciencia do real e do verdadeiro. A ontologia, portanto, fica fóra de combate. Toda ficticia e abstracta tende ella naturalmente a ser substituida pela physiologia, uma das alavancas do futuro.

A parte este pequeno reparo, tem a conferencia de Luciano Cordeiro o supremo merito de uma boa linguagem, vernacula e clara, o que é deveras raro, nestes tempos de prosa baixa e obscura.

Tanto a communa de Paris como a internacional se podem tomar já hoje como uma vaga aspiração scientifica a um novo estado e melhor, e nunca uma aberração social. Nestes pontos me considero, pois, de perfeito accordo com o auctor da conferencia, rematando estas ligeiras observações por um sincero parabem a toda a *Federação Academica*, que dentro do seu seio abrigou e applaudiu tão distincto obreiro.

MAGALHÃES LIMA.

## QUESTÕES THEOLOGICO-SOCIAES

Perguntavamos nº numero antecedente como foi que S. Simon, original debaixo de tantos pontos de vista e um dos chefes do socialismo moderno, pôde ser arrastado a subjeitar toda a sociedade a um regimen sacerdotal? Isto equivale a perguntar porque S. Simon, o auctor da *Reorganisação da sociedade europeia*, das *Cartas sobre a Encyclopedica* e muitas outras obras, escreveu por fim o *novo christianismo*. A essencia d'esta obra é que a religião não pode desaparecer. «A ultima parte dos meus trabalhos, diz elle, o *novo christianismo*, não será desde logo comprehendido. Acreditou-se que todo o systema religioso devia desaparecer no futuro, porque se conseguiu provar a caducidade do catholicismo: enganaram-se: a religião não pode morrer; ella não faz senão transformar-se.»

S. Simon queria a religião progressiva; o seu methodo historico levava-o a não supprimir nem um elemento ou instituição historica. Os methodos modernos de simplificação e suppressão da auctoridade, de Proudhon e E. Girardin, eram inteiramente desconhecidos ao neto do grande senhor da corte de Luiz XIV, o duque de S. Simon.

Combatendo o systema da religião da media idade continúa elle, não se provou outra coisa senão que elle já não era em harmonia com os progressos das sciencias positivas; mas por isso não se deve injustamente suprimil-o, deve tão sómente pôr-se de accordo com o aperfeioamento das sciencias.»

Para sustentar estes principios S. Simon lançava mão da historia e agitava-a a seu modo, semelhante a uma massa mole que reveste todas as formas e se presta a todos os typos e creações da arte.

Assim nos veio dizer «que foram os sacerdotes egypciacos que inventaram o polytheismo e foram os gregos que foram po-

polytheistas; que foi Socrates que inventou o theismo e que foram os romanos que o seguiram; que todas as religiões têm sido fundadas sobre o systema scientifico e que toda a reorganisação do systema scientifico arrastava por conseguinte melhora-mento do systema religioso, e que era d'uma grande vantagem que as idéas dos pensadores fôsem adoptadas pelos crentes.»

Eis ahí o fundo da argumentação d'este sabio.

Se toda a sciencia d'uma epocha se tornava em religião, o que se seguia fatalmente, era que os representantes d'esta religião, os sacerdotes deveriam conter entre suas mãos todo o poder, porque eram os unicos que possuíam conhecimentos capazes de guiar os homens e por conseguinte a theocracia era o unico governo. S. Simon nunca se lembrou de considerar o homem livre de qualquer tutela.

As vistas historicas de S. Simon são falsas, e faltas de todo o fundamento.

Já mostrámos no primeiro artigo sobre esta questão que todo o progresso da sociedade se tem effectuado lutando contra as religiões.

As asserções de S. Simon que ficam acima exaradas são uma negação do que deixamos dito, mas não nos convencem, não obstante a auctoridade do seu nome.

Para nós não é uma *sociometria* infalível, e um caracteristico indubitavel para avaliarmos o progresso da sociedade, o ser a religião *polytheista* ou *unitheista*; primeiramente porque o estado das crencas religiosas não dá exactamente a medida do aperfeiçoamento social; em segundo lugar, porque todas as crencas são ainda hoje uma amalgama confusa, uma verdadeira macedonea de opiniões tradicionaes que se ligam mais ou menos ás trez formas conhecidas de religião, *fetichismo*, *polytheismo* e *unitheismo*.

Ninguém sustentará que os sectarios do monetheismo puro, os crentes de Allah por exemplo sejam os povos mais aperfeiçoados do globo.

O seu estado social é evidentemente inferior ao das republicas antigas da Grecia e Roma. O christianismo mesmo não se pode apresentar como um modelo de simplicidade; em quanto ao culto elle é uma copia ignobil na maior parte dos casos do fetichismo e do polytheismo. E' assim que nós vemos diariamente attribuir-se um poder occulto aos rosarios, aos escapularios, aos ramos bentos, á imagem dos santos e das santas, no meio das sociedades mais avançadas da nossa epocha.

Em quanto a dizer-se que Socrates foi o inventor do theismo e que foram sómente theistas os romanos, tal opinião tambem não é verdadeira, por quanto muito antes de Socrates eram theistas já os hebreus. Tambem não foram sómente polytheistas os gregos, foram-no todos os povos da antiguidade, os egypcios, com o culto de Isis, Tiphon, Osiris, Amuphis, etc.; foram-no os phenicios, com o culto a Adonis e Astrea; foram os persas, com o culto a Bello e a todos os astros do estrellado elemento; e, se alguma cousa copiaram dos egypcios os gregos, não foi o seu polytheismo, mas sim o seu monetheismo, que se dizia existente entre os sacerdotes do Egypto como uma doutrina secreta.

S. Simon não viu nada d'estas coisas; em primeiro lugar porque os estudos religiosos na sua epocha ainda não estavam sufficientemente desinvolvidos; em segundo, porque teve sempre como ideal uma religião e d'alli foi levado a consagrar e admittir o catholicismo, que é uma das mais perfeitas.

S. Simon pertencia a uma familia nobre de França; havia de ter todos os prejuizos da sua raça, e se se desembarçou com o tempo de alguns, não o pôde fazer em quanto á religião.

O throno e o altar andaram sempre unidos e a S. Simon não repugnava esta alliança, antes a preconizava e a queria cada vez mais intima.

Reconhece-lhe toda a auctoridade. Se se

trata d'uma questão religiosa, dirige-se ao Papa e pede-lhe o seu conselho; se é uma politica, encaminha-se para o paço do rei constitucional; se d'uma questão industrial dirige-se aos grandes capitalistas. Conserva tudo o existente na sociedade e só derroca uma coisa, aquillo sem que a sociedade se não pode conceber— a propriedade. Provavelmente porque gastou tudo o que possuia e por este meio desejava ser Papa e tornar-se o senhor da propriedade de todo o mundo, segundo os principios do seu systema.

Isto são meras hypotheses, nós queremos suppor interesses mais nobres a este sabio. Supponmos que foi arrastado para este systema, não tanto por interesse como pelo exemplo vivo da Europa.— Naquelle tempo era a epocha da reacção contra a philosophia do seculo 18, a epocha do misticismo allemão, a epocha que resuscitou o romantismo christão e que tinha á face um Chateaubriand, o poeta Novalis, os irmãos Schlegels, o philosopho Jacoby. Todos estes sabios se pozeram a deificar a idade média em prosa e verso e o resultado foi uma transformação no modo de sentir da parte de todos homens d'onde proveiu um retrocesso na sciencia; porem hoje retoma-se a cadeia interrompida do seculo 18 e considera-se a epocha romantica com um parenthesis no desenvolvimento humano.

S. Simon foi arrastado nesta corrente; é por isso que a sciencia foi muito mais longe do que as suas vistas. Nunca passou d'um theologo do socialismo; nada de definido se encontra em suas obras. Nem processos technicos, nem descobertas de industrias novas ou sciencias. Elle mesmo não possuia conhecimentos exactos sobre coisa alguma.

Quiz estudar tudo e afinal nada profundou. Uma grande parte dos seus erros provém d'esta falta.

(Continúa).

A. M.

## PROGRAMMA

DO CENTRO REPUBLICANO FEDERAL DE LISBOA

«I.—Queremos a abolição da monarchia, e a proclamação da Republica Democratica e Federal Portugueza.

«II.—A Republica Democratica e Federal Portugueza será constituída por estados autonomos, cujo numero e limites serão fixados ulteriormente; e as cidades de Lisboa e Porto serão alternadamente as capitães da Federação, por periodos de dois annos.

«III.—Queremos que a Republica Federal tenha por base a independencia da parochia e do municipio, sem a tutela administrativa nem as instituições por esta criadas, como governadores civis e administradores de concelho, sendo a parochia e municipio completamente livres na gerencia de todos os interesses respectivos, como obras publicas, impostos, propriedades communs, escolas, policia, etc.

«IV.—Queremos que a Republica Federal Portugueza garanta a todos os cidadãos de ambos os sexos que a constituirem, os direitos individuaes: de pensar, direito de fallar, direito de imprimir, direito de reunião, direito de associação, direito á instrucção, direito ao trabalho, direito ao credito e direito á propriedade.

«V.—Queremos o suffragio universal para todos os membros da Federação Portugueza, tanto do sexo masculino como do feminino, que tiverem completado dezoito annos.

«VI.—Queremos a inviolabilidade absoluta do domicilio e correspondencia.

«VII.—Queremos a abstenção completa da lei em materia de casamento, considerando-se este como um simples contracto entre o homem e a mulher, contracto livremente consentido, ficando á lei apenas a vigilancia para obrigar os contractantes

ao cumprimento das condições a que se houverem sujeitados.

«VIII.—Queremos que a cada um assista o direito de resistir ás auctoridades, todas as vezes que estas, no exercicio das suas funcções, praticarem abusos; e que qualquer cidadão tenha o direito de chamar perante os tribunaes os funcionarios publicos, por crime de que os considerar culpados.

«IX.—Queremos para todos os cidadãos que tenham completado 18 annos e estejam no gozo dos seus direitos civis e politicos, o direito de serem eleitos e tomarem parte em cargos publicos da Federação, estados, provincias, municipios e parochias da mesma; e para os quaes cargos não seja necessaria uma capacidade scientifica especial, designada pelas leis.

«X.—Queremos a abolição da prisão preventiva para todos os suppostos criminosos, excepto no caso de manifesto flagrante delicto de assassinato.

«XI.—Queremos a eleição de todas as auctoridades populares, como juizes, escriptães de fazenda e judiciaes, recebedores, thesoueiros, administradores, feita directamente pelo povo.

«XII.—Queremos a eleição de uma camara federal, na qual resida o poder soberano e central da Federação Portugueza, eleita por suffragio directo, cujos poderes durem dois annos e que tenha a seu cargo:

Estabelecer as relações diplomaticas com as nações estrangeiras;

Contrahir alianças com essas nações e fazer tractados de commercio;

Superintender sobre os correios, telegraphos e caminhos de ferro, ficando ás parochias, municipios, provincias e estados o direito de servirem-se d'elles, para fins officiaes;

Pagar os juros e amortisar a divida publica;

Resolver os conflictos que surgirem entre os estados ou entre estes e a Federação;

Legislar sobre a unidade de pesos e medidas e moeda;

Superintender sobre o exercito e marinha federal;

Organisar a defesa e fazer a paz;

Nomear, remunerar e regulamentar os empregados permanentes da Federação;

Velar pela segurança interior e exterior da Federação;

Fazer as leis necessarias para fixar a competencia dos tribunaes em todos os Estados da Federação, sobre a base de justiça gratuita, instituição do jury para todos os processos civis, criminaes e correcçoes, jury eleito pelo povo, assim como os juizes;

Fixar a epocha das suas reuniões e duração das sessões legislativas.»

(Continúa)

LISBOA, 2 DE JULHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Saiu o 1.º numero do *Rebate*, orgão do partido republicano federal de Lisboa. Inserere o programma do mesmo partido. O artigo principal é obra d'um espirito profundo que desejamos ver amiudadas vezes na arena. Na terceira pagina, subordinado á epigraphe—*O direito de pensar*, lê-se:

«Lemos as apreciações que o correspondente d'esta localidade para a *Republica Portugueza* fazia a respeito do jornal republicano federal—*O Rebate*.

«O correspondente limitou-se a dizer duas coisas, metendo a ridiculo o direito de pensar, que no programma se pede e deixou ficar no inteiro tudo o mais.»

..... «seja-me todavia licito dizer que achamos menos fundamentada a sua critica ligeira sobre o direito de pensar, que se pede no programma do *Rebate*.

«Pede? Cremos que tambem não deve

dizer-se assim. Os direitos individuaes não se pedem; elles são superiores a todas as leis.»

«O catholicismo admittre a liberdade de pensar? Não admittre. E o estado catholico? Tambem não. Fóra d'aquí, o anathema lançado por certa gente contra determinadas doutrinas, e a perseguição contra os que as evangelizam, significam no fundo o direito de pensar.»

Dois palavras apenas: Se a idéa que o *Rebate* apostolisa não fosse digna de veneração; se o jornal que a proclama não merecesse por tal respeito muita sympathia; existiria o ridiculo de que falla o articulista, mas esse ridiculo partiria do proprio articulista.

Sabe este que é difficil a situação de quem, obrigado a defender-se d'uma suspeita aleivosa, não pode fazel-o sem dizer algumas palavras amargas que darão momentos de prazer aos interessados nestas discordias. Affirme-se bem alto que—é uma questão quasi pessoal esta que se ventila, uma questão de palavras, e não uma questão de principios ou de doutrinas.

O articulista tomando sobre si o encargo de traduzir a intenção d'uma collectividade, diz-nos que o programma pede o direito de pensar, mais abaixo affirmá de novo que se pede esse direito. Mais abaixo ainda pergunta a si proprio se se deve dizer assim, e a si proprio responde que—não deve dizer-se.

Entretanto estou esperando a sua resolução, mas como não parece ter chegado a formal-a continuarei a dizer que—*pede* o alludido direito.

Diz: «O catholicismo admittre o direito de pensar? Não. E o estado catholico? Tambem não. Logo o anathema lançado por certa gente contra determinadas doutrinas, etc., significam no fundo a negação do direito de pensar.

Isto tem alguma coisa de pueril que nos dispensaria de responder se não attentasse no tom dogmatico de quem formulou coisas de tal ordem.

O articulista está, como eu, creio, fóra do catholicismo e do estado catholico: que lhe importa pois a permissão que d'alli lhe é negada? Vê no fundo dos anathemas a negação do direito de pensar: e que dirão os partidarios do direito divino? Protestam contra a suppressão de tal direito, que, segundo a theoria nova, existe no fundo dos anathemas que lhes enviamos.

Neste periodo que atravessamos, em que a palavra *sciencia* anda na bocca de todos ainda mesmo na de quem não sabe pronunciar-a, é mister não perder de vista alguma cousa que anda quasi abandonada: o censo-commun e o respeito de nós mesmos.

Nada mais sobre isto.

—O *Jornal da Noite*, condemnando a primeira republica franceza, falla com horror da corrupção do jornalismo nos tempos da Convenção e do Directorio.

E' d'uma ironia finissima! Aquillo é, por mais que digam, allusão a algum collega. O sr. Teixeira de Vasconcellos possui todos os dotes para fustigar a monarchia.

—Parece que se pensa de novo em levar ávante o inquerito no Correio Geral. Ha alli agitação e terror. Entre o perpassar d'escandalos monumentaes a que assistimos diariamente, venha esse parenthesis de seriedade e de arrependimento. Já é tempo.

—Sairá no dia 24 de julho o 1.º numero da *Democracia*, redigido pelos srs. Latino Coelho, José Elias Garcia, etc. Ignoro quaes sejam as doutrinas e a indole da nova folha. Parece que fluctuará entre a republica conservadora e o monarchismo avançado (sic.) O que for, ver-se-ha.

—O sr. Graça Barreto vae publicar um novo trabalho sobre a questão da pretendida traducção do *Fausto* do sr. Castilho. A imprensa, que exultou em tempos lievanamente com a appareição do livro do sr. Gomes Monteiro, tem guardado sobre as refutações dos srs. Joaquim de Vasconcel-

los e Garcia Barreto o mais coerente dos silencias. E' natural.

—O *Diario Illustrado* continúa a existir e prosegue na sua brilhante carreira. O *Jornal da Noite* vai trilhando a mesma senda.

D'aqui não ha a esperar arrependimento.

—Estão publicados os fasciculos VI e VII da *Bibliographia Critica de Historia e Literatura*; inserem, entre varios artigos, um do sr. Theophilo Braga sobre o character litterario do sr. Alexandre Herculano, a proposito dos *Opusculos* d'este escriptor.

E' uma apreciação severa, mas tristemente verdadeira. E' mister um desprezo profundo pela opinião cretinizada das maiorias para dizer verdades de tal ordem ácerca do nosso primeiro vulto official. Estimo ver confirmadas pelo douto auctor da *Historia da Litteratura Portugueza* as reflexões que algures formulei a proposito do ultimo livro do sr. Alexandre Herculano (1).

O mesmo numero da *Bibliographia Critica* insere um artigo do sr. Adolpho Coelho a proposito das *Raças historicas da Peninsula Iberica*, pelo sr. dr. Correia Barata. Fazendo justiça á intenção do auctor, justifica o sr. Coelho por alguns breves reparos as ultimas linhas do seu artigo: «estamos certos que se o sr. dr. Barata se convencer da mesquinhez da educação universitaria e de que se não se faz sciencia com meia duzia de livros mal estudados ou com phrases pompozias, nos dará obra que mereça o louvor da critica, e é esse o nosso desejo.»

Tambem sobre o trabalho a que allude o sr. Adolpho Coelho tive ensejo de formular um breve reparo no 1.º numero do *Espectro de Juvenal*. A verdade e a consciencia apparecem onde existem.

—Escassez absoluta de novidades.

S. P.

## NOTICIARIO

Vai publicar-se no Porto um livro intitulado—*Horas lucidas*. E' seu auctor o sr. Boaventura da Costa.

Lesseps, aquelle immortal Lesseps, que deu ao mundo o espectáculo de uma das maiores maravilhas que tem realiado a arte, projecta agora uma empresa não menos colossal que a do istmo de Suez; tal é a de unir o caminho de ferro de Orembourg, ponto avançado da Russia, com o do Pesharvur, na India ingleza. E' a arte preparando na natureza a federação do genero humano, que a politica realisarà um dia na sociedade.

Diz *La Igualdad*, eloquente jornal republicano de Madrid, que existe nos Estados Unidos um original e famoso industrial que se dedica á exploração de viventes\* curiosidades humanas. Quanto não daria este cidadão por apanhar enjaulado o cura Santa Cruz!

Recebemos um exemplar das *Theses* e outro da *Dissertação inaugural* do sr. dr. Francisco Adolpho Manso Preto. A *Dissertação* que tem por objecto «as *Cordas Vibrantes*», acha-se dividida em duas partes muito distinctas; na primeira parte expõe alguns pontos de *analyse mathematica*, necessarios para o desinvolvimento do problema; na segunda apresenta a resolução d'elle, como hoje a sciencia o considera.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

(1) Vide: *Espectro de Juvenal*, n.º 2.

Começou a publicar-se em Beja um novo jornal intitulado a *Independencia*. Diz o collega que ha de ser severo na apreciação dos factos. Bem vindo seja, que grande falta ha de campeões nesta sentina de immoralidade, a que se chama politica portugueza.

Dizem-nos que foi demittido o commissario de policia do Porto, dando-se assim satisfação ao povo d'aquella cidade, justamente indignado contra a prepotencia d'uma auctoridade que fazia lembrar os antigos tempos. Realmente a manifestação que o Porto acaba de fazer impõe um certo respeito. . . mesmo aos *grandes senhores* do poder.

O partido republicano de Zaragoza, em união com Huesca e Tétel, manifestou defender a todo o transe a republica federal.

A imprensa constitucional da nossa terra occupa-se dos acontecimentos do Porto em que foram presos varios cavalheiros. Para nós tudo isto foi um facto logico. Não concebemos liberdade existindo monarchia e religião catholica-apostolica-romana. Todos os progressos sociaes se tem manifestado no mundo ceceando a alçada da monarchia e da igreja. Levemos esta triste historia até ás suas ultimas consequencias e teremos a supressão d'uma e outra; só então podem ser livres os povos. Mas o que a nós nos admira é o zelo de alguns jornaes da opposição em defender a liberdade agora que estão fóra do poder, ao passo que quando foram governo não recuaram em fazer correr o sangue em Arada a proposito dos arrolamentos!

Coherencia, srs., se quereis ter alguma auctoridade. Sois todos uns, o ponto é serdes governo. Uns, mandaes fechar as portas do Casino, outros assassinaes em Arada, outros mandaes supprimir os circulos eleitoraes.

Sois todos uns; a coisa é estar no pe-leiro.

A *Verdade*, jornal carlista hespanhol ficou horrorizada por ser nomeado ministro do ultramar Suner, o atheu confesso que fez a sua profissão anti-religiosa perante o parlamento. A folha reaccionaria diz que brevemente virá do céu um tremendo castigo.

O' collega, será a *paga* dos gafanhotos do Egypto, a subversão de Sodoma e Gomorra ou o dilluvio?

Já terminaram os actos no 1.º e 2.º anno de direito. Formaram-se duas mesas no 5.º para terminar mais depressa os actos da formatura, os quaes vão ainda muito atrazados.

Estivemos na Portella e vimos os trabalhos da ponte que se anda construindo sobre o Mondego naquelle sitio. Acha-se quasi acabada e brevemente poderão transitar por ella os carros e os trens. E' soalhada de madeira, e os arcos são de ferro, e unicamente tem de pedra os pe-gões sobre que assenta. Consta-nos que se prepara grande festa para o dia em que se abrir o seu transito ao publico.

Tem sido muito louvavel a diligencia e actividade do municipio d'esta cidade pelo muito que tem desinvolvido os trabalhos municipaes, mandando soalhar de novo

muitas ruas, e curando ao mesmo tempo da sua limpeza.

E' pena que no meio de tantos melhoramentos uteis alguns, sumptuarios outros, lhe esquecesse a rua das Figueirinhas, que se acha intransitavel pelo seu mau piso, escalavrada e escorregadia. Muita gente pergunta: porque será que a camara tem tanta predilecção por certas ruas em quanto aos melhoramentos, ao passo que tem esquecido absolutamente outras?

Saudamos hoje alegres e regosijosos a appareção do *Rebate*, novo órgão da imprensa republicana federal de Lisboa.

O 1.º artigo intitula-se a *idéa revolucionaria*. Diz que esta idéa já não aterra ninguém, porque revolução é aperfeiçoamento. Em seguida insere o programma da republica federal portugueza. Consta de 28 artigos, o qual nós vamos transcrever, para que os nossos leitores julguem por si, e por fim emittiremos a nossa opinião sobre elle assim como o já fizemos sobre o manifesto da união republicana.

Bem vindo, collega. Vamos desbravar este terreno inculto, este matagal, esta gandara chamada Portugal monarchico. Luz e mais luz, amigos; confundamos os morcegos da monarchia. Mostremos ao povo que a Republica não é a desordem mas sim o governo da moralidade, da justiça e da economia. Ensinemos ao povo a pronunciar as palavras de *liberdade, equaldade e fraternidade*. Trabalhem todos para acabarmos com esta entidade metaphisica, chamada a politica monarchica, a politica das camarilhas; e em vez dos organismos fantasticos e apparatusos, ao fundo mortos da politica, opanhamos os organismos vivos dos estados economicos.

Tendes razão no vosso artigo de fundo; quando uma náu não pode já certar as ondas do mar salso, nem resistir aos vendavaes, atravessar os baixios e os recifes, lança-se-lhe o machado, e aproveita-se o que é util; quando um velho pardieiro ameaça ruina atira-se a terra e começa-se a readificar de novo.

A sociedade injusta, a sociedade anarchica, a sociedade velha e pôdre é semelhante á náu arruinada e ao pardieiro que tomba; a intelligencia do estadista não se revela em a conservar naquelle estado mas sim aproveitar o que ainda fór util. Ora nisto são os republicanos federaes mais diligentes do que ninguém, porque restituem a cada terra a sua autonomia, e o povo possui um sublime bom senso para aproveitar o que lhe convem.

Lêmos no n.º 71 de um papelucho que se publica no Minho com o titulo o *Correio do Minho* uma correspondencia datada de Soure onde se pertende manchar o nome de um academico do 4.º anno de direito, que teve a desgraça de levar um R. Tamanha serie de columnias e inepcias não podia deixar de apparecer em um jornal que adora os carlistas como adora Miguel II, o rei portuguez do seculo 22. Para moralidade publica temos a declarar que o academico que se pertendeu enodoar com aquellas linhas, que recordam as do *Diabo fechado na minha gaveta*, é um cavalheiro dotado dos mais nobres sentimentos, distincto pelo seu comportamento e digno da amizade de pessoas honradas.

Recebemos *La Justicia Federal*, diario democratico de Madrid, de que é redactor e proprietario o illustre Roque Barcia.

Quem ha abi que não conheça este campeão denodado da Democracia hespanhola? Livros, pamphletos, jornaes, discursos, tudo tem empregado este energico publicista para a victoria da causa republicana.

Saudamos o collega e agradecemos a troca.

Publicou-se o 1.º numero da segunda serie do XVII anno do *Instituto*. Traz artigos de critica historica e mathematica.

No Brazil, a colligação dos bispos reaccionarios tem lançado a discordia ao seio da sociedade. Notavelmente em Pernambuco, uma das provincias mais liberaes d'aquella nação, ao influxo d'um bispo jesuita e inepto, o partido do auto de fé e da forza ameaçava uma conflagração geral. A um venerando sacerdote fóra dada, pelo chefe da diocese a suspensão. O povo porém, o grande e terrivel juiz, lavrou um ruidoso protesto aclamando em altas vozes o sacerdote digno. Fallaram alguns liberaes, e a multidão que alli estacionava partiu para o convento dos jesuitas onde causou algum destroço. Este ultimo facto tem servido, nas camaras brazileiras, para notaveis debates graciosos, nos quaes tem tomado parte o senador jesuita de nome Mendes, expondo em defesa dos homens da sotaina a sua velha rhetorica declamadora. Este cavalheiro, que apenas conhecemos por alguns trechos dos seus lugubres discursos, cremos que tem proporcionado á camara momentos bastante agradaveis.

Mendes! terrivel Mendes, serás tu o Manuel Mendes Enxundia?

No *Jornal da Noite* encontramos umas prosas soporificas em defesa da monarchia. O auctor d'ellas não diz cousa alguma, sómente acha que os republicanos convictos são mais raros que os corvos brancos. Ora o auctor ha de consentir-nos uma leve pergunta: Quantos monarchistas sinceros conhece?

Cremos que os republicanos, que estão na estacada como os soldados voluntarios d'uma causa santa, dão maior prova de convicção, do que esses que, defendendo a monarchia, defendem os seus empregos, as suas conveniencias. . . e os seus estomagos.

## EXPEDIENTE

Os nossos illustres assignantes que sahirem de Coimbra, tenham a bondade de partel-par á redacção o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.

## ANNUNCIOS

Toda a correspondencia para este jornal deve ser dirigida a Joaquim Maria de Almeida, rua da Sophia n.º 59 e 61, encarregado dos negocios de expediente.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre. . . 300 reis, semestre de 30 numeros. . . 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre. . . 360 reis, semestre. . . 720 reis.—Avulso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da *Republica Portugueza*, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.



# REPÚBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 11

## A INICIATIVA EM PORTUGAL

O espirito d'imitação que ha longos annos invadiu Portugal, não tem permitido que este paiz se apresente deante das nações modernas com uma individualidade característica.

Cheios d'orgulho pelas descobertas do 15.º e 16.º seculo, os portuguezes entenderam que lhes bastava essa iniciativa, que transformou completamente a vida na velha Europa, e não mais trabalharam. Camões foi a sua gloria e á sombra d'ella adormeceram.

Portugal d'esde então acceitou o que viu lá fóra.

Practica e administração, sciencias e artes tudo foi importado.

Fazem-se revoluções liberaes? Portugal acceita-as, mas só depois de as ver sancionadas nos outros paizes.

A sciencia não uma nova direcção? Portugal traduz os livros que a ensinam, mas de forma alguma entra nos combates que ella promoveu.

Descobre-se um processo qualquer que aprefeioe a industria?

E' tambem só depois de lhe ver os productos, que Portugal rotineiramente o acceita.

Hoje discute-se nos congressos e nas barricadas o problema politico-social; e nós o que fazemos? *Temos bom senso e imitamos.*

Os estabelecimentos onde entre nós se ensinam as sciencias, e a imprensa official têm *bom senso.*

Os nossos homens d'estado imitam.

Nos estabelecimentos scientificos, e muito em especial na Universidade, os mestres uzam d'um compendio, lêem os seus paragraphos com toda a seriedade, dizem as partes de que elle consta, e julgam ter feito uma prelecção.

Se por ventura algum discipulo, justamente indignado, afirma as ultimas verdades da sciencia, se rompe com os velhos processos, e se desembaraça, do clacicismo official, chamam-lhe desvairado e louco.

E elles os homens *asitados* são mestres e vivem satisfeitos de si e da sua obra.

A imprensa jornalística representante do juizo pratico evangeliza.

E' o *Diario de Noticias* que, acompanhando tres paginas d'annuncios com umas graçolas burguezas, umas inepcias sobre o movimento operario, e as pretensões das classes trabalhadoras.

E' o *Diario Illustrado* que refuta com umas interrogações, que n'outro paiz seriam a vergonha d'um analfabeto, o programma da Republica Federal.

E os homens d'estado? Esses promulgam leis copiadas da França, e espreitam o que as outras nações fazem.

No meio porém de tudo isto levanta-se em Portugal um punhado de mancebos, os quaes profundamente convictos das verdades da ordem politica, da ordem social, da sciencia, das artes e da litteratura, as affirmam desassombadamente.

Em politica estes homens novos affirmam a Republica Federal; em economia combatem o despotismo do capital, e defendem uma justa distribuição.

Estas affirmações que por ahi se tem feito vagamente temol-as mais ou menos, desenvolvido n'esta folha.

A Republica Federal tem de ser diversamente organizada conforme o genio as tradições e o clima do povo a que tem de se applicar.

A organização da Republica Federal portugueza deve ter em consideração os costumes, e as attitúdes portuguezas.

Temos longas possessões ultramarinas,

as quaes ainda hoje se regulam por umas leis diversas das da metropole, e vivem, não como nossas eguaes, mas como escravas, ou quando menos como creanças tuteladas.

E' tempo que estas colonias se emancipem, e formem ao lado, e como egual de cada uma das provincias do continente, os diversos estados da Republica portugueza.

Organisemos a Republica Portugueza, segundo o caracter dos portuguezes, fujamos da imitação, e deixaremos de ser um satellite; teremos individualidade característica.

A. D.

## POLITICA INTERNACIONAL

Falla-se em nova crise ministerial em Hespanha, mas pouco credito nos merecem estes boatos propalados quasi sempre pelos inimigos da republica. Depois da conferencia do ministro da fazenda com os banqueiros é certo que os fundos subiram e renasceu a confiança pelo novo governo, que tem homens de grande energia e saber.

Foi nomeado para director da guarda civil o general Socias; o ex-ministro general Acosta para capitão general da Catalunha, e o general Velarde para a capitania de Valencia.

Os jornalistas que têm lugar na tribuna do Congresso felicitarão ha dias o ministro da fazenda, pelas suas consoladoras palavras, a respeito do estado da questão financeira. O sr. Carvajal agradeceu numa carta eloquente onde diz que se recorda dos primeiros annos da sua carreira em que foi tambem jornalista, e se honrou com esse titulo.

mais é preciso que elle viva e que tambem saiba onde ha consciencia e onde a não ha.

Tudo isto vem de molde para lhe dar um conselho de amigo, cuja oportunidade me não parece intempestiva, nem tanto pouco indiscreta.

Com os *Ciumes de Bardo* e com as *Noites do Castello*, o lyrismo deu o que tinha a dar. Demasiada teimosia é já, para não dizer temeridade, o tentar resuscitar uma escola que nenhum direito tem á vida. Creio piamente que todos preferirão Guerra Junqueiro a Eduardo Vidal.

Não nos illudamos, porém. Eu não sei mesmo se Vidal ainda hoje tem leitores. Supponho bem que não. Pelo menos foi esse o resultado de algumas observações por mim colhidas, durante a minha peregrinação litteraria.

Façamos da poesia um instrumento de civilização. Corramos por meio d'ella para a futura regeneração social. Em vez de um individualismo exaggerado e de um sentimentalismo absurdo, transformemos a litteratura em bom ensinamento historico e util lição de direito.

A liberdade que actualmente inspira os modernos trovadores e o amor da humanidade que lhes eleva a alma em eloquen-

São grandes os prejuizos feitos pelos ferozes carlistas em Tivisa. Quatro casas de campo foram reduzidas a cinzas, e roubados os celeiros, Incendiaram, roubaram e fugiram. Calcula-se em perto de réis 50:000\$000 os prejuizos. Imagine-se o estado, a que estes vandalas reduziram aquelle pequeno povo.

A facção que causou estas lamentaveis perdas, foi a do cura Felix, que mandava uns 300 salteadores.

E accrescenta a *Egualdade* d'onde transcrevemos esta noticia:

—Que triste exemplo dão os curas do nosso paiz!

Preoccupa tambem muito nesta occasião o que se passa na Allemanha. Bismark, dizem uns, pedira uma licença illimitada, e dizem outros que dera a sua demissão ficando unicamente com o cargo de chancelier. A lucta aberta entre os partidos liberaes que appoiaram a expulsão dos jesuitas, e os protectores das ordens religiosas, parece que se vai manifestando pelas tramas, que estes ultimos preparam em silencio e cujos resultados sómente apparecem á luz do dia. Nós temos toda a esperança de ver em breve triumphar a idéa liberal, que tão denodados apóstolos conta já na potente nação allemã.

Em França o assumpto do dia é a visita do shah da Persia. Mac-Mahon, o fementido presidente da republica, projecta dar em honra do *viagor*, banquetes, paradas, festas, illuminações, cujo apparato se reflectirão um pouco sobre elle. O shah de certo lhe ha de offerecer algum diamante. Este systema de condecorar têm-lhe trazido muitas sympathias.

tes vibrações, não podem deixar de ser no futuro, os grandes e sublimes principios da arte universal.

Até lá o trabalho, se é que alguma coisa pode valer o trabalho, num paiz onde a impotencia e o indifferentismo tudo valem e tudo podem.

Abstenho-me de transcrever para aqui algumas estrophes do seu formoso livrinho que mais agradavelmente me impressionaram. Para outros lidadores deixo a tarefa. O que é mister que se saiba é que nesta sua estreia o amigo affirmou intelligencia, boa fé e vontade. Tanto basta, creio eu, para que a victoria lhe sorria.

Disse-lhe o que pensava e nada mais. Já não é a mim, mas, sim, á fatalidade da civilização que o meu amigo deve estas minhas palavras. E' ella effectivamente que nos ordena este novo rumo — social e historico.

Explore-o o Alberto Carlos em proveito da Humanidade e verá então como estes factos são deveras eloquentes e dignos de ser attendidos.

Por aqui me cerro agora, apertando-lhe cordealmente a mão, como dedicado que sou a todos os que, como eu, estudam com boa fé e sinceridade.

Coimbra, 73.

MAGALHÃES LIMA.

## FOLHETIM

### BIBLIOGRAPHIA

#### IMPRESSÕES AOS DESESEIS ANNOS

por

Alberto Carlos Freire d'Oliveira

(Carta ao auctor)

*Meu amigo.*— Volvidos são já dois mezes depois que recebi o seu livro. Mais cedo, de certo, lh'o teria agradecido, se por ventura m'o tivessem permitido os meus trabalhos academicos. Entretanto grato me é recordar que tenho a tratar com um moço de 20 annos, cujo coração generoso é sempre facil em perdoar e difficil em condemnar.

Acerca do seu livrinho que lhe poderia eu dizer que o amigo não sabia?

Dedicado desde muito ás sciencias sociais, quasi havia esquecido a nossa pobre litteratura, quando, um bello dia, fui despertado pelas suas—*Impressões aos deseseis annos.*

Li-as num intervallo em que meditava uma obra de Proudhon, e, confesso-lhe, que, a par de alguns defeitos, proprios dos verdes annos em que fóra elaborado

aquelle seu trabalho, tambem lhe encontrei algumas bellezas, filhas, sem duvida, de uma alma elevada e de um nobilissimo coração.

Porém eu não creio, nem pude jámais crê-lo, que a missão da critica moderna se limitasse a meia duzia de palavras sem significação, chatas e repugnantes.

Primeiro que tudo é mister investigar bem a lei da evolução que presidiu a um dado trabalho litterario. Assim a poesia do scenlo passado está muito e muito longe da poesia do seculo presente. Cada uma na sua esphera d'acção propria e independente. O *meio* onde se gerou o estro poetico de Lamartine é um perfeito anachronismo, relativamente ao meio onde se iniciou o talento vulcanico de Victor Hugo.

O anil do céu, e o perfume das flores, e o suspirar do lago, e o sorrir das Margaridas constituem um profundo contraste com o ribombar do canhão que hoje se houve nos campos de Marte e com a voz serena da justiça que agora nos falla e nos entusiasma pela benefica aurora da Revolução.

De luta é a epoca, meu amigo. Deixemos as flores para outra occasião. O povo, que tem fome, não pode cuidar senão das suas miserias. E antes de

Os effeitos reaccionarios do novo governo francez não se fazendo sentir. A persistencia que esses homens manifestam na idéa do proximo deportamento de Rochefort, e a perseguição insidiosa a Ranc, deputado francez, e a celebre circular lida por Gambetta na assembléa não nos deixam duvidar um momento das intenções dos partidarios do militarismo e ultramontanos.

Para nós estes actos insidiosos não de mostrar mais uma vez o odioso d'um sistema politico qualquer que se envolva traiçoeiramente na elamyde alvissima da Republica. E temos que a aurora da verdadeira republica ha de renascer e banhar em sua luz, o solo que os martyres da liberdade tem fecundado com o sangue das suas veias. A oppressão pode durar um momento, mas é certo, que a justiça va emergindo do lodo das velhas sociedades, como a flor surge d'um terreno paludoso.

Quando homens como Gambetta pedem ao povo tranquillidade e confiança, é que o inimigo é ephemero.

Do Brazil dão-nos os jornaes a copia d'um decreto em que o governo annula os actos d'um bispo-frade-jesuita.

Com uma bella ironia, diz o decreto, depois de annullar as prepotencias do inepto *Barba-longa*, que aquellas determinações não implicam uma censura a sua reverendissima. Veremos se lhe aproveita a lição.

Consta que o kan de Kiva se rendeu sem condições em companhia dos seus ministros. Bom proveito.

Da Italia o assumpto de momento é a viagem de Victor Manuel á exposiçào de Vienna e a Berlim.

Nos Estados-Unidos projecta-se uma grande exposiçào universal que terá logar na Philadelphia. E' um projecto gigante, e está bem de accordo com a constituição da grande republica americana onde o progresso não tem peias. Será uma grande festa universal.

#### CARTAS MONARCHICAS DO SR. . . . S. (1)

Passou-nos em claro a primeira. E' pena: a avaliar pela que se lhe segue deve ser um modelo do genero. Temos aqui, diante de nós, a 2.<sup>a</sup> carta e tomamos a liberdade de cortal-a em grossas fatias, applicando, em seguido, a estas a marmellada conductora.

O sr. . . S. é um anonymo: não nos merece, pois, a consideração que tributamos a quem defende abertamente um principio que adoptou, uma idéa que tornou sua. Admittindo o anonymo em uma redacção, solidaria na defesa das suas doutrinas, temos de condemnal-o com a maxima energia numa individualidade que só por desfastio desce á arena.

Cortemos, pois:

1.<sup>a</sup>—Diz: que o mal alinhavado das suas idéas expostas sem elegancia nos conceitos e na phrase, por não saber fazer melhor, atrahirá pouca gente áquella *discussão*. (?)

Vamos ao doce:

Quem tem idéas e não sabe alinhavá-las guarda-as para o chá domestico e não vem lograr o publico, que compra por bom dinheiro um jornal, no intuito de ler boa doutrina, bem alinhavada. Se no cerebro lhe labuta em pinotes dantescos a idéa salvadora, o sujeito atacado faz completa abnegação da *gloria* que poderia caber-lhe e pede ao primeiro mercenario da imprensa um alinhavado nas idéas em questão.

(1) *Jornal da Noite*.

Não falta em Lisboa quem alinhave, seja o que for. E' questão de preço.

Se o sr. . . S. estava convencido de que os sus *desconchavos* (textual) não mereciam a pena de serem lidos não se mostrasse tão *escamado* contra os que julgou contrarios e conservasse-se no silencio do seu viver burguez e dinheiroso.

Não quiz: supportamos-lhes os desconchavos, as idéas mal alinhavadas, etc. Sofra-nos esta pequena represalia.

Cortemos a

2.<sup>a</sup>—Diz: que não é cortezão; que podia ir ao paço e não vai; que não tem fitas, nacionaes ou estrangeiras; etc.

Adocemos: Estão em voga a austeridade, o desprendimento das coisas mundanas e as lamentações sobre a ingratição dos homens. Foi introduzida a moda pelo sr. Alexandre Herculano; não quer dizer isto que o sr. . . S. seja um segundo Herculano; cremos que não é. O que vemos no fundo de tudo aquillo é uma espantosa accumulacção de ridiculo. A austeridade (e não podemos duvidar da do sr. . . S.) que se apregoa, a abnegação a tres quartos, obrigam a nutrir idéas que não expomos porque receberiam não alinhavadas como é preciso.

Adiante, pois, e vamos á

3.<sup>a</sup>—Diz: que teme a republica porque ella nos riscaria da lista das nações, onde temos figurado com gloria e não quer que a republica que está na mente de alguns especuladores, estabeleça a anarchia no paiz, etc.

Vá o doce:

Accode-nos o desejo de citar, mas sabemos que é escusado: o sr. . . S. dirá, ou alguém diria pelo sr. . . S.: estamos em Portugal e não em . . . —Isso que os srs. . . S. nos indicam como um *obstaculo* é uma *justificação*: estamos em Portugal, é certo. Estamos bem? O sr. . . S. diz que sim. Os factos desmentem o sr. . . S. O sr. . . S. apontará para a Hespanha e dirá ás multidões cretinizadas: «Vede o estado d'aquella infeliz nação. O sr. . . S. finge esquecer que não vogamos em maré de rosas durante as lutas pela liberdade; fingirá desconhecer os roubos, os morticínios, as vinganças pessoaes, as delações infames inspiradas pelo odio, menos infames é certo que as delações legalizadas pelo sr. Fontes em 1873; fingirá olvidar o sr. . . S. que a revolução, a grande, a que tanto inspira as carpideiras, deixou na sombra um mar de sangue e não foi por isso menos luminosa; a reforma não foi filha de pacificas ordenações ou de portarias dictadas por um estadista de cache-nez; nunca uma conquista do pensamento se realisa, sabe-o o sr. . . S., ou deve sabel-o, sem abrir largos e profundos traços na onda incommensuravel dos combates do direito.

O sr. . . R. falla nos ambiciosos a proposito da Republica; é bello o aviso aos incautos, numa terra onde os deputados ás côrtes, os representantes do paiz, os governos emfim, se guerreiam a barris de vinhos e a fatias de queijo fresco pagos aos eleitores sizudos, aos eleitores monarchicos, á *opinião esclarecida*.

Vejamos a

4.<sup>a</sup>—Diz que o dinheiro gasto com a lista civil é inferior ao que se gastaria em eleições da *republicueta*.

Como temos ironia, não attica, irá mais adoçada a fatia.

A horda de parasitas que sugam escandalosamente os dinheiros publicos; os trantes desmascarados que exercem seis empregos; os generaes-beleaguins; os espiões officiaes; os jornalistas assalariados; as testemunhas falsas recompensadas; a aposentação dos funcionarios improbos, imposta como castigo unico; toda a escoria de madraços e analfabetos e toda a horda de consciencias pôdres postas em almoeda, são, pois, para o sr. . . S. condições indispensaveis num estado, entidades inseparaveis do nosso viver nacional, visto que sua mercê não lança nas suas verbas

monarchicas as despezas produzidas por estas gentes! . . .

Numa terra onde um cavallo de sua *majestade* ganha mais do que um professor de instrucção primaria; onde, com o maximo desearo se lança ao rosto do povo a sua ignorancia depois d'um attentado d'aquella ordem; ha ainda quem ouse erguer a voz a fabricar perfidas insinuações contra os seus contrarios, a estabelecer confrontos irrisorios entre o esbanjamento infame do fructo do nosso trabalho e as pretendidas despezas d'uma eleição de presidente! . . .

Fallais de despezas de eleição como se as conhecesseis a fundo!

Já agora envolva-se o resto da epistola nas ultimas linhas que vão lèr-se. O sr. . . S. falla-nos das *virtudes do rei de Portugal* e diz que sua *majestade* é entre nós estimado e respeitado.

Isto é simplesmente uma imprudencia, uma provocação. Se não estivessemos rezolvidos a ser benevolos por caridade christã, diriamos que o amor do sr. . . S. pela monarchia não se estende até ao homem que a representa. A consciencia do sr. . . S., a do chefe do estado e ainda a consciencia publica, que respondam a semelhantes afirmações.

O sr. . . S. termina a sua carta justificando cabalmente os receios que e acometteram ao lançal-a a publico.

D'estes defensores da monarchia venham aos milhares! E' tudo pouco.

Julho, 5, 1873.

SILVA PINTO.

O *Diario Illustrado* vale um dinheirão! Faz-nos assistir a scenas de familia transportadas á imprensa. E' o *enfant gaté* que está amuado. Diz umas phrases piegas e faz trombas ao *Diario popular*. Não sabemos como se absteve de lhe fazer figas. Era mais significativo.

Nunca imaginamos que o ridiculo podesse attingir um tal grau de perfeição!

Como a creança que leva quatro palmatoadas, o *Diario Illustrado* vem-nos fazer queixa do *Popular*. Põe a cabeça em agua pensando numa vingança bella! Está azedo, avinagrado, cheio de despeito. Consulta os amigos. Pergunta a Christovam o que ha de fazer. Christovam toma ares fataes, põe a cabeça entre as mãos e medita. D'esta meditação, como de todas as do serio escriptor, nada sae.

A indignação do sr. Pedro Correia cresce, avermelha-se. Mostra uma cara de metter medo ao proprio Ferrabraz d'Alexandria. A gente pasma, e os amigos dedicados perguntam-lhe se está para morrer o seu jornal. Elle nada responde, caminha e pensa.

Este quadro triste explica-se pelo comunicado do sr. Lisboa, que o *Diario Popular*, inseriu em suas columnas de annuncios.

Espalha-se um terror panico pela cidade. Fazem-se conjecturas arrojadas. Imagina-se tudo. Que fará *elle*? Irá comprar um punhal envenenado? Pedirá ao governo que nos mande enforcar? Suicidar-se-ha? Escreverá algumas cousas desagradaveis?

Não! tudo isso era pouco para castigar o *Diario Popular*. O terror ganha-nos. Começamos a recordar-nos vagamente das tragedias antigas.

Pobre *popular!* sobre a tua cabeça reformista está suspensa uma terrivel espada de Damocles. De certo vaes morrer. Que *elle* ha de ser terrivel na sua colera e o teu castigo de certo será medonho!

Quando a anciedade tinha subido ao seu auge, e se ouvia um murmurio atterrador como o borborinho que sae da multidão, quando o condemnado põe o pescoço nũ sobre o angulo do cepo, e o machado sinistramente se levanta nas mãos do algoz, dando aos nossos olhos os reflexos metallicos do seu gume afiadissimo, *elle* tragicamente declara que d'alli em diante não

mais trocará o seu jornal com o *Diario Popular!* . . .

E o jornal reformista, que não pode viver um só instante sem que haja a troca, o grandissimo infeliz que incorreu no desagrado do jornal do sr. Pedro Correia, sente-se vergar ao peso d'esta condemnação horrorosa. Olha aterrado em volta de si, e não sabe o que fazer. Se nós podessemos arranjar uma carta de empenho de Christovão e outra de Jayme, para desarmar a colera do *illustrado*? Mas não! é impossivel. O teu castigo é medonho, oh, *popular*, nada te pode valer. Sim! não mais trocarás com *elle*.

Horror! Horror! lance unico, lance inesperado, castigo pasmoso. O sangue gela-se nos nas veias. Passa-nos diante dos olhos o mar vermelho, um mar de sangue. A penna cae-nos da mão e desmaiámos.

Oh Shakespeare como és pequeno ao pé d'isto! Oh *Diario Illustrado* como és cruel! . . .

Muita gente pensa que a Republica é uma coisa que nunca existiu permanentemente e tem sido só adoptada por poucos povos. O melhor modo de desvanecer este juizo é apresentar a lista das republicas do globo.

Para este fim dividimos as republicas em antigas e modernas, isto é, antes de Jesus Christo e depois d'elle.

#### REPUBLICAS ANTIGAS

A republica mais antiga do globo, cuja historia chegou até nós, é a republica da confederação phinicia na Asia. Foi fundada em 1440. A sua duração foi de 840 annos. Era composta de differentes cidades entre as quaes figuravam Tiro, Sidon, Tripoli, etc.

Segue-se a republica dos judeus, tambem na Asia. Foi fundada em 1080 antes de Christo. Durou 565 annos. Era democratico-religiosa. O seu ultimo chefe foi Samuel e seu primeiro rei, Saul. Em seguida cahem debaixo do poder dos persas e só recobram a independencia no tempo dos Machabeus. Constituem-se de novo em republica theocratica em 167 antes da mesma era, até ao anno de 132 dr mesma, em que é proclamado rei João Mircão.

*Republicas gregas.* Republica de Argos. Foi fundada em 1190 antes da nossa era. Durou 1000 annos; era uma oligarchia. Seguiu a sorte de Corintho.

Republica de Sparta. Foi fundada em 1186 antes da nossa era. Durou 996 annos. Republica aristocratica e militar. Licurgo foi o seu maior legislador. Era uma republica communista.

Republica da confederação jonica (Asia menor). Fundada em 1130 antes de Christo; durou 473 annos. Foi sujeita aos romanos por Silla. Era uma republica democratica.

Republica de Siciao (Grecia). Fundada em 1129, existiu 1083 annos. Republica oligarchica.

Republica de Thebas. Foi fundada em 1126 antes da nossa era. Durou 791 annos. Foi successivamente aristocratica e democratica.

—Athenas—A primeira republica da Grecia. Foi fundada em 1090 antes da nossa era. Durou 1009 annos. Republica democratica. Solon foi o seu primeiro legislador; deu-lhe uma constituição modello.

Republica da Carthago (Africa). Fundada em 1059 antes da nossa era. Durou 913 annos. Republica aristocratica.

Republica de Corintho (Grecia). Fundada em 777 antes da nossa era. Durou 630 annos. Republica aristocratica.

Republica de Siracusa (Italia). Foi fundada em 756 e durou 265 annos. Getão estabeleceu a monarchia em 491; foi restabelida a republica em 405. Dionisio fez-se rei em 405. Timoleão restabeleceu

a republica em 342. Agatocias derribou-a novamente; a democracia restabeleceu-a até 289. Hieron foi eleito rei em 259 e morreu em 215. Republica novamente ainda o grande Marcello apoderou-se d'ella e ficou desde ahí em diante sujeita aos romanos.

Republica romana (Italia). Foi fundada em 509 antes da nosa era. A sua duração foi de 478. Foi uma republica democratico-aristocratica. Augusto foi o primeiro imperador. Foi reconstruida em republica, debaixo do dominio dos papas pelo consul Crescencio em 972 e em 1347 pelo tribuno Rienzi.

Republica da liga acaica (Grecia). Republica confederada. A sua fundação data de 259 antes da nosa era. O seu heroe é Philopoemen.

#### REPUBLICAS DA EDADE MÉDIA

Republica de Veneza (Italia). Durou 1376 annos. Republica aristocratica.

Republica de Mantua. Foi fundada em 430. Durou 684 annos. Republica oligarchica.

Republica de S. Marinno (Italia). Começou no seculo 5 e existe ainda. Republica patriarchal.

Republica de Andorra. Foi fundada em 790. Existe ainda.

Republica de Milão. Fundada em 898. Durou 379 annos. Oligarchica.

Republica de Pisa. Foi fundada em 888 e durou 517 annos. Aristocratica.

Republica de Genova. Fundada em 1020 durou 716 annos annos. Aristocratica.

Republica da confederação das cidades anseaticas. Foi fundada em 1100 e não se pode determinar quando acabou, porque as cidades foram-se desligando pouco a pouco.

Republica de Siena (Italia). Fundada em 1160. Durou 369 annos. Republica democratica.

Republica Florentina. Foi fundada em 1215. Durou 314 annos. Foi democratica e em seguida aristocratica.

Republica da Suissa. Fundada em 1308. Dura ainda. E' federal.

Republica de Hollanda. Fundada em 1560; a sua duração foi de 212. Era tambem federal e foi um dos governos da Europa que abriu maior brecha no absolutismo dos Phillippes.

Republica ingleza. Foi fundada por Cromwell em 1649. Durou 11 annos.

Republica de Corsega. Fundada em 1753; durou 16 annos. Republica unitaria.

Republica franceza 1.ª; fundada em 22 de setembro de 1792. Duração de 12 annos; 2.ª fundada em 24 de fevereiro de 1848. Duração 3 annos; 3.ª fundada a 4 de setembro de 1870; existe ainda.

Republica de Batavia (Hollanda) fundada em 1758, durou 12 annos. Republica democratica.

Republica cisalpina (antigo Piamonte) Fundada em 1797. Durou 8 annos. Republica democratica.

Republica transalpina (Lombardia). Fundada em 1797 durou 8 annos.

Republica liguriana (Genova). Fundada em 1797; durou 8 annos. Republica democratica.

Republica romana (antigos estados da Egreja). Foi fundada em 1788. Durou 3 annos. Democratica.

Republica Parthenopea (Napolos). Foi fundada em 1797; durou 3 annos. Democratica.

Republica hespanhola. Fundada a 11 de fevereiro de 1873. Existe ainda.

#### REPUBLICAS DA AMERICA

Republica dos Estados Unidos. Fundada em 4 de julho 1776. Existe ainda. E' a primeira republica do mundo. E' federal.

Republica do Paraguay. Fundada em 1810; existe ainda. E' unitaria.

Republica da Colombia. Fundada em 1819. Durou 12 annos. Republica confederada que se decompoz em diferentes estados.

Republica argentina. Fundada em 1819. Existe ainda. Unitaria.

Republica do Mexico. Fundada em 1821; existe ainda.

Republica do Chili. Fundada em 1822; existe ainda. Aristocratica.

Republica do Haiti (S. Domingos, Antilhas). Fundada em 1822; existe ainda. Unitaria.

Republica do Uruguay. (Montevideo). Fundada em 1825; existe ainda. Unitaria aristocratica.

Republica de Venezuela. Fundada em 1831; existe ainda. Unitaria aristocratica.

Republica da Nova Granada. Fundada em 1831; existe ainda. Unitaria aristocratica.

Republica do Equador. Fundada em 1831; existe ainda. Unitaria aristocratica.

Republica de Bolivia (Alto Perú). Fundada em 1836; existe ainda.

Baixo Perú. Tambem é republica e democratica.

Republica de Texas. Fundada em 1843; durou 3 annos. Foi reunida por fim aos Estados Unidos.

D'aqui se vê que a America, um dos maiores continentes depois da Asia, é todo republicano, á excepção do imperio brasileiro.

Eis ahí fica em resumo o quadro quanto o comporta as pequenas proporções do nosso jornal, a a epoca da fundação e bem assim a duração das republicas do globo. Pode ser que tenham existido mais, porém não temos nós conhecimento d'ellas.

Havemos noutros artigos mostrar a historia de algumas, principalmente fedelistas.

Porque tantas d'estas republicas, algumas tão fortemente organisadas tão activas e tão ciosas dos seus direitos e tão sollicitas no cumprimento dos seus deveres, deixarão de existir á superficie do globo? Resposta: deixaram de existir algumas porque não assentavam na verdadeira liberdade e egualdade humana, na solidariedade e fraternidade universal.

Outras porque não eram sufficientemente illustradas e poderosas para se governarem por si. Outras finalmente, porque foram esmagadas na corrente dos tempos pelas espadas dos Cesares e Monks de mãos dadas com os familiares do santo officio; finalmente porque têm havido menos Marceaux, Hoches e Wasingtons do que Napoleões.

A. M.

#### THEORIA E PRATICA

Quando Luiz XIV exclamou—*L'état c'est moi!*—o rei de França exprimiu uma grande verdade.

A realza sentiu subir-lhe ás faces o rubor da colera e ella que revogou o Editto de Nantes, ella que promoveu e sustentou a horrivel guerra civil das Cevennas, ella que occultava sob a mascara d'uma perfeita felicidade a corrupção do estado, ella disse irada e brutalmente:—O estado sou eu! Eu impero, e os homens são meus escravos abjectos.

A razão humana protestou, a justiça ergueu-se.

Eis a Revolução . . . . .

A burguezia, assustada, achou que era má a antiga forma de governo e não muito boa a nova.

Então, depois d'algum trabalho intellectual, creou um mystiforio, um *metange* lismo, a que deu o nome de constitucionalismo.

Era para ella o meio termo, o bom, o excellente meio termo.

A burguezia enganou-se redondamente

e teve os bellos exemplos do constitucionalismo em Luiz XVIII, o catholicão, em Carlos X, o oppressor, em Luiz Philippe e em Napoleão III.

Mas a burguezia é teimosa. Sustenta em quanto pode a sua realza *in minoribus* e vai gritando contra os republicanos.

Mas entretanto é justa, á sua maneira. Para ella a Republica é boa só em theoria.

Ora esta differença entre theoria e practica é o que trataremos aqui de analysar.

..

O sr. F. Gallardo na *Internacional* bem o disse: «Na practica, como na theoria, a Republica é o bem.»

Pois, digo eu, se a Republica é um bem em theoria, porque não o ha de ser na practica?

O constitucionalismo tem por fim, dizem, illustrar e preparar o povo para a Republica.

Illusão e irrisão! O constitucionalismo não tem illustrado o povo, tem-lhe dado o exemplo d'uma farçada ignobil. Não o tem preparado para a Republica,—tem-o sim, querido preparar de novo para o absolutismo. Olhai a protecção que os governos dão aos reaccionarios.

Olhai que se fecham as portas do Casino e que se abrem as da Associação Catholica.

Olhai que se deixa dizer na *Nação*, que Luiz I é um carcereiro, que Castellar é uma cabeça desorientada, que Santa Cruz é um heroe e que os carlistas são bravas hostes—e não se tolera que os liberaes do Porto commetam o nefando crime de soltar um estridente viva á liberdade.

Eis como o constitucionalismo tem preparado e illustrado. Se não faz mais é por que não pode. . . .

Sim! Vós tendes razão. O constitucionalismo preparou o povo para a Republica, mas d'um modo muito differente.

Preparou-o, não pela instrucção—pela miseria.

Não pela liberdade—pela oppressão.

O povo fita os olhos na Republica que o ha de salvar.

..

Mas a Republica em Hespanha? brada a burguezia. Não vêem o que por lá vac? Não vêem o que tem dado a Republica?

Sim. Eu vejo, burguezes timoratos, o carlismo em armas, eu vejo as nações constitucionaes abrirem subscrições para mandar armas aos salteadores de comboys, eu vejo as dificuldades, os embaraços que os *homens da ordem* levantam á Republica, eu vejo o cura Santa Cruz, eu vejo o tumultuar das paixões ignobeis da realza. . .

Se ha republicanos exaltados que tão mal fazem á Republica, anáthema sobre elles.

Mas, oh burguez, examina hem e não superficialmente os factos, faz a philosophia da historia e como não renegas Christo por haver Torquemada, não renegues a Republica por haver falsos e maus republicanos.

Esperai que apoz o tumultuar da revolução virá o brilho immenso da idéa nova, como apoz um céu de nuvens negras resplandece o sol.

Dizeis, burguezes, que a Hespanha é um paiz de barbaros e que por tauto não pode ter a Republica.

Oh estulticia! Estaes lavrando a própria sentença. . .

Com isso dizeis que a monarchia feroz do Philippe I, o demonio do meio dia e a de Izabel II, a *innocente*, fez dos generosos e valentes filhos de Pelayo um povo de barbaros, que a Republica é para os anjos e a monarchia para as feras.

Estulticia! . . .

..

Burguezes, tendes razão.

A monarchia ou é o imbecil e crapuloso da *temerosa*, ou o horrendo dos fusilamentos de Izabel, dos assassinatos de Santa Cruz!

BRUNO.

#### UM ENFERMO

(Parabola politica)

Um homem na flor da idade viu-se acomettido por umas dores num dedo do pé esquerdo, e foi obrigado a reclamar os auxilios da sciencia medica. Chegou á cabeceira da cama um grave facultativo alo-pata e disse-lhe:

—Corta-se o dedo e a enfermidade desaparece.

Um medico homœopata advertiu o enfermo de que o curaria sem necessidade da amputação; mas este desprezou-o como visionario e resolveu-se a cortar o dedo.

D'ahi a poucos dias manifestou-se a dor em outro, e o paciente invocou a sciencia d'um novo alo-pata, pois o primeiro lhe inspirava desconfiança. Chegou o discipulo de Hypocrates e disse-lhe:

—Corta-se o dedo e a enfermidade desaparece.

O paciente recusando pela segunda vez os offerecimentos do homœopata entregou o dedo aos rigores do bisturi.

Alguns dias depois a dor appareceu no musculo da mesma perna e o enfermo ap-pelou para a sabedoria d'um novo alo-pata, pois os dois primeiros haviam dado provas de impericia. Acudiu o terceiro salvador e disse-lhe:

—Corta-se a perna e a enfermidade desaparece. . .

O paciente desprezou de novo o homœopata e determinou perder um membro tão necessario; mas vendo que a dor se apresentava na outra perna, e causado de inuteis amputações, chamou-o e disse-lhe:

—Cure-me dr. mas devolva-me a perna que me cortaram:

—Nós, respondeu-lhe assombrado o homeopata, não devolvemos pernas. Nós purificamos o sangue, para robustecer o corpo e evitar amputações. Restituo-lhe a saude e com ella poderá gerar filhos saos e aos quaes não faltarão as competentes pernas.

Entretanto os trez reverendos alopatas uniram-se e antes que o homeopata puzesse em practica o seu systema gritaram:

—Olá bom homem! não creia V. nesse trapaceiro; nós curamol-o cortando-lhe a outra perna.

O povo hespanhol desprezando por largos annos a republica que lhe offerecia saude, chamava os monarchicos, os quaes lhe receitavam para as suas doenças, credidos emprestimos, productores d'uma vida fabulosa. Hoje desenganado espera dos que hontem desprezava, não só a saude mas tambem a integra restituição dos seus thesouros perdidos e só pôde obter a seguinte resposta.

—Não é possivel restituir-te a perna, porém, salvar-te-hemos de humores nocivos, terás saude, gerarás filhos saos, e compensarás a falta da perna com outras felicidades e, ou sejas tu ou teus filhos á vida ir-se-ha pagando.

Entretanto os partidos monarchicos unem-se e antes que a communhão republicana desenvolva as suas theorias, gritam ao povo hespanhol:

—Olá bom homem! não acredites nesses trapaceiros; nós curar-te-hemos cortando-te a outra perna!

(Da *Justicia Federal*).

TIMOTEO ALFARO.

LISBOA, 9 DE JULHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Torna-se-me hoje difficil a tarefa que me impuz gostosamente. Ha calmaria no mar dos acontecimentos, escandalosos ou dignos de louvor. D'estes, raras vezes tenho de occupar-me, por mais que os bons desejos me incitem a fazel-o. Dos outros é consideravel o registro, mas na escan-

dalosa existencia d'esta sociedade catholico-monarchica desaparecem os factos isolados e absorvem-se no grande factio collectivo.

—O assumpto mais digno de attenção é o regulamento fabricado pela companhia das aguas para seu uso e approved pela dictadura Fontes e Companhia. O *Diario Popular* tem-se occupado vantajosamente d'esta questão deploravel. E' fadario da dicta, a sua condescendencia perpetua para com as companhias. Emfim, a companhia das aguas é um novo potentado que assoma ante os olhos deslumbrados dos pacificos lisboenses. Resta-nos saber se ainda temos um municipio que nos represente e que nos livre das prepotencias dos dignos *aguadeiros-burguezes*.

—Está occupando seriamente a attenção do publico e as columnas das folhas jornalisticas a viagem do shah da Persia. Parece que o sr. Antonio José d'Avila medita ha dias sobre a probabilidade da vinda d'aquelle parasita oriental ao nosso hospitaleiro torrão, ao passo que se informa cuidadosamente sobre as condecorações da patria de Xêrxes. Os informadores noticiosos aparam o lapis das occasiões solemnes. A *camarilha* aguça os dentes. Vidal empunha a lyra.

—Ao passo que a dictadura portugueza faz espancar os liberaes portuenses e fraternisa com a *Nação*, o governo de MacMahon insiste na immediata deportação de Rochefort e restaura o capitulo de S. Diniz, dando aos vinte e quatro conegos que o compõem—cento e sessenta e oito mil francos, ou 30:000\$000 de réis annualmente. A differença entre o constitucionalismo burguez e a pseudo-republica do tarimbeiro d'Argel é insignificante, no fim de tudo.

—O DIARIO ILLUSTRADO noticiou a estada no Porto do nosso amigo e collega Magalhães Lima. Envio a este, com um abraço, os mais sentidos pezames.

—Alguem que deu á minha saída do *Centro Republicano Federal de Lisboa* mais importancia do que realmente merece, fez espalhar o boato da minha *corrupção*. ESTOU VENDIDO, meus amigos, ou antes, FUI COMPRADO. O que se não sabe ainda é a quantia, mas não deve ser má, affiança-se...

*Miguelista, constitucionalista, ou republicano*, cuidado com o sugeito... e com as calças!...

Nada mais, por hoje.

S. P.

## NOTICIARIO

O cura de Santa Cruz, diz a *Justicia Federal*, caiu com o seu cavallo num barranco em Vera, quebrando uma perna e um braço.

Do lugar do acontecimento foi trasladado á Hendaya, onde continua em mau estado.

Parece que se deram ordens opportunas, a fim de que seja capturado e entregue aos tribunaes, como reu de delictos gravissimos.

Fez hontem acto do 5.º anno juridico o nosso amigo e collaborador d'este jornal Alvaro de Mendonça.

Começaram os preparativos para as festas da Rainha Santa.

Vêm-se já pelas ruas alguns arcos levantados e trabalha-se activamente para

que fiquem promptos em breve. Estas festas que costumam chamar a Coimbra imensos visitantes, parece que este anno não desmerecerão dos outros. Se não fôr superior, ao menos será igual, pois os arcos que se estão levantando são já nossos conhecidos, e os mesmos, que figuravam o anno passado, quando a *magestade* por aqui andou.

Como coincide com a festa a inauguração da ponte da Portella, e como a Rainha Santa mudou de toilette, graças á munificencia da sr.ª condessa d'Edla, a coisa promete.

Nos hoteis ha já muitos quartos alugados. Previnem-se os estrangeiros.

Um caloiro, miguelista furibundo, chamava por um seu primo, nos seguintes termos:

—Oh fulano!... oh burro!

Um sujeito que ouviu disse-lhe:

—Ora tu que tens a mania de dar nas baldas certas dos teus parentes!

As obras de pintura do novo theatro da Trindade no Porto, diz o *Diario da Tarde*, foram incumbidas ao distincto scenographo Lima, devendo o tecto e a frente dos camarotes ser pintados no estylo da Renascença, e o pano da bocca que mede 10 metros de largo e 8 de comprimento, representará um quadro historico do immortal poema os *Lusíadas*.

Tem trazido o *Diario da Tarde* uns folhetins intitulados—*Diccionario do dr. Gregorio*—definindo algumas palavras com immenso espirito e verdade.

Uma definição que achamos perfeita, é a da palavra *experiencia*, esse bordão a que se agarram os velhos conservadores e ao qual se arrimam para se poderem impôr aquelles que ainda não têm sessenta annos.

*Experiencia*.—Um velho que se julga um sabio, pela unica circumstancia de ser bruto ha mais tempo que os outros.

O nosso amigo Alves de Moraes, um dos redactores d'este jornal, fez hontem acto do 5.º anno juridico. Os trabalhos a que teve de se entregar impediram-no de continuar neste numero o artigo—*Questões theologico-sociaes*, em resposta ao sr. José Frederico Laranjo.

Diz-se que hoje não haverá festejos no Porto, devido isto ao descontentamento que layra naquella cidade, por causa da attitudão do governo a respeito dos ultimos acontecimentos, que alli se deram, por occasião das festas na Sé. Justo é o descontentamento, e com razão a cidade que devia festejar esse dia radiante, deve-se vestir de luto pois vê os inimigos da liberdade, os reaccionarios e miguelistas tripudiarem sem pudor e... sem freio.

Está no prelo o segundo volume dos *Elogios Academicos* do distincto escriptor Latino Coelho. Traz o elogio historico e a biographia de Humboldt.

Os miguelistas suspenderam a pensão que davam á familia de D. Miguel. Dizem que a *Nação* vae ser substituida. Esse torpe jornal que dava guarida em suas columnas, aos artigos mais miseraveis de forma e idéa, perdendo toda a força moral que ainda podia ter nas velhas familias legitimistas, já não tinha razão de ser. Sempre que vemos tal jornal, nos lembra o ar-

tigo mais infame que temos lido, a respeito d'um exame, que ha tempos, se fez ao coração de D. Pedro IV, guardado numa urna, na igreja da Lapa.

O infamissimo jornal applaudia a idéa dizendo:

*Que d'um pequeno foco de infecção, podiam provir grandes epidemias para os povos.*

Este artigo que passou desapercibido, porque ninguem lê a *Nação*, ficou-nos gravado na memoria, como a coisa mais torpe e asquerosa, que jamais temos tido.

Um diz isto; outro chama aos liberaes do Porto *canalha liberasta*, e o primeiro não tem tido uma querella e o segundo recebe os applausos do ministro do reino o sr. Antonio Rodrigues de Sampaio. Estes factos servem para a historia da monarchia e mostram bem o estado a que chegamos. Por isso é que os trazemos aqui, apesar do nojo que nos inspiram.

Não ha que duvidar! Atravessamos uma epoca de prepotencias por parte de todos os governos monarchicos. Hontem a prisão dos cidadãos que estacionavam no largo da Sé e que deram vivas á liberdade! Hontem o fuzilamento do povo! Hontem a cerração das conferencias do Casino!

Isto é perfeitamente incrível, mas não é tudo ainda.

Na capital um grupo de cidadãos que ia protestar, dentro dos limites da lei contra uma medida qualquer, vê sair-lhe á frente os janizaros do sr. barão do Rio Zezere. Tinham elles as armas em posições hostis e as bayonetas brilhavam á altura do peito das pessoas, que por alli estacionavam.

Um bello quadro!

Decididamente este governo quer experimentar um dia a força do povo!... E' um desafio formal, o que elle lhe faz. Mas cautella, oh poderosos senhores! Vós estaes conjurando o povo a fazer justiça por suas mãos! Lembrai-vos, em todo o caso, que esse dia vos será pouco agradável.

Consta-nos que fôra riscado por um anno, o estudante do 4.º anno de Direito o sr. Crispim.

Toda a gente ficou aterrada com esta noticia, porque não consta que o sr. Crispim praticasse crime algum porque merecesse semelhante castigo.

E' a vontade d'uma corporação scientifica fazendo lei pela sua alta recreação. Por quanto tempo durará ainda este systema estúpido e absurdo d'uma corporação do magisterio se entrometer em questões de fóro e criminalidade?

Porque foi riscado um academico exemplar e estudioso segundo todos affirmam? Pois o odio e vingança tambem terão cabimento num jury de velhos e encartados doutores que deviam ser a justiça e equidade personificadas?

Diz-se que haveis sido levados a condemnar este academico por mera satisfação a um collega vosso e faccioso que não podia vingar-se d'outra maneira do sr. Crispim. Se é verdade estaes julgados. Apon-tamo-vos ao publico.

Consta-nos á ultima hora que o conselho de decanos se reunin das 10 para as 11 horas da noite para pronunciar o *veredictum* contra o sr. Crispim porque tinha a tirar ponto no dia seguinte. Julgou sem testemunha alguma e sem forma de juizo. Se isto é verdade está qualificada semelhante *imparcialidade*. Hoje não

podemos continuar, por nos faltar espaço, mas cá ficamos de atalaia para averiguar os factos.

Chegou a esta cidade a commissão que vem assistir ás experiencias da nova ponte da Portalla.

Dizem-nos que chegaram além da commissão alguns estudantes de engenharia da escola do exercito. As experiencias terão lugar no dia 10, 11 e 12, exercendo sobre cada lance da ponte, uma pressão de muitos mil kilos. A ponte pelo que dizem os entendidos está perfeitamente bem construida, segundo os processos modernos de construcção e como tal inabalavel. Realmente são admiraveis estes trabalhos, que ao lado da elegancia, nos dão uma solidez, igual á que os antigos adquiriram á força de grandes molles de pedra.

A ponte, se não ficou demasiado elegante, cremos que debaixo do ponto de vista de segurança é o mais que se pode desejar.

Cremos que em breve vão começar os trabalhos de uma ponte semelhante desta cidade, para a outra margem do rio.

Recebemos as theses de mathematica applicada que se propõe deffender na Universidade o sr. João Francisco Ramos, um dos estudantes mais distinctos do seu tempo. Juntamente recebemos a dissertação inaugural do mesmo sr. Estranhos ao assumpto, nada podemos dizer do livro que temos sobre a mesa. Em todo o caso os creditos de que goza o sr. João Francisco Ramos, como homem de sciencia, são para nós uma garantia da bondade dos seus trabalhos.

Agradecendo ao distincto auctor a fineza do offercimento dos seus trabalhos, apertamos-lhe cordalmente as mãos. Outros entendidos na sciencia mathematica dirão com louvor os meritos do livro.

O sr. Ramos deffende theses no dia 12.

Falleceu ante-hontem, no Porto, pela 1 hora da tarde, o sr. Ernesto Pinto d'Almeida, um dos mais estimados escriptores da geração moderna.

Era um espirito dotado d'uma bella intuição artistica, sinceramente entusiasta por tudo quanto ha de grande e sublime, ardente amator de bons versos, de boa musica, de bons quadros, e—virtude pouco vulgar—um character singularmente probo e sympathico.

Na tristeza da sua phisionomia como que se deletava o presagio d'uma existencia breve, como o florir das rosas; o peregrino, cansado da terra, erguia ao ceu este hymno de morte:

Quando chamar por mim  
Um funerario sino,  
Sepulchro! meu amigo  
Acolhe-me!—eu vim,  
Cansado peregrino,  
Buscar-te ó santo abrigo!

(Do Primeiro de Janeiro)

Abriu-se em Lisboa ao transitio o caminho de ferro Larmanjat. Foi um bello melhoramento para a capital. A affluencia a Cintra tem sido grande.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre... 300 reis, semestre... 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre... 360 reis, semestre... 720 reis.—Aviso no proprio dia 20 reis.—Anuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia para este jornal deve ser dirigida a Joaquim Maria de Almeida—Coimbra—Rua da Sophia, n.º 59 e 61



parte obrigada, o protagonista da peça, cujos direitos, elles, os abutres reaes e divinos, dizem representar sobre a terra.

Carlos Quinto aspira á conquista do mundo inteiro, e Gregorio VII não aspira a menos.

Leão X, vivendo no doce desalinho da antiga voluptuosidade atheniense, é por ventura, superior a Napoleão III, cuja escandalosa mancebia toca o auge da corrupção e da immoralidade?

Completam-se assim as theocracias:— a da realza e a do sacerdocio, a da infamia e a da hypocrisia, a do vicio e a da mentira.

As revoluções religiosas, que, na Igreja, encontram a sua maior reacção, confundem-se com as revoluções politicas, cujo terrivel, e, as mais das vezes, invencivel obstaculo, são sempre os governos e os monarchas.

A liberdade, quando bem entendida, exclue toda a especie de privilegio, e tanto o padre como o rei vivem do privilegio e do monopolio.

Nas procissões, o andar lugubre dos mordomos coincide tristemente com o desfilar das camarilhas abjectas.

Recamado de ouro e pedrarias conserva-se o rei ainda hoje á altura de vigario.—Um, pastoreia o rebanho a quem rouba a carne e a lã, outro dirige o povo—especie de rebanho nacional—a quem sacrifica a consciencia e a dignidade.

Na antiguidade, quando não era o rei, era o padre o oppressor.

Hoje ambos opprimem, ambos tyrannizam e ambos calunniam.

Defeito imperdoavel em todos os periodos de transição.

No Egypto, como na Grecia, como em Roma, como na idade-media, como na Europa actual, o sacerdote foi sempre uma casta privilegiada e auctoritaria.

O mesmo quasi tem succedido com a realza, a qual, nas suas diversas evoluções, não é mais do que a expressão do clero, quando não é o proprio clero a manifestação da realza.

O povo é ignorante—exclamam ambos—o povo é inepto, carece de illustração; e para isso nos instituiu o Senhor com poder sobrenatural.

Como é, porém, que os apóstolos do christianismo transformaram o universo, sem um confessorio, sem um altar, sem uma bulla, sem um sachristão, sem um rosario, sem um prejuizo emfim?

Como é que Washington, o grande, o immortal libertador da America, proclamou um novo systema de governo no meio da selvajaria e do preconceito em que jaziam todos os habitantes d'aquellas regiões?

Como é que Guilherme Tell penetrou na Suissa e fez d'aquelle paiz um fertil e abençoado torrão?

E' porque o homem não é mau por natureza como vós o julgaes.

O mesmo povo, o instrumento sempre docil dos vossos planos capciosos, esse mesmo tem mais honestidade do que vós, porque, ao encarar-vos, sente o pejo das proprias faces e a indignação da propria consciencia.

Vós tendes deturpado o Evangelho, vós tendes apodrecido as consciencias, vós tendes feito a hypocrisia, o odio e a guerra, e por isso vós tambem pagaveis com vosso sangue tamanhas iniquidades e tão duras provações.

Quem foi que promoveu as guerras da idade-média?

Quem foi o insultador de Lutero, de Calvino, de Montalembert e de Cavour?

Quem tem impedido a união das differentes nacionalidades europeas?

Quem, em vez de promover a industria e de fomentar o credito publico, tem, pelo contrario, incitado os povos aos campos da batalha, á fome, á sede, á miseria, á guerra e á vingança?

Quem foi o cúmplice de Waterloo, de Sadowa, de Sedan?

Quem abafou entre clamma as vozes

potentes de Gallileu, de Campanella, de Jordano Bruno, de João Huss e de tantos martyres da liberdade?

Quem mandou queimar as bibliothecas, destruir as livrarias e impedir a civilização?

Quem ameaçou o progresso humano, rindo do vapor, do telegrapho e da electricidade.

Quem mandou assassinar os pensadores innocentes, as mães desveladas, os filhos carinhosos e os paes independentes?

Quem foi, numa palavra, a hydra temerosa, cujas enormes cabeças tudo devoravam e corrompiam?

Fostes vós, ó reis!

Fostes vós, ó padres!

Vós, que tudo tendes calcado, ameaçado e interdito.

Vós, que tendes feito da ignorancia um meio de vida, e da hypocrisia um instrumento de maldição.

Uns, como outros, todos sois os mesmos. O padre é o rei, e o rei é o padre.

Um não vale mais do que outro.

MAGALHÃES LIMA.

### QUESTÕES THEOLOGICO-SOCIAES

O segundo ponto que no principio d'esta questão nos propozemos tratar diz respeito ás religiões emquanto são mera criação do espirito humano.

Diz o sr. Laranjo na sua carta que nos dirige, inserida no *Tribuna Popular* de 4 de junho:

«Quem sustenta que a philosophia se converte em religião na epoca seguinte sustenta;

«1.º Que as religiões não são reveladas por Deus, mas um resultado do espirito humano, a conversão das idéas de alguns no sentimento de muitos, o que não é conforme, mas contrario á theologia.

«2.º As religiões não são nem podem ser eternas, é da natureza d'ellas renovar-se e ser substituídas por outras que não é conforme, mas contrario a toda a theologia.»

Eis ahí fica expressa a opinião dos modernos theosophos. As religiões não são reveladas por Deus, nem são eternas, então que serão? qual é a sua natureza?

Nós tinhamos até hoje como sendo a verdadeira religião o laço intimo entre um certo ente metaphisico chamado Deus e todos os seres creados. Com nosco estava toda a doutrina theologica e as maximas dos santos padres, o evangelho e todos os livros santos. «*In principio erat verbum, et Deus erat verbum, et verbum erat apud Deum. In principio Deus creavit coelum et terram, etc.*»

O sr. Laranjo não se importa com o que escreveram os antigos theologos, nem ainda os modernos e vem dizer-nos: que quem sustentar que toda a philosophia de uma epoca se converte em religião na epoca seguinte, não sustenta que as religiões são reveladas por Deus, mas sim o resultado do espirito humano. Isto em vez de ser conforme a theologia pelo contrario é-lhe opposto, porque é proprio das religiões irem-se renovando com as modernas descobertas scientificas.

O sr. Laranjo faz lembrar aquelle celebre professor allemão, chamado Fichte, que no enthusiasmo do seu idealismo diz para seus discipulos: «*meus senhores, vamos crear Deus.*»

O sr. Laranjo com estas revelações que nos veio fazer, deixou de ser catholico, sem deixar de possuir todavia o espirito theologico e escolastico que é o espirito da auctoridade de que mostrou ser dominado na carta que nos escreveu. São d'estes lapsos que escapam á gente. Talvez o sr. Laranjo estivesse numa d'estas horas que nos accomettem e que eu na falta de outro termo, cognomino horas de falta de contenção de espirito; Homero tambem tinha d'estes momentos.

O sr. Laranjo confunde estado religio-

so d'uma epoca com estado social; são coisas inteiramente distinctas. A religião (note-se que nós vamos sempre tomando esta expressão no sentido que todos lhe attribuem, antes de tudo precisamos de nos entender) é só uma face da sociedade. Para provar esta asserção basta ver alguns periodos historicos que não obstante a sua irrelegiosidade como foi por exemplo o seculo 18, a epoca da dissolução do imperio romano pela chegada do christianismo, e a epoca anterior da philosophia grega, a sociedade com tudo caminha e desenvolve-se nas artes, nas sciencias e descobertas geographicas, tracto commercial, industrial e agricola.

A religião para o sr. Frederico Laranjo nem ao menos é uma revelação continua, uma especie de pantheismo como se encontra em muitos philosophos e nomeadamente em S. Paulo *in eo sumus, et vivimus.*

A religião para s. s.º consiste no resultado do movimento philosophico d'uma epoca; é a endeusação das opiniões de cada um, é um novo polytheismo que o sr. Laranjo nos vem trazer ao mundo. A religião não é aquella luz que nos deve guiar a todos, e que serve para oppôr um dique á desmoralisação que muitas vezes os systemas philosophicos arrastam consigo; a qual leva ás vezes homens isolados e cuja voz se perde no deserto, a que um seculo se detenha naquella vertigem.

Nada d'isto; a religião para o sr. Laranjo consiste em elevar á potheose indistinctamente erros e verdades conforme elles tem curso na sociedade.

Triste religião, desgraçado systema!

A religião produziu, e foi motor noutra tempo de excelsas acções; illustrou muitos martyres, fez descobrir muitos continentes e crear muitas civilisações; fez arrostar com muitos perigos, passar muitas insonias aos seus crentes e neophitos, mas nada d'isto é ainda para o sr. Frederico Laranjo a religião, essa vem depois que o homem trabalha para a vida e ao progresso.

Em duas palavras: ou o sr. Laranjo confunde o termo religião com ensino e derramamento de instrucção pelas classes menos illustradas e onde não é dado ao escriptor confundir e mudar a significação da palavras, ou então a sua opinião é semelhante á de Santo Agostinho, que, na *cidade de Deus* nos apresentou todos os reis, consules, tribunos e magistrados do povo romano, como apóstolos de Christo, e trabalhando para gloria d'este martyr do Golgotha.

Numa Pompilio, Cassio, Cezar, Bruto, Augusto, etc., todos estes eminentes personagens foram enviados por Deus para preparar o terreno de Jesus. O bispo de Hypona estava tão embebido nestas idéas que as quiz comunicar á mocidade do seu tempo, e foi por isso que mandou escrever um resumo da historia neste sentido ao seu collega bispo Orósio. Esta idéa encontra-se tambem no *discurso sobre historia universal ad usum delphi* do grande Bossuet.

A não ter o sr. Laranjo alguma d'estas idéas em vista não posso attingir o que s. sr.º nos quiz dizer.

Esta ultima opinião todavia não me parece que fosse a do sr. Laranjo, porque confessa na sua carta que não vê na revelação character divino; e mesmo era ir com a Biblia e os santos padres, e o sr. Laranjo confessa que não é guiado nas suas locubrações pelos versiculos de S. Matheus.

Resta por tanto sómente a primeira opinião. Já vimos os pontos em que é vulneravel. No numero seguinte mostraremos mais alguns inconvenientes e absurdos que arrasta consigo este systema, pondo ao mesmo tempo, com a discussão do 3.º ponto, remate a esta questão.

A. M.

### COMMUNICADO

Vinhaes, 4 de julho de 1873.

Sr. redactor.—Pedimos o distincto obsequio de dar publicidade nas columnas da *Republica Portuguesa*, ao que abaixo se segue, certos de que por este modo prestamos algum serviço á causa da justiça e da verdade.

Bem pouco tempo ha que tomou posse da vara de delegado do procurador regio d'esta comarca o ex.º sr. Joaquim Simões Cantante, e já um espirito mal intencionado tentou desconceitua-lo no publico, disparando-lhe a arma do ridiculo. De facto appareceram aqui alguns exemplares impressos d'um necrologio, attribuido áquelle digno funcionario, precedidos d'observações mordazes, inspiradas por um ignobil sentimento de vingança, e no malevolento intento de fazer d'aquelle escripto um espectro, que por toda a parte persiga o seu auctor, empanando-lhe o credito. Creemos que semelhante presente nos foi enviado da provincia da Beira, onde o sr. Cantante foi administrador ha cousa de cinco annos.

Sem fazermos a analyse do referido necrologio, não podemos deixar d'estigmatizar o procedimento desleal de quem quer que seja que promove a repetição da publicidade d'aquelle artigo de jornal, com o mal intencionado fim de promover em toda a parte o descrédito do homem e do funcionario.

Na verdade, levar tão longe o odio e a malquerença, filha d'um mero despeito politico, até ao ponto de não esquecer a victima, nem pelo decurso de bastantes annos, nem pela distancia de muitas dezenas de legoas, nem pela sua posição numa outra esphera de funcções publicas, onde não devem penetrar activa ou passivamente vinganças mesquinhas e odios pequeninos, nem finalmente, pela insignificancia do facto de que se lança mão (um necrologio que não agradou aos inimigos de s. ex.º), é dar ao auctor a suppar que no coração dos inimigos do sr. Cantante existe um notavel vacuo de caridade christã, e, na sua alma, pronunciadas tendencias de perversidade pouco vulgar. E' isto o que naturalmente se deduz dos factos, imparcialmente apreciados.

Uma outra cousa se deduz tambem, sem fazer violencia ás leis da logica: é que se os inimigos d'um homem, aliás de bastante vida publica, só encontram necrologios para lançar em rosto aquelle que pretendem desconceituar, honesto homem deve ser esse, e invulneravel no seu procedimento publico e particular. Realmente ainda quando aquelle escripto fosse injustificavel e de mau gosto litterario, não tinha outro alcance contra o seu auctor, que pode ser, como effectivamente é, um intelligente e reto magistrado, sem se haver tornado notavel pelo apuro do estylo funebre. Eis a explicação por que a aparição d'aquelle documento produziu na opinião da gente sensata d'esta terra um effeito moral, bem contrario ao desejo dos detractores de s. ex.º

De resto, se querem que elle não fosse uma vez elegantemente lisonjeiro para com os mortos, confessem que é difficil ser mais amavel e justo, mais despretençioso e reto do que o sr. Simões Cantante.

Outro tanto cremos que não se poderá dizer dos inimigos d'aquelle excellente e circumspecto magistrado; e será exactamente pela differença de sentimentos e qualidades dos primeiros, que assim movem tão covarde guerra ao segundo.

Descance, pois, o ex.º delegado d'esta comarca, e continue a ser affavel como homem, liberal como cidadão e reto como magistrado, e deixe que a petulancia, a malvadez refinada, ou talvez ambas as cousas, lhe arremessem ás faces com o papel onde s. ex.º pintou como quiz a saudade e a dôr que o magoaram pela perda d'um amigo dedicado. Deixe, que não ha de ser isso o que ha de influir no seu destino,

nem diminuir-lhe o merito, a que lhe dão direito as suas eximias qualidades. O tribunal da opinião publica julga facilmente entre o amigo que chora o amigo, e o inimigo que persegue a victima.

(Segue-se o reconhecimento.)

LISBOA, 15 DE JULHO DE 1873

O assumpto mais digno de menção entre nós é a apreciação do manifesto socialista portuense. O *Jornal da Noite* avisou os proprietarios, ha dias. Aquillo é horrivel, sem ter o bello de Shakspeare, mas com seu tanto de grotesco. Parece que os pretendidos socialistas vem revelar a existencia de mais uma face comica da politica regeneradora. Tinhamos já espiões officiaes, miguelistas officiaes, constitucionaes officiaes; faltavam-nos os officiaes socialistas. São fins, mas esqueceram por ventura o *non bis in idem*. Recordemos-lho e aos incautos tambem. Estes ficam prevenidos.

—O sr. S. terminou as suas epistolas no *Jornal da Noite*. A redacção deplorava no fim da ultima não concordar em alguns pontos com as opiniões do honrado negociante. Achemos bom. Emquanto a mim peço um doce para a redacção no dia em que declarar aos seus leitores quaes são os pontos em que discorda. Deve ser curioso.

—A dictadura Fontes e Companhia suspendeu a execução do regulamento da companhia das aguas, em vista da energica representação da camara municipal de Lisboa e do meeting annuciado para o dia 13 do corrente nas salas do Casino Lisbonense. A dictadura regeneradora tem o condão supremo de eclipsar pela sua immoralidade e covardia todas as dictaduras constitucionaes do paiz. A historia d'este periodo governamental constitue um dos paginas mais trizantes dos annos do systema representativo.

No fim de contas, ha em tudo isto alguma coisa da orgia final.

A camara municipal de Lisboa comprehendeu d'esta vez a sua posição e salvou pela attitudo energica a dignidade do primeiro municipio portuguez. Bem haja por isso.

—Parece que foi rebate falso a noticia da realisação proxima d'um inquerito ao correio geral. Conta-se com o esquecimento. Vamos sempre registrando.

—Espera-se brevemente a publicação do 2.º volume dos *Opuseulos* do sr. Alexandre Herculano. A proposito: o artigo publicado na *Bibliographia Critica* pelo sr. Theophilo Braga acerca do 1.º volume correu aqui de mão em mão com grave escandalo dos carneiros de Panurge. Aquella severa analyse d'um vulto litterario que a opinião circundou d'uma aureola teria despertado noutro paiz uma polemica violentissima e por ventura luminosa. Aqui, onde a maioria dorme, não ha voz, por mais energica, que estrondeie. O que vale é termos, mau grado os meninos velhos, de acreditar nos symptomas de regeneração. São palpaveis, creio.

—Vai-se prolongando a agonia do *Diario Illustrado*. É dolorosa, mas é no fim de tudo uma expiação.

Nada mais, por hoje.

S. P.

## NOTICIARIO

Sabemos hoje já os factos e estamos inteirados da verdade a respeito do processo que o sr. padre Chaves, lente de direito moveu contra o sr. Crispim d'onde proveiu para este academico a perda d'um anno.

Dissemos no numero passado que o conselho de decanos julgara á porta fechada por alta noite, á semilhança d'aquelle tribunal de Athenas, perante quem os reus appareciam de face velada e no meio das trevas para não mover a compaixão dos juizes.

Tudo o que relatamos foi verdade e só commetemos uma falta por essa occasião: foi em sermos pouco severos. Preenchemos hoje a lacuna.

O conselho de decanos, composto do sr. dr. Bernardo de Serpa, do sr. dr. Manuel Jardim e sr. dr. Achilles, commetteu uma indignidade para relatar a qual a nossa penna não tem força.

Não se ouviram testemunhas algumas; não houve forma de processo e foi riscado, á ultima hora, das 10 até a uma da noite porque tinha no dia seguinte de tirar ponto.

O conselho de decanos diz no seu accordão que condemna o reu pela sua defeza.

Ora a defeza que nós temos presente e que não podemos publicar hoje por falta de espaço, não contem disposição alguma pela qual o sr. Crispim, já não digo que podesse ser censurado pelo reitor da Universidade, quanto mais expulso da mesma por um anno.

O facto unico que praticou o sr. Crispim para com o sr. dr. Chaves consistiu em se dirigir a este sr. e perguntar-lhe pela sua frequencia, porque lhe tinham dito que o sr. dr. Chaves lhe queria deitar um R. O sr. Chaves respondeu que lhe deitaria um R ou A conforme o acto. Houve repetição da mesma pergunta e o sr. dr. Chaves deu a mesma resposta; pelo que o sr. Crispim se despediu dizendo: visto, que o sr. Chaves não lhe dava a certeza de passar *nemine*, trataria das precauções. Nada mais houve, e por isto foi riscado um academico! No accordão apparece mais a phrase, que o sr. Crispim promettera esmigalhar a cabeça ao sr. Chaves. Esta asserção, porém, não foi garantida por pessoa alguma e além de o não ser, não é crível, porque o sr. Crispim encontrou o sr. Chaves junto á Universidade, onde sempre estacionam academicos e mais pessoas e não era possivel que se quizesse comprometter o sr. Crispim. Mas, embora isto fosse exacto, não devia ter peso nenhum perante o jury, porque visto o facto dar-se e existirem pessoas que o presenciam, o sr. dr. Chaves devia-as intimar para ir depôr.

Foi este um processo como todos os que move a Universidade. Emquanto não acabar esta tribune soffrerá eternamente a instrucção.

Neste processo só andou bem a faculdade de direito, respondendo aos esbravejamentos do sr. dr. Chaves com a simples resposta que não lhe pertencia aquella questão.

Agora veja a *Correspondencia de Coimbra* a gratidão e benevolencia que existe na Universidade para com os seus filhos. Pareceu-nos vêr na local do sobredito jornal uma allusão á *Republica Portuguesa*. Fallava se alli em gratidão e benevolencia. Se essa gratidão se refere a exames e actos universitarios, os redactores d'esta folha tem a declarar que nunca precisaram da benevolencia de ninguem; se a actos d'outra natureza ahi tem a *Correspondencia* o processo do sr. Crispim, do qual não disse nada assim como os demais jornaes da terra. Juntamente com este processo tem muitos outros que escuso de nomear, porque a *Correspondencia* deve saber e sabe d'elles de certo.

Ficamos hoje por aqui para não dizer muitas verdades.

O nosso intelligente, illustrado, e justamente severo correspondente da capital foi despedido d'um escriptorio particular por ser republicano e inimigo dos burguezes. Ao terminar do 4.º n.º do *Espectro*, de que é redactor juntamente com o

nosso amigo e collega da redacção Magalhães Lima, recebeu uma carta dos tues burguezes, indicando-lhe o caminho que tinha a seguir, e senão trepasse por elle, desde aquelle momento se devia dar como despedido. A intimação consistiu em que não devia continuar a publicação do *Espectro* e não sei tambem se lhe exigia que não fosse nosso correspondente; talvez. E' bem de ver que o sr. Silva Pinto tractou immediatamente de publicar o 5.º n.º não tencionando fazel-o até outubro. O resultado, pois, foi o que os nossos leitores já sabem. Era de esperar. Os burguezes estão no seu direito. Dão sómente de comer e trabalhar a quem querem. Ficamos sabendo que é necessario certidão de idéas politicas para poder escrever e despachar mercedorias em qual escriptorio. Uma nação governada por ineptos ha de produzir uma nação de ineptos, mas o peor é que são maus.

Começamos a receber o *Transmontano* jornal que se publica em Villa Real, sede da provincia d'aquelle nome. E' o seu radactor e responsavel o sr. Augusto Cesar.

Advoga idéas rasgadamente liberaes. E' o 1.º jornal que apparece na provincia de Traz os Montes. Congratulamo-nos com os nossos patricios por este progresso. Toda a gente sentia a necessidade n'aquella provincia tão afastada do centro do nosso paiz, d'um orgão na imprensa jornalística que advogue os seus interesses. Agradecemos a troca e a boa camaradagem. Avante! é rasgar horisontes novos para a terra que até hoje não conheceu os beneficios da civilisação, e dos aperfeiçoamentos phisicos e moraes e unicamente tem sido considerada no orçamento da receita.

Naquella humoristica vida da Bohemia, que todos têm lido com um prazer vivo, naquellas paginas radiantes de mocidade, alegria e vida, a ninguém passa desapercibido aquelle typo excentrico do pintor que Murger descreve.

As theorias artisticas, que o bom humor dicta ao alegre rapaz, e o preceito que elle invoca e estuda, a sua grande descoberta, a influencia do azul nas artes, têm feito passar momentos deliciosos aos innumerados leitores do excellent livro.

Hoje, temos exposta a serio, por um jornal, que modestamente se denomina *Illustrado*, uma theoria similhante, não sobre pintura, mas a respeito de educação. Trata-se da benefica influencia do cha na educação dos povos. Esta descoberta recente, feita pelo *Diario Illustrado* vae dar que pensar aos sabios que têm dado a sua vida aos estudos sociaes, e irá destruir as theorias que esses vultos grandiosos indicaram para a educação do povo.

Homens de pouca imaginação deram a escola como base d'este trabalho, esquecendo completamente o cha, o cha, que usado nas dozes que o *Illustrado* não deixará de indicar-nos, fará do povo ignorante e rude, um povo instruido e sensato. O cha! quem o diria! Mas é certo, elle disse-o e nós temos uma crença profunda no que elle diz.

Agora só nos resta fazer ao governo de sua magestade uma ferverosa petição:

Abaixo as escolas primarias! Abaixo as academias! Queremos cha! Desejamos ser sabios e o governo que nos faculte os meios. Vamos tomar cha durante cinco annos, e o sr. ministro do reino ha de ter a bondade de nos mandar passar as cartas de bacharel em Direito.

Sobre tudo este novo systema é de uma grande commodidade. Como seremos grandes no futuro tomando todas as noites uma chavena de cha! O *Illustrado*, a patria vae dever-te a sua redempção!

Mas diz-nos uma cousa: no teu systema collaborariam os mercieiros?

E assim como sua magestade o impe-

rador do Brazil só pedia Hebraico, os povos portuguezes exclamam anciosos:

—Chal! chal!

Sobre a cabeça dos doze apóstolos brilha a lingua de fogo, e os seus espiritos esclareceram-se e fallaram todas as linguas do universo. Sobre estes povos portuguezes, oh! espanto! a lingua de fogo desce sob a forma d'uma chavena de cha e estes que hoje são os analfabetos, serão amanhã os homens de saber.

Oh! sabios da Grecia, que haveis encanecido as vossas fronte olympicas no estudo dos vossos livros da sciencia, vede, como por este novo processo, nós economisamos tempo, azeite e sobre tudo se conservam pretas as nossas madeixas peninsulares!

Sobre a campa do *Diario Illustrado* iremos gravar com mão agradecida:

Aqui jaz aquelle que regenerou a patria, pelo cha.

E para elles as glorias radiantes, e os loureis dos bemfeitores da humanidade.

Mais um para ajuntar ao *Illustrado*.

O notavel pimpolho chama-se *Cabron* e diz-se satyrico.

A pretensão é ridicula, porque ainda não tivemos o gosto de ler nel'e coisa a que se não podesse dar o nome generico de semsaboria. Este não é como os outros jornaes, orgão d'um partido, ou d'um grupo. E' o orgão da sandice.

Causa tédio. Insulta os que têm a coragem de defender certas idéas francamente. Ataca os liberaes do Porto, que deram vivas á liberdade á porta da Sé. Traz de vez em quando artigos declamatorios contra os impios e resa assim:

*Libertinos, herejes e atheus! Tremei que não vem longe o DIA que os verdadeiros liberaes vos conheçam as entranhas!*

Isto é d'uma parvoice, que deixa a perder de vista tudo o que Rosalino e Jayme têm escripto.

Lembra-nos uma coisa. Virá o tal *Cabron* substituir na imprensa o jornal a *Nação*? Franqueza, escravinhadores, dizemos se sois Frey Francisco das Chagas ou Antonio Rodrigues de Sampaio!

## SANTA CRUZ

(AO DR. MANUEL D'ARRIAGA)

Em nome de Jesus—do Deus do amor  
Do Deus de Caridade e Redempção,  
Tu, padre, tu só dás a maldição,  
Ao homem de talento,—ao pensador!

C'ó a espada na dextra vês sem dór  
O assassinato, o roubo e a sedição,  
Fera humana, sem dó, sem compaixão,  
Covertes o Evangelho ao teu rancor.

Nas montanhas da altiva e nobre Hespádia  
Foram erguer as tendas de campanha  
Do vil jesuitismo!

Nas cidades o povo indignado  
Proclama a Igualdade e num só brado  
Diz: guerra ao fanatismo.

J. d'Araujo.

Diz o util e bem redigido *Diario da Tarde* que o schah da Persia traz na sua comitiva umas vinte raparigas encarregadas das costuras e bordados de sua magestade. Provavelmente tambem lhe servem para matar as horas de ocio. Se elle é rei e de mais a mais do Oriente. Concebe-se lá um rei sem arem e mandriice.

Não temos recebido a *Justiça Federal* de Madrid. Não sabemos a quem attribuir esta falta por isso a deixamos aqui mencionada.

E' encarregado de receber o importe das assignaturas d'este jornal nos conceitos de Mirandella e Villa Flor o nosso amigo dr. Alvaro de Mendonça Machado; os nossos assignantes d'alli podem dirigir-se a s. s.ª

Por accumulção de materia não podemos ainda hoje continuar com a inserção do programma federal do *Rebate*, o que faremos no numero seguinte.

Recebemos o 1.º numero d'um novo jornal republicano a *Propaganda*, redigido pelo auctor da *Lanterna*. Publica-se trez vezes por semana. O estylo é o mesmo do celebre periodico pamphleto que tanto deu que pensar aos nossos politicos devassos e cortezões e que tantas perseguições soffreu da parte da auctoridade. Hoje acha-se legalmente habilitado e pretende abrir brecha profunda no edificio carcumido e arruinado da monarchia:

*Regnum itum est!*

Recebemos egualmente o 1.º numero da *Republica*, jornal que defende as idéas que o titulo indica. E' publicado nas ilhas e é o seu redactor principal bacharel formado em direito. Quem anda com a justiça nas mãos é de certo mais apto para a comprehender. E' por isso que sempre os maiores tribunos e defensores da humanidade, tem sido homens formados em direito, a par do parasitismo que existe nesta classe. Camillo Desmolin tinha o curso de direito; Robespierre da mesma maneira; Gambetta, J. Favre, Thiers, Figueras, Castellar, etc. todos cursaram as aulas de direito e a maior parte d'elles tem uma fama europeia no fóro judicial. Com esta camaradagem pode, pois, o nosso collega dos Açores fazer larga propaganda nessa terra classica da liberdade, d'onde saiu o brado dos nossos primeiros liberaes; e já que elles nessa epocha não tiveram força para tirar das suas permissas todos os corollarios que nellas se continham, não trepidemos nós hoje e levemos os nossos principios até as ultimas consequencias. Nada de reis e nada de religião, se queremos a liberdade.

Dito isto, desejamos larga vida ao collega.

Recebemos o *Manifesto do conselho geral da associação de todos os trabalhadores ao proletariado portuense*. Chama para o seu gremio a todas as classes trabalhadoras da cidade invicta. Aconselha união e força para resistir ao despotismo do capital. Diz que até hoje tem sido ludibriado o pobre operario; diz que toda a sua historia se tem resumido em *miseria, aviltamento e escravidão*. Diz que o operario tem secundado a todas as revoluções e nada tem aproveitado até hoje de todas ellas. Diz que o operario trabalha sempre, mas que tem só até hoje trabalhado para os outros, pede por tanto o producto integro do seu trabalho. O manifesto está escripto com vigor, vê-se que soffre e tem sido offendido na sua justiça quem pugna tão violentamente pelos direitos da maior parte e da mais digna da especie humana, os trabalhadores. Mirabeau, o celebre orador da revolução franceza para amar profundamente a liberdade foi necessario que seu pae o tivesse encerrado vinte annos numa masmorra.

Para responder ás justas reclamações d'esta classe portuense diz um profundo cinico de Lisboa, o *Jornal da Noite*:—*«cautelem-se os proprietarios.»*

Quem nunca ganhou segundo o trabalho honesto, porque então nada teria ganho até hoje, quem recebe aos contos de reis para escrever historias, e depois nada escreve, é justo que se revolte contra quem pede o producto integro do seu trabalho. Ah! vendilhões da penna, ah! escarneo da consciencia e da moralidade publica, ah! grandes corruptos que vae soar a hora da justiça!

Felicitemos o nosso paiz pelos incrementos que as sociedades operarias vão mostrando. Oxalá que se propaguem ainda mais e que alargue este espirito de união até ás terras de 3.º, 4.º e 5.º ordem, até

às simples aldeias, onde nos alegraria ver florescer a communa agricola. No futuro, como já demonstrou Proudhon, toda a sociedade se resolverá em associação trabalhadora.

O estado politico substituir-se-ha pelos estados economicos, onde cada um ganhe segundo o seu trabalho, a sua aptidão e as suas necessidades. A posição de politico saltibancó official será tão desprezível como é hoje a do triste operario. Para isto união e mais união.

Nunca conspireis uns contra os outros operarios, porque isso será a vossa morte. Se um operario diz ao seu patrão que não trabalha senão por tanto (somma) não digaes vós que o fazeis por menos, porque ao vosso preço se opporá outro mais baixo e por fim caireis todos na miseria. Para isto deveis-vos unir os d'umas sociedades com outras, os d'um reino com outro, formando a federação universal do genero humano trabalhador.

Quando tiverdes conseguido tudo isto o mundo será vosso; e os proprios capitalistas serão elles mesmos que vos virão depor nas mãos os seus capitães para obter alguns rendimentos e não cairem na miseria, porque os capitalistas unem-se para vos fazer guerra, mas não são capazes de se unir para trabalhar, porque o trabalho é um habito e elles desde ha muito tempo que o perderam.

O manifesto está escripto com energia e corresponde perfeitamente ao fim que a associação *fraternidade* operaria d'aquella cidade tem em vista. Encontramos-lhe todavia uma inconsequencia, é vir dizer-nos que põe de parte a politica. E' um erro grave este, querer a emancipação do trabalho e não pugnar ao mesmo tempo pela republica federal que é a emancipação politica e um meio para chegar á federação economica do regimen das industrias. Além d'esta vantagem, que é grande já de per si, temos a vantagem da economia do sistema republicano; economia que vae reflectir-se directamente sobre o imposto que paga o operario, e indirectamente sobre a barateza dos generos, os quaes o operario paga por menor preço. E' necessario que as classes operarias, tanto do Porto, como de Lisboa e de todo o paiz, se convençam que é a ellas a quem mais convem o governo republicano, porque constituem o maior numero da população; são ellas que consomem a maior parte dos productos alimenticios, todos comprados ás outras classes, as quaes lhe melem no preço do custo o imposto que por elles pagam ao governo.

Proudhon nalgumas obras quiz separar a questão politica da questão economica e creou um certo partido que tem feito mal ao triumpho da democracia. Esta idéa passa hoje, porém, de moda, e já entre nós os operarios de Lisboa vão comprehendendo isto mesmo. O *Pensamento Social*, orgão meramente economico não poudo sustentar-se, mas foi bem substituido pelo *Rebate* cuja redacção é em grande parte a mesma.

Isto mesmo dizia o redactor das *Farpas*, respondendo ás observações que lhe tinhamos feito que não era possivel a solução do problema social, quando a fórmula politica não garantia a justiça; quando todas as manifestações da vida se tinham desenvolvido e só permanecera no mesmo estacionamento a forma politica.

E' necessario ser muito dominado pelo prejuizo ou pela ignorancia para não ver conclusões tão claras. Dizem as *Farpas* que Turgot queria a reforma das instituições, mas não a sua mudança; que

pertendia faser por este meio pacifico o que se fez depois por meios violentos.

E' ainda ignorancia ou má lé-sillogistica. Esse celebre Turgot lá esteve no poder; porque não conseguiu essa tão decantada reforma? espera-se a resposta.

Com a opinião das *Farpas* contrasta a de Marat que achava ainda a revolução pacifica de mais e dizia todos os dias que era necessario, note-se bem, ainda depois da convenção, decepar duas mil cabeças.

Muita gente, e eu cuido que o auctor das *Farpas* é d'este numero, não deseja a mudança politica porque cuida que ella sómente se pode fazer por meios violentos; mas isto não é exacto; faz-se pela sciencia e pela instrucção como succedeu ha poucos mezes em Hespanha, pois ninguém já hoje duvida do pensamento de Girardim: *a revolução pela força é a civilização interrompida; e a revolução pela sciencia é a civilização continua.*

Aproveitamos este mesmo logar e occasião para responder ao auctor das *Farpas* a respeito da sancta indignação de que parece ser tomado pelo conselho que lhe demos de se deixar de affirmações, e farpeasse apenas para não ser farpeado. Tomou o conselho á letra e mostrou-se indignado: chamou-nos creanças.

Não nos offende o attributo; offender-nos-ia mais, muito mais, se nos chamasse velhos ou invalidos. Foram injustas, porém, as *Farpas*. Nada havia na nossa local capaz de indispor as *Farpas*. O que alli dissemos encontra-se no programma do seu 1.º n.º. Alli se diz que ellas vinham unicamente combater sem nada afirmar. Nós quizemos chamal-as á ordem.

Não quizeram ouvir-nos porque nos acharam novos para presidentes. Paciencia... Saibam as *Farpas* que desde que appareceu Desmolin, São Justo, Pico de Mirandola, Páschal, Castellar, Theophilo Braga e Hoche, já não se pergunta a idade do sabio, ao escriptor, ao artista e ao militar. Os filhos sabem sempre mais do que os paes e realmente os mais velhos não são nossos paes, mas os filhos que vêm após elles.

O celebre orador hespanhol, Emilio Castellar, vae publicar uma nova obra utilissima para a democracia.

Intitula-se a *Historia do movimento republicano na Europa*.

Tracta do apparecimento e da evolução das idéas republicanas sobre o nosso continente. A ajuizar pelas obras anteriores do ex-ministro dos negocios estrangeiros de Hespanha, pela *Historia da civilização durante os cinco 1.ºs seculos do christianismo*, pela *Formula e defesa do progresso*, pela *Redempção do Escravo*, *Questões Politicas* e *Discursos parlamentares*, a *Irmã da Caridade*, *Recordações de Italia*, etc., não deve deixar nada a desejar. Alma e coração, estudo e grande intelligencia; nada falta ao grande tribuno para nos fazer comprehender a idéa republicana surgindo como casta flor do meio das orgias e baccanaes do despotismo da monarchia e dos imperios. Diz a *Equaldade* que esta obra é já muito conhecida nos Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra, onde valeu ao seu auctor entusiasticas felicitações da parte dos criticos.

E' editora a antiga e acreditada casa de D. Manuel Rodrigues. Recommenda-mol-a ao publico.

Diz o *Jornal de Lisboa* que fóra encontrada no Sena uma bola de cobre cheia de cartas. Era do tempo do cerco de Paris. Continha 150 e tantas cartas, algu-

mas das quaes subscriptadas para Rochefort.

Parece-nos galga.

Conta o *Jornal de Lisboa* que fóra suspenso por trez mezes o jornal marselhez intitulado—*Joven Bepublica*, por ter publicado dois artigos intitutados:—*A comedia Politica* e *Moeda corrente*. Este ultimo terminava por estas palavras: «Aqui jaz a patria de Voltaire.» Esses artigos envolviam, segundo se declara no decreto que suspendeu o jornal, ultrajes aos altos funcionarios publicos. Continuem.

## EXPEDIENTE

Pedimos desculpa a alguns srs. assignantes a quem remettemos um bilhetinho para mandar satisfazer as suas assignaturas, as quaes já estavam pagas. Foi por esquecimento do administrador do jornal. Por esta occasião cumpre-nos dizer egualmente aos srs. assignantes que ainda não as reformaram, ou que ainda não satisfizeram o seu importe, que o mandem fazer com brevidade para não soffrer interrupção na remessa, visto o primeiro trimestre estar a extinguir-se.

## ANNUNCIOS

### ESBOÇO BIOGRAPHICO

DE

ANTONIO FLORENCIO FERREIRA

Auctor dos *ARPEJOS D'ALMA* e *IDEALISMO E SENTIMENTOS*

acompanhado por muitas das apreiações que sobre os mesmos livros fizeram varios escriptores

POR

ADRIANO JACOB LOPES

Preço, em Coimbra, de cada caderneta de 32 pag. em 8.º—60 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o volume completo—200 réis.

Ficam sem effeito as assignaturas da provincia que não vierem acompanhadas do respectivo importe, podendo este ser em sellos do correio.

A correspondencia deve ser dirigida ao auctor, rua da Sophia, 26, junto a Santa Justa—Coimbra.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre . . . 300 réis, semestre . . . 600 réis.—Para ás Provincias—Trimestre . . . 360 réis, semestre . . . 720 réis.—Avulso no proprio dia 20 réis.—Annuncios 30 réis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia para este jornal deve ser dirigida a Joaquim Maria de Almeida—Coimbra—Rua da Sophia, n.º 59 e 61



# REPÚBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 13

Do magnifico jornal republicano de Lisboa—*O Rebate*, transcrevemos o seguinte artigo:

## SOPHISMAS DO SYSTEMA CONSTITUCIONAL

A existencia do estado na sociedade tem sido explicada como representando uma vontade abstracta e impassivel formada pelo accordo tacito de todas as vontades individuais. E' este seu profundo caracter de impersonalidade que dá ao estado a força moral e a magestade da lei. Quando Luiz XIV formulou a maxima *l'état c'est moi*, isto é, a minha pessoa deu-nos a conhecer o vicio em que foi gerado o systema constitucional; o absolutismo forçado pelos novos interesses da sociedade a ceder o campo á liberdade, sophismou o dilemma terrivel e outorgou, concedeu, fez-se dador de cartas constitucionaes, inculiu na base organica do estado a diathese degradante, da sua personalidade. Hoje torna-se quasi impossivel comprehender o que seja estado, sem sermos forçadamente levados a defini-lo como uma instituição fundada sob pretexto de ordem para explorar por todos os meios o homem que precisa viver em sociedade. A manifestação effectiva do estado exercendo todas as formas de poder, eis o que é o governo. Assim como o padre explora o dogma e vive á custa d'elle, é assim o governo sempre absorbente, mas justificando-se com essa vontade abstracta que realisa. Uma das maiores capacidades do systema constitucional, o sabio Guizot, definiu segundo o espirito do systema o que era governar; para elle, governar é sustentar-se no poder. Ponhamos em vez de um Guizot essa cáfila de bachareis, doutores, engenheiros e jornalistas que aspiram ao poder, e para de logo o governo torna-se o banquete de Trimalção, d'onde não convem sair senão depois de fartos. A' realisação da ordem fica a capa exterior que encobre os milhões de meios capciosos empregados para sustentar-se no poder, para gosar por mais tempo a luxuria de mandar e gastar.

Penetremos nesta condição do systema constitucional e vejamos os innumerados sophismas sobre que elle se funda. D'onde vem o poder real e qual a sua parte neste systema? O rei apparece-nos no systema constitucional como um homem a quem tomaram conta de tudo quanto tinha, e que por uma commiserção o deixaram ficar, com a clausula de não bolir em coisa alguma sem prévia licença. Se o velho absolutismo comportasse dignidade, se aquelle que o exerce ultrajando a humanidade se não degradasse tambem a si, nunca o rei devia acceitar que o discutissem, e no momento em que a liberdade suplantasse a auctoridade, retirava-se, saudia de si todos os vestigios da soberania. Os monarchas constitucionaes não fizeram isto, porque faltava-lhes a noção da propria dignidade; e para ficarem mais tempo girando o sceptro que se lhes torna maromba, acceitaram e comeram pela mão do povo (lista civil) e estarem debaixo d'uma tutela permanente (conselho de estado), o servirem de guarda-portão (abrir e fechar as camaras), o servirem

de pretexto para luminarias e salvas de artilheria (dias de grande e de pequena galla), finalmente estarem abaixo do homem nullo, que apesar de nullo é livre na relação da especie, e elles só podem casar segundo a razão de estado e das vergonhosas transacções diplomaticas.

E' este o typo fundamental que vem viciar o systema; existe nelle, não para realisar equilibrio de poderes, mas para ir tratando de si com os sophismas especiaes. No systema constitucional todos os cargos são accessiveis ao que está no goso dos seus direitos civis e politicos, sem privilegios, sem hereditariade, sem transmissão de paes a filhos, como no antigo regimen. Mas o rei é o primeiro que posterga esta garantia da liberdade, tornando-se hereditario. A hereditariade é um sophisma de segurança de ordem, que por uma só vantagem nos dá uma dynastia de embecis. Mas sobre estes sophismas nascem outros, como as plantas parasitas sobre a putrefacção. Quando o rei casa, estabelece-se uma dotação para a mulher; por cada filho que lhe nasce, arbitra-se-lhe outra dotação, de modo que a propagação da especie real torna-se para o monarcha uma fonte de receita para os semi-gastos, e ao mesmo tempo assegura na familia successores para irem no maior numero possivel sugando o sangue do boi gordo chamado nação. Mas não são estes os peiores sophismas do systema constitucional; d'aqui deduzem-se os mais satanicos, os mais revoltantes. Um dos principios fundamentaes do systema é: que o rei *reina e não governa*. Cartuxo não tiraria d'este principio consequencias tão praticas como esta: *o rei reina*, e por este facto colloca-se acima da lei, torna-se irresponsavel por todos os seus actos, firmando a sua existencia no facto de sancionar e dar força á lei, é o primeiro que ousa declarar que reserva para si o direito de a violar impunemente! Que é isto senão a unha do diabo do velho direito divino, que a outorga da carta não pode encobrir? Que é isto senão o movel justo que nos deve ter sempre alerta para se constituir o sacrosanto tribunal da revolução para julgarmos esses para quem as leis não bastam? *O rei não governa*: este é que é o sophisma tenebroso: não governa, mas tem o veto para toda e qualquer lei discutida e approvada pelas camaras; tem o poder moderador para alterar o veredictum immutavel do poder judicial; tem a graça e mercê para assalariar livremente os apañiguados de futuros golpes d'estado; tem a faculdade de dissolver a representação nacional, e para demittir os ministerios quando elles lhe não sirvam para tirar a castanha do lume com a mão do gato. Bastava uma d'estas attribuições concedida a um homem intelligente, posessem-lhe embora as peias de mil cartas constitucionaes, que elle reduzia o governo aos meros caprichos da sua personalidade. Mas não é por este lado que vem o mal; normalmente os reis constitucionaes são apathicos, têm poucas circumvoluções no cerebro e não abusam d'estas prerogativas. Mas que arbitrariedades inaudites se praticam á sombra d'isto! Todos os ministros, todos os que usam uma parcella

qualquer de poder, encostam-se para os que lhe ficam na hierarchia mais acima, defendem-se com o pretexto de ordem superior, e fecham-se na irresponsabilidade.

Se um ministro calcar a nossa justiça, para quem appellaremos, se dentro do systema a propria imprensa está corrupta? se a opinião publica anda desnorteada pela lucta dos interesses pessoas? Succede-se a este um outro ministro; todos declinam de si as consequencias dos erros dos seus collegas. Se a violação do direito vem dos infimos funcionarios, para chegarmos a obter uma reparação tinhamos de recorrer todas as escalas possiveis até chegar ao conselho de estado, gastando annos, coragem e dinheiro, para no fim se rirem da nossa constancia. Tudo é lento, formal, complicado e retardativo no systema constitucional; é d'estes longos processos para conseguir-se qualquer cousa que elle vae tirando para si todas as vantagens do absolutismo; em se dizendo não é legal, ou exigindo formalidades, demora-se tudo indefinidamente nas secretarias, nas commissões, nas mãos dos ministros e na carteira do despacho. Todas as formas exteriores do systema são liberaes, mas ninguém ha que se não queixe das mil difficuldades que ha para obtermos por esta via a justiça que nos pertence.

No systema absoluto sabemos que o mal nos vem de um conhecido prepotente a quem n'uma hora de decisão podemos tomar estreitas contas; no governo constitucional não sabemos qual é a mão que nos explora, quem é que nos embarça a nossa actividade; soffremos, mas não sabemos de quem nos devemos queixar. Pergunte-se isto ao industrial, ao negociante, ao agricultor, ao contribuinte, ao rico, ao pobre, se não é assim. E tudo pela hierarchia irresponsavel do poder a começar do rei até ao insignificante guarda barreira, que exerce o seu logar com arrogancia, pensando que tem o rei na barreira. Enunciados todos estes primeiros sophismas, sigamos o seu desdobramento; do mal nunca pode provir bem. Na organização do estado, a principal forma de poder é o legislativo; aqui abundam os sophismas. Para ser feita a lei, é preciso consultar a vontade nacional pelo voto; nada mais racional; nenhum fundamento mais justo pode ser dado uma lei. Mas o governo encarrega as suas auctoridades administrativas para imporem a forma da votação, e o resultado traz a apparencia de vontade nacional, mas não é mais do que um indecente ludibrio, e uma invasão de poderes. D'aqui vem que a lei que se decreta nasce de uma falsificação, e não de uma urgencia social, e como a arbitrariedade é que a sancionou, facilmente se quebra a favor d'aquelles chamados grandes eleitores, isto é, dos que tem um certo numero de votos que negociam. Esta mercadoria é a mais appetecida, pelos que pretendem legalisar a arbitrariedade. Mas o voto nacional sophisma-se pela pressão da auctoridade, pela veniaga dos titulos honorificos aos grandes eleitores; depois nas camaras, o voto soffre uma nova sophisticação com o principio das maiorias, se é que ellas não vem já cosinhadas das assembléas eleitoraes. Um melhoramento promettido para a localidade, engoda um

voto; um despacho que annulle o mandato elimina um voto que era contrario; o ministro faz-se imperativamente eleger para ter voto, e é elle quasi sempre que completa a maioria. Estabelecido o processo de legalisar á luz do mundo a arbitrariedade, é preciso inventar outro processo para illudir a actividade e a satisfação das necessidades sociaes. Todo o tempo é pouco para as complicadas tricas de se sustentar no poder; todos querem participar. Ter actividade, fazer reformas, é um escolho, pode-se naufragar; portanto o melhor modo é embaixar os povos como se faz ás crianças que tem fome quando se lhes canta uma cantiga. O governo, essencialmente sophista, reduz as reformas, os actos, a meras palavras, a que chama projectos, armam-se simulacros de questões, sepultam-se em commissões dormientes que descansaem sobre um relator, que faz um longo discurso, glossado de Maurice Block ou de Batbie, decreta-se a final, e para se pôr em vigor faz-se depender o decreto de um regulamento, ou da fundação de um registo, como aconteceu com a reforma do casamento civil, ou tambem do codigo penal. Isto é bello! Pode ser que a opinião publica conheça este jogo politico da vermelhinha, e para não lhe dar tempo a reflectir compram-se quatro jornalistas, dando-lhes uma candidatura, um emprego, um subsidio, para que elles corrompam a opinião, desauthorisem os homens de bem, e criem esse estado marasmatico em que vemos caído o espirito publico diante das mais sagradas questões que agitam a Europa. Para isto subsidia a religião do estado e os theatros, faz a lei de liberdade de imprensa (Avila-rolhas) e as visitas reaes ás provincias.

Este campo é immenso, e por isso passamos ao Poder Executivo: decreta-se o tributo de sangue, mas faz-se o serviço militar remivel a dinheiro, de modo que se come por dois lados: 1.º pelo dinheiro que entra para os cofres do estado, que vende uma obrigação que instituiu como base da sua segurança; 2.º, o dinheiro que paga aos soldados simulados que não existem se não no papel para vencerem pret. A prisão preventiva é outro sophisma já aqui tratado; pune-se a intenção que não saiu do dominio moral com o mesmo criterio de um Torquemada; não, explora-se por que deixa dinheiro. O systema constitucional é dispendioso e precisa de alliciar muita gente; é por isso que elle concorre com o cidadão explorando com os seus recursos extraordinarios as industrias de que elle vive, e peor do que isto, negociando com as instituições de que a nação tira o seu desenvolvimento moral: pelo sophisma das matriculas, o estado vende-nos a instrução publica, pelo sophisma de direito de mercê, vende-nos os cargos publicos, pelo sophisma de lei hypothecaria, dá excessivos privilegios ao capital, que é que lhe faz os empréstimos; pelo sophisma da segurança das relações entre os cidadãos faz a policia que nos espia aos cantos da rua, e lucra com o monopolio das cartas; enfim pelo sophisma da exploração por utilidade publica faz como Hausman em Paris, vende as ruas ás companhias particulares. Esta necessidade de dinheiro mede-se pela avidez da Fazenda,

que até ha bem pouco tempo nos podia expoliar summariamente de todos os nossos bens, fundando-se em que um n'osso sexto avô era devedor á fazenda nacional. Mas para que este systema falso se mantenha é necessario interessar nelle o maior numero de pessoas; sophisma-se fazendo papel moeda com o titulo de Inscricções que dão um juro phantastico, vendem-se em baixas indecorosas, o burguez colloca alli os seus pequenos capitães, acostuma-se ao juro, e por fim soffre todas as orgias de todos os governos comtanto que se não perturbe essa ordem material que lhe deixa receber o juro dos seus papeis. Neste systema os sophismas estão dependentes entre si; ligam-se como os salteadores que se entendem por um simples asobio. Por exemplo, no Poder Judicial a dignidade do magistrado está aviltada aos olhos do cidadão, por que o systema constitucional, prodigo em apparatus, completa-lhe os seus honorarios com os emolumentos que elle recebe das partes. Ha simonia mais infamante? Segundo a carta, a lei é igual para todos, e faz uma excepção no direito criando um fóro especial e privilegiado para os commerciantes.

No poder administrativo ha uma palavra que resume todos os seus vicios: basta dizer *centralisação*. Nasceu este modo de administrar do regimen napoleónico, desenvolveu-se admiravelmente no systema constitucional, que sempre affectando liberdade tem atrophiado a vida municipal e a iniciativa das pequenas localidades. Pela centralisação, o povo tem-se tornado um pupillo nas mãos do governo, nada trata por si, perdeu a determinação propria, e sob o nome de funcionario come pela mão do estado. Por outro lado as auctoridades administrativas, sob o sophisma de confiança, não tem fixidez, para nada servem porque nunca chegam a adquirir o conhecimento e o amor local. Tudo isto é esboçado rapidamente; como em uma caverna que repete o ecco muitas vezes, assim neste abysmo constitucional por traz d'estes sophismas desdobram-se outros ainda mais medonhos. Para os prevêr basta lembrarmos-nos, que o systema constitucional é um facto transitorio entre o absolutismo do seculo XVIII e a democracia do seculo XIX; esta forma provisoria de mais tem durado, porque tendo esterilizado e corrompido duas gerações vegeta desassombadamente sobre esses detritos da podridão moral. A geração nova respeita os bravos do Mindello na sua boa fé de 1833, mas sente-se separada e mais adiante por quarenta annos de embustes governativos, e por isso decide-se com a alegria da coragem pelas formas legaes e francas da Republica.

## PADRES E REIS

### III

Uns não valem mais que outros.

O rei afoga a liberdade numa rede imensa de decretos, quasi sempre em opposição com as leis naturaes, verdadeira expressão da soberania popular.

O padre, além de um odio innato contra tudo o que é independente, honesto e livre, esmaga as mais sublimes aspirações humanas, apontando ao *Syllabus*, como um dos mais perfeitos codigos civis e politicos.

Tudo se aniquilla, tudo se destroe, tudo se contradiz.

S. Pedro terá um dia de abrir-nos as portas do céu, e para que elle nos receba condignamente é mister não só que o rei seja o vassallo do papa, senão tambem que o povo se prostre perante o padre, como se fóra um idolo sagrado.

Por uma ostentação official inventaram-se os concilios como se inventaram os conselhos da corôa.

Similhanes aos apóstolos, que, reunidos em Jerusalem, só de per si consti-

tuam a Igreja; similhanes ás discussões dos santos padres de Niccia,—estes comícios jámais tiveram outro fim que não fosse a suppressão de todas as garantias individuais e as arbitrariedades do despotismo.

Por meio dos concilios aspiravam outr'ora os Papas Gregorio VII, Alexandre III e Bonifacio VIII á supremacia e á unidade do mundo politico.

E quando não era o—*omnis potestas a Deo*—que predominava e que, sobretudo, teve o seu triumpho no seculo V, ao qual tentam fazer-nos retrogradar actualmente, era, então, o—*quod principi placuit legis habet vigorem*—por ventura tanto ou mais perverso que o outro principio.

Umaz vezes arvorava-se o pontificado do Cesar, outras vezes o cesarismo do pontifice; umas vezes fallava Igreja; outras vezes o estado; umas vezes era a theocracia soberana e rainha, outras vezes a autoocracia; umas vezes era Gregorio VII o imperante, outras vezes Henrique VIII da Inglaterra, ou Pedro, o grande, da Russia.

A hereditariade dos vicios clericais arrasta consigo inevitavelmente a hereditariade dos vicios da realza.

E' sobre maneira coerente e logico, que, á infallibilidade dos papas, se contraponha a infallibilidade dos ministros.

Esqueceram-se impunemente—os miseraveis—do sangue que nos custou a liberdade, desprezaram muitas lagrimas vertidas e muitos corações opprimidos, e agora só tentam ameaçar aquillo que a a propria natureza jámais nos poderá negar—a liberdade.

Nunca...

Que nossos peitos se animem sempre á divina palpação dos grandes principios e que nossas almas puras sejam sempre embaladas por tudo quanto existe de mais digno, de mais honesto e de mais verdadeiro.

Pois assim se condemnam e esquecem os grandes movimentos de 1820 e de 1832 entre nós?

Com que direito deixamos nós de invocar os nomes mil vezes dignos de Santerre, de Barbarouse, de Marat, de Robespierre, de Mirabeau, de Danton, etc.?

Acaso a intrepidez de uns, o orgulho de outros e a abnegação de quasi todos, não são titulo sufficiente para que nós os invoquemos com fervor?

Pois saabei, srs. reis e srs. padres, que hoje já não pode haver compaixão para comvosco.

O calor que alentou os revolucionarios de 1789, em França; o fogo sagrado que inspirou a revolução de Cadiz em 1812 e que mais tarde foi reverberar suas beneficas chammas sobre as bellezas de Napoleo; a independencia que agitou Cromwell a sacudir Carlos I do throno inglez: tudo isso, emfim, que os povos chamam emancipação e soberania, existe presentemente bem gravado no fundo de nossas almas.

A despeito das ficções constitucionaes e das inviolabilidades soberanas, o povo não trepidou outr'ora em conduzir Luiz XVI ao cadafalso e em acompanhar Carlos X a Cherbourg.

Tomae bem conta nisto!

O rei, que devera ser um fiel mandatario do povo, não o é; o padre, que devera ser a verdadeira expressão do Evangelho, pelo contrario, prostitue-o e profana-o impunemente.

Ha uma coisa, porém, que se não cala, que se não abafa, que se não esmaga.

E' a justiça.

Essa vai já fallando na Hespanha, na França e na Alemanha pela sacratissima voz da liberdade.

Esperemos, pois, o grande dia da luta com coragem e abnegação.

Sobre tudo não nos intimidemos.

O rei é o padre e o padre é o rei.

Um não vale mais que outro.

## POLITICA INTERNACIONAL

As noticias que nos chegam hoje da nação vizinha contrastam absolutamente com as que demos aos nossos leitores neste mesmo logar na semana passada. Tudo era triste e doloroso então. A morte do valente e aguerrido brigadeiro Cabrinetty, a sublevação de Alcoy, de Sevilha, Toro, Carthagená, Murcia e Valencia, a agitação de Barcelona; uma nação sem governo, sem energia, uma camara dividida e dissidente, parte d'ella até retirada das sessões.

Hoje tudo mudou de face. Existe já um ministerio forte e energico, presidido pelo sr. Nicolau Salmeron, ex-presidente da camara, e composto de Maissonave, ministro da governação, Fernandes Gonçalves estado, guerra D. Eulogio Gonzalez, general; fomento Moreno Rodriguez e ultramar o sr. Palanca. O discurso proferido pelo sr. presidente do poder executivo na sessão de 20 foi profundamente applaudido.

Os deputados intransigentes tornaram a assistir ás sessões da camara e alli os felicitou o sr. Salmeron, esta honra do partido republicano, como lhe chama a *Egualdad*.

As cidades do sul e oriente acham-se resolutas a acabar com todas as difficuldades na luta contra a reacção. Barcelona já tem mobilizado um exercito de 6:000 operarios, promptos a combater contra o carlismo; Murcia, Valencia e outras cidades possuem as mesmas intenções. Todas tem proclamado a autonomia dos municipios, mas todas igualmente reconhecem a soberania da assembléa nacional. Este medida dos cantões independentes que, á primeira vista parece a dissolução da Hespanha, é todavia o seu maior esteio da liberdade e o unico meio de vencer os carlistas.

Cada cantão forma um exercito que mantém, estipendiado, instruo á sua custa, e o numero dos exercitos de todos os cantões dá o exercito da republica. O general Contreras foi o iniciador d'este novo processo militar em Hespanha. Elle mesmo se encontra á face do cantão de Murcia prestes a defendel-o a todo o custo sem deixar de se communicar com o governo. Se todas as provincias do norte tivessem feito assim não chegaria o carlismo a possuir naquella região o incremento que mostra. Mas ainda é tempo de se organisarem.

Os acontecimentos de Alcoy não tiveram a importancia que lhe attribuiu a principio o governo. Não houve mortes horrorosas e assassinatos, e nem o numero attingiu a cifra que se dizia. Uma correspondencia d'um commissario do governo, que foi mandado alli instaurar processo juntamente com outras auctoridades e que foi publicada na *Egualdad*, diz que sómente houvera de parte a parte 23 mortos, e isto por causa da resistencia das tropas do governo. Tambem não houve incendios de fabricas e sómente foram queimados os archivos da camara.

Por toda a parte renasce o espirito publico republicano em Hespanha. O telepho tinha-nos dito que se rendera Estella, mas não foi exacto. Resistiu com heroicidade, e se acaso fosse tomada pelo carlismo estava prestes a fundir-se nas ruinas, como a antiga Numancia e Sagunto. Desde o momento que começou o cerco um voluntario da cidade incerrou-se na casa da polvora e prestes a lançar-lhe fogo, caso entrassem os carlistas. Este acto foi entusiasticamente applaudido na assembléa nacional.

O novo ministerio resolveu ler diariamente na camara todos os telegrammas que receber. E' util e salutar esta resolução. Ninguem deve ignorar, principal-

mente a representação nacional, o que se passa no paiz.

Consta que o governo vai publicar um decreto onde se determina que seja fuzilado todo o padre que fór encontrado com armas de fogo na mão e bem assim todo o chefe de guerrilhas.

## CARTAS SCIENTIFICAS

a Magalhães Lima

*Meu caro Magalhães Lima.*—Deixe-me agradecer-lhe as boas palavras com que acolheu a reconstrução da minha conferencia, e como prova de quanto as considero, contestar-lhe-hei uma contradicção que o meu bom amigo julgou encontrar nella, naturalmente por culpa da minha exposição e não por confusão do seu espirito esclarecido e recto. Para isso permitta-me que ractifique a transcripção que fez das minhas palavras. Eu disse:

«Natureza e Historia: o Homem é o producto d'isto.

«Supprimi a Natureza e só tendes o Homunculus.

«Supprimi a Historia e só tendes a Utopia. Sem uma não tendes o Homem. Sem a outra não tendes a Sociedade. Ora nós o que procuramos? O Homem verdadeiro, isto é, o Homem Livre. A verdadeira Sociedade, isto é, a Sociedade Justa.

«Sem aquelle não existe esta. Sem esta é impossivel aquelle.

«Sem o Homem Livre a sociedad Justa é um Homunculus.

«A harmonia no Homem é o Direito. Teve talvez esta intuição Lermenier quando disse: O Direito é a Vida.»

E' claro que isto podia ter largo desenvolvimento: é uma synthese, não precisamente a synthese do meu trabalho, mas até certo ponto a synthese das minhas opiniões sociologicas. Faça o homem producto da Evolução e da Tradicção, sem contudo,—entenda-se bem,—fazer d'estes dois elementos ou antes d'estas duas forças naturaes e fataes umas como que formulas ou creações de escola. *Non fingo hypothesis.*

Estudando o homem revelam-se-me estes factos: é tudo.

Se no estudo do homem ensaiamos supprimir a *Evolução*, isto é, a *Natureza*, em vez do Homem temos só o Homunculus, uma coisa que se esvae, uma coisa que não é real, uma phantasia, o homem *ex-contrario* e *ex-abrupto* da alchymia papalva e ignorante. Se ensaio supprimir a *Tradicção*, em vez da Sociedade tenho só a Utopia,—uma coisa como a Nephelo-coecygia de Aristophanes.

Emfim os dois termos completam-se e são inseparaveis. Mas não é ainda esta a questão. Diz o amigo que não acredita na liberdade e que esta é um principio innato existente apenas nos dominios da psychologia.

Ora eu no que não acredito é na existencia dos principios innatos, mas se acreditasse como o meu amigo, decerto que não podia deixar de acreditar na liberdade a que se refere.

Não vejo, porém, esse antagonismo entre o subjectivo e o objectivo que o amigo indica; e se elle existe como se revela, por que meio o conhece o amigo, senão é subjectivamente? E a verdade, onde está? Não, meu caro Magalhães Lima, não é a essa noção de liberdade que eu me refiro, e o que digo a respeito do livre arbitrio lh'o mostra. Eu fallo da liberdade do homem perante o homem, da liberdade do homem perante a Sociedade ou no seio d'ella, no livre exercicio social das funções naturaes.

Para afirmar isto não preciso discutir, se o homem é livre perante a Natureza: a minha questão é que pela natureza das cousas é livre perante o homem. Esta a base da minha democracia. *Sequere naturam.*

De resto, isto vale, parece-me, como os mais pontos da minha conferencia, perfeitamente d'accordo com os principios do positivismo que demais eu alli claramente sustento, e que fui dos primeiros senão o primeiro a affirmar entre nós, e pelo qual, vejo com profunda satisfação, deixar dia a dia as illusões de racionalistas, homens intelligentes e prestados como o meu bom amigo.

Julho, 1873.

Seu do coração,  
LUCIANO CORDEIRO.

## NÓS E ELLES

Os jornaes monarchicos, e especialmente os regeneradores, inserem com ufania as noticias mais aterradoras acerca da vizinha Hespanha e apparentam uma indignação que tem seu tanto de grotesca. Na hora em que se agita o *troisième dessous* de Hugo buscam declinar a responsabilidade que lhes cabe, inteira, nos excessos e nas explosões de furor desde muito concentrado. Conservam a ignorancia do povo; mergulham-no pela corrupção official no lodaçal da ignominia; dão-lhe o espectáculo permanente da infamia glorificada; da mediocridade elevando-se pelo descaro e pelo aviltamento; despem-no a um tempo de vestidos e de direitos; sugam-lhe o suor á mingua de coragem para sugar-lhe o sangue; enchem-no de fel, de desejos de vingança e instauram-lhe hoje o processo! Como tudo isto seria comico, se não fosse doloroso!...

Ha sangue em Hespanha, incendios, violencias, demasias, é certo; é triste. E' tristemente certo tambem que o progresso caminha sobre cadaveres, caminhou sempre e que não o impedem nem as portarias dos Bismarks, de Liliput, nem os artigos de fundo dos maus folhetinistas. Ha vida alli; revelam-no aquellas mortes. Aqui—ha a paz do sepulchro, nesta vida...  
Ha alli sangue; em Portugal ha postulas. Ha alli incendios; aqui ha trevas. Ha violencias alli; aqui são desnecessarias; impera a espionagem, a corrupção, a venalidade; a descrença é absoluta e profunda. Os politicos do nosso paiz são bem conhecidos. Um governo como o actual não succumbe facilmente porque a opposição não vale, aos olhos do povo, mais do que elle. Lá insubordinam-se os soldados no meio da mais grave agitação; aqui é o primeiro militar do paiz quem dá o funesto exemplo em plena paz; quem, a coberto da cumplicidade real ou da real covardia, derruba um governo, apodera-se do governo, apodera-se do poder, galardoa os seus sicarios e cospe impunemente nas faces do paiz, nas instituições e na dignidade pessoal de cada um dos portuguezes.

Terra das phrases, d'aquellas phrases que Odysse-Barot expulsava das discussões! Oh patria de Fontes pouco amada! Vivamos em paz!

E' tudo orlamente não encarecem os viveres e a exploração vegetal. As ruínas são funestas. A ingleza de 1640 mostrou-nos Lilburn, Ludlow, Harrison e Sidney, uns imbecis incorruptiveis e intransigentes com o rei e como o protector Cromwell. A franceza de 89 produziu um Marat, sanguinario pouco limpo deroupagens, e que tinha o capricho ridiculo de não se render e de desmascarar os infames. A Hespanha de 73 mostra-nos um Roque Barcia, por igual intransigente e que tem a insensatez de possuir convicções nesta epocha e aqui, ao pé da nossa porta! Que desgraçados! Como nós rimos da sua eloquencia com o sr. Arrobas; dos seus generaes com o sr. Joaquim do Zezere, dos seus politicos com o velho Fontes, dos seus incorruptiveis jornalistas com o *Correio do Sul* (sic.) etc., etc., dos seus esforços inuteis para a manutenção da Ordem com o chicote do barão Joaquim e o serviço activo de Tavares!...

Oh pobres gentes do futuro! Causaes-

me um dó anticipado. Como sustentareis vós ao lume d'agua esta bateira carcomida denominada Portugal? Como a dirigireis vós através escolhos sem fim no mar das prováveis agitações que ao longe enxergo? Oh pobres d'espírito! vós não sabereis conciliar estas miserias da governação publica; não sabereis, pamphletarios audazes d'outras eras, espancar e insultar os que apregoam a liberdade; não sabereis fabricar revoltas e fazer da terça parte do paiz um corpo de espiões; não sabereis formular manifestos socialistas nem republicanos applicaveis á *sancta causa*; não tereis pelo vosso lado a Nação e a Revolução, duas palavras conspurcadas; não fareis de vossos sobrinhos, maus litteratos, officiaes do exercito e empregados publicos a passo de carga; não sabereis como se dá mais a um cavallo real do que a um professor primario; os nossos publicistas não serão a um tempo ex-insultadores das mulheres honradas e cortezões das outras; não se dirá em publico que os jornalistas independentes da terra vão ao paço receber a feria; não sabereis em fim conter na ordem quatro milhões de filhos de Portugal, com um chicote d'um municipal agalado!

Oxalá que surjam para vós os obstaculos que estes homens destroem e oxalá que não saibamos vencer-os. Caem-se? Succumbe-se? morre-se? muito embora morra-se nobremente para ensinamento dos que vierem.

A cor vermelha é a dos reis, dos forçados e dos cardeaes. é certo, mas é tambem a da Revolução! (1)

Lisboa, 19 de Julho.

SILVA PINTO.

*Meus bons amigos.* — Do cidadão hespanhol José Vasquez Brabo recebi o artigo que vai junto. Destinava-o o digno redactor da *Justicia Federal* a ser publicado no *Espectro de Juvenal* que tenho redigido em Lisboa com o nosso prezado Magalhães Lima. Tendo o *Espectro* suspenso durante as ferias a sua publicação é-me impossivel annuir aos desejos de J. Vasquez Brabo e, attendendo a que o assumpto do artigo é de immediato interesse, rogo-lhes o favor de lhe darem logar nas columnas da *Republica Portuguesa*.

Aproveito o ensejo para lavar um publico testemunho de reconhecimento e sympathia para com o nosso digno collega da nação vizinha.

Amigo e correligionario.

Silva Pinto.

Lisboa, 18 | 7 | 73.

## LA SITUACION DE ESPAÑA

Ante todo debo declarar que soy español, periodista y republicano y que en este momento siento en el alma tener la primera de estas tres cualidades, no por que me arrepienta de haber nacido en la patria de los martires de la libertad, sino porque crean algunos de mis lectores de Portugal que en mi habla la pasión al ocupar-me de mi patria.

No, no habla la pasión porque como republicano federal reconozco que el hom-

(1) O *Rebate*, órgão do centro republicano federal de Lisboa, insere um repto arremetido pelo nosso amigo J. Vasquez Brabo, redactor da *Justicia Federal* ao *Jornal da Noite*, a proposito de umas cartas deploraveis do sr. S. intituladas *A Monarchia e a Republica*, publicadas naquella folha. Remetemos ao n.º 11 da *Republica Portuguesa* o digno jornalista hespanhol: alli encontrará os nossos comentarios ás cartas em questão. A opinião indica o sr. Antonio José de Seixas, ex-deputado por Angola, como o auctor de taes dislates. E' nos indifferente o nome do auctor; julgamos-o, pela crassa ignorancia que nos revelou, collocado para todo o sempre fóra do terreno d'uma discussão.

S. P.

bre es la humanidad y la humanidad solo tiene por patria el mundo.

No, no habla la pasión porque el deber del periodista honrado es decir la verdad desnuda aun que esta verdad amargue los labios de mi madre, aun que amargue mi propios labios; periodista lo soy y mi houradez jamás ha sido puesta en duda, y yo juro que si alguna vez lo fuese seria el último dia de mi vida.

Entremos puez en el asunto que me propongo tratar.

España, la noble España, que ha servido de cuna á tantos martires de la libertad pero tambien á tantos tiranos.

España, que ha sido la patria de tantos héroes, de tantos hombres ilustres, pero tambien de tantos miserables, de tantos ignorantes.

España, que si bien ha sido humilde esclava de algunas razas durante tantos siglos cuenta tantas epopeyas como gritos de libertad ha lanzado desde Cavadonga á Villalaz, desde Numancia á Zaragoza, desde el 2 de mayo de 1808 al 22 de junio de 1866, no podia permanecer inactiva ante el progreso de las ideas modernas sin hacer traicion á su historia, á sus tradiciones, á la consideracion que goza en Europa.

España estava llamada á representar su papel en el gran drama europeo y no podia negarse á hacer dramo sin menoscavar su honra, su dignidad.

España debia colocar su piedra en la obra revolucionaria del mundo y la colocó, ó mejor dicho, la está colocando.

Si, llena de indignacion y vergüenza ante tanta immoralidad, ante tantos vicios como se habia encarnado en sus reyes, sacudio el jugo que la oprimia rompiendo las cadenas á que se veia sujeta y al saltar el trono español hecho mil astillas por la piqueta revolucionaria; hizo temblar, á todos los tiranos de Europa que sentiam commoverse bago sus plantas las gradas del trono donde se alzava su soberbio el mismo tiempo que los pueblos esclavos haciam resonar sus cadenas.

Parecia natural y logico que muerta la monarchia el pueblo español gozase de paz y ventura como es natural y logico, que desapareciendo la causa dejase de producirse los efectos, pero no fue assi.

La causa desapareció, la monarchia hujo de este suelo para no volver jamás y al cruzar o Vidaroa dejó tras de si la semilla de la immoralidad con que habia vivido, los germens de corrupcion que habia creado; esta semilla, estos germens son los efectos de aquella causa y para evitar el mal por completo no solo hay que hacer desaparecer la causa si no los efectos que haga producido.

Este fue el error del pueblo español; hugó vergonzosamente la monarchia ante el soplo de la revolucion y engañado el pueblo por algunos falsos apostolos de la democracia y por otros que faltos de valor temieron que se estrabiase en el nuevo camino que emprendia, creyó habia terminado su obra y formó alianza con los partidos monarchicos para constituir una Republica sobre vases solidas.

Esto era sin invargo una ilusion porque los partidos monarchicos eram producidos por la monarchia, eram el efecto de la causa, y mientras los efectos subsistam el mal ha de subsistir; mientras los monarchicos interviesen en la constitucion de la republica, está habia de tener resabias de monarchia.

De ahí resulta que se conservou aun en España las mismas leyes, la misma centralisacion, la misma deuda y hasta los mismos empleados.

De ahí resulta que el pueblo engañado con alagueñas frases, esperando durante cinco mezes á que la asamblea y el gobierno le diesen de hecho la Republica que ya tenia de nombre, viendo que en lugar de ocuparse del bien general los encargados de hacerlo solo pensaban en sus ambiciones personales, comprendiendo que habia salido de las garras de un ti-

rano para caer en las de unos ambiciosos, se levanta en armas en Sevilla, San Lucar, Cadiz, Málaga, Cordoba, Cartagena, Murcia, Cataluña e otras puntos procurando hacer por si solo lo que no podran hacer nunca los republicanos conservadores, lo que desde el primer dia debia hacer sin contar mas que con su soberania, la federacion.

Si, la federacion que se le ha dado in *nómine* á pesar de averla conquistado de derecho, y cuando un pide lo que de derecho le corresponde, si no se le da, lo toma.

Que no culpen, pues, los republicanos portuguezes al pueblo español si no tiene paz en estos momentos pues si asi lo hacen culpan al pueblo do Porto de los sucesos ocurridos el dia 22, y el pueblo do Porto es inocente por mas que sea el castigado.

Los despotas, abusando de su poder, saltan por cima de las leyes sin reparar que lo mismo pueden ocurrir los sucesos de Sevilla que los do Porto, lo cual demuestra que los pueblos son lo mismo en todos los paises, asi como los tiranos en todas partes son iguales, lo cual está demostrado con el proyecto de suspension de garantias concedido al gobierno por la asamblea de Madrid y con la aprobacion por el gobierno portuguez do regulamento da companhia das aguas de Lisboa.

Continuarei.

José Vasquez Brabo.

Madrid, 16 de julio de 1873.

## QUESTÕES THEOLOGICO-SOCIAES

Vamos pôr hoje remate ás nossas locuções scientificas, encetadas nesta folha em resposta aquelles que pensam que a philosophia d'uma epocha se transforma em religião na epocha seguinte. Como os nossos leitores devem ter visto dividimos este trabalho em tres pontos.

Tractamos no primeiro de apresentar as razões que tinhamos para não admitir similhante opinião, porque ella contradiz a lei da historia, a qual, se afirma alguma cousa, é que a religião se transforma em sciencia, mas não vive-versa. Pelo segundo ponto mostramos que não era logico nem intelligivel o suppor as religiões mera criação do homem, e embora, porém, o seja, ainda assim em nada se contradiz a historia, de nenhuma maneira se pode afirmar a proposição acima enunciativa, porque a lei da natureza, e do homem por tanto, é o progresso e todos os progressos como já vimos têm sido feitos lutando contra as religiões. A razão, se não ficasse já expressa em muitas partes d'esta folha, diriamos de novo, que é porque toda a religião é auctoridade externa e desconhecida, porque todas as religiões olham para o passado e o homem caminha para o futuro e trava-se por tanto uma luta entre a sciencia e a religião como nós mostramos no jornal o *Trabalho* num artigo intitulado — *A celebração do domingo*.

Sobre esta questão pouco mais temos hoje a dizer.

Alguns escriptores, vendo que as religiões se têm renovado com as descobertas da sciencia, isto é, vendo que na religião tem entrado algumas vezes a solução dos problemas da philosophia e ao mesmo tempo que as religiões têm soffrido algumas modificações no sentido do progresso, têm sido levados a considerar as religiões como scientificas; e assim affirmam que umas vezes se fazem progressos lutando contra as religiões, quando estas se tornam immoveis e antitheticas com a sciencia com quem devem estar em harmonia; outras lutando a favor, quando as religiões são uma synthese sob—forma sentimental da cultura scientifica anterior. (*Tribuna Popular*, Carta do sr. Laranja).

E' este o terceiro ponto em que dividi-

mos a discussão. Acha-se em parte prejudicado pelos anteriores raciocínios e por tanto pouco diremos a seu respeito.

Esta questão já foi tratada entre nós no campo stricto do christianismo por talentosos escriptores, taes como: o sr. Oliveira Martins e Anthero do Quental. Sustenta o primeiro na *Theoria do Socialismo* que a religião christã fôra um retrocesso, porque obstara ao livre desenvolvimento da raça latina que já se achava desprendida por assim dizer de todo o culto; e em quanto ás vantagens que o christianismo tinha trazido ao mundo da mesma maneira sustenta o sr. Oliveira Martins que já se encontravam em germen na sociedade romana, taes como: a unidade da especie humana, a fraternidade, o principio da egualdade, como se pode ver em Cicero, Seneca, e sobre tudo nesta sentença d'um poeta dramático, posta na bocca d'um escravo, e tão applaudida em Roma: *Homo sum nihil a me alieni puto.*

Responde o sr. Anthero do Quental que é verdade o que diz o sr. Oliveira Martins, mas que o christianismo veio revelar uma parte desconhecida até alli á sociedade antiga, a face moral, e a idade media, que é o desenvolvimento, o reinado do christianismo, fez um progresso moral sobre o mundo antigo, não obstante este período da humanidade ser uma interrupção do progresso social sobre outros pontos.

Escusamos repetir que preferimos a primeira opinião.

O sr. Anthero do Quental pertence ainda á velha escola: pensa ainda que a moral vem do alto, que é uma idéa metaphisica e primordial, imposta por um ser superior, quando ella é o resultado do desenvolvimento psychologico do homem e da perfeição social. Vê-se isto claramente da simples comparação da moral entre diferentes nações.

Cada povo e cada epoca têm tido uma moral diferente o que não poderia acontecer se esta idéa fosse um juizo primordial e irreflectido, uma pura idéa da razão, porque estas seriam as mesmas em todos os homens e por tanto o desenvolvimento o mesmo.

Como foi então que o sr. Anthero do Quental encontrou que a idade media, reinado do christianismo, foi um progresso moral, permanecendo os outros elementos sociaes immoveis? Para quem serviria então essa moral, que se não accommodava ao espirito de ninguém? O sr. Anthero não o diz, nem o podia dizer, a não cair na defesa do monachismo que é effectivamente ao que levou essa tal ou qual reacção que se manifestava no principio do christianismo.

Nós no christianismo não achamos nenhuma vantagem, nenhuma novidade. Alguma coisa boa, que contem, não lhe pertence. A familia não foi elle que a reformou, mas o progresso da legislação romana. O sentimento da humanidade, em virtude do qual S. Paulo dizia que o christão não reconhece nem gregos, nem romanos, nem barbaros, nem civilizados, já se encontra entre os romanos, os quaes se diziam os cidadãos do genero humano. O sentimento da egualdade também não foi o christianismo quem o revelou ao mundo, antes de Christo, morriam por elle os Gracchos em Roma e Spartaco e Catalina nos campos de Italia.

Não duvidamos que Christo fosse uma boa alma e desejasse o bem da humanidade, mas seus discipulos materialisaram todos os conceitos, e, do que era uma bella doutrina, fizeram outra em sentido contrario. Pensaram que nas palavras do mestre estava toda a felicidade e torna-

ram-se apathicos como todos os defensores da religião, a qual não é outra coisa do que o sacrificio completo da humanidade a um homem que se diz investido dos poderes de Deus. O resultado de tudo isto é estabelecer-se, desde que a religião apparece, uma luta entre a religião e a sciencia, ou observação e desinvolvimento humano; e por tanto todo o progresso effectua-se sómente trabalhando contra as religiões como nós mostramos já no primeiro artigo sobre esta questão.

Terminamos aqui as nossas reflexões sobre este objecto. Eram estes os fundamentos que tinhamos para impugnar de reacionaria e theologica a opinião do sr. Laranjo. Agora o publico que julgue.

ALVES MORAES.

## SANTAREM

(ao correr da penna)

E' bem manifesta a profunda agitação, que sobressalta as sociedades da actualidade; a epocha, que atravessamos, é período de lucta e transição. Na transformação, porque vaee passando a humanidade, avulta um poderoso elemento, que constitue o principal caracteristico do espirito moderno, da nova civilização. Estas violentas lutas, que de seculos a seculos, se travam no seio da humanidade, são a consequencia das grandes leis da natureza humana, e da logica inexoravel da historia. A sociedade do seculo actual transforma-se, aspira a um novo ideal, tentando vasar em novos moldes suas tendencias e aspirações. Eram demasiado acanhados os principios, que serviam de base á sociedade, que, sem temor de errar, se pode dizer passou; não se exprimiam em formulas tão estreitas as vastas aspirações do homem; suffocavam as legitimas tendencias do espirito racional. A idéa, germinando e desenvolvendo-se durante largo periodo, tenta agora quebrar as formas que a cerceam, e manifestar-se em toda a sua plenitude. A chrysalida faz-se borboleta; e o pensamento expande-se. A revolução a que assistimos, e em que temos plena confiança é a expansão do pensamento comprimido largo tempo. Tentou-se oppor-lhe diques e crear-lhe embarços; mas illudem-se os que pretendem reagir; a revolução ha de passar por sobre tudo que l'ese opponha, porque ella é omnipotente, como tudo que tem o cunho de necessario.

O christianismo era humilde de mais para que pudesse afirmar ousadamente a individualidade; a raça do norte é que trouxe o sentimento da liberdade e independencia. D'estes dois elementos, combinados e transfundidos, surgiu a sociedade que vaee acabando; agora ergue-se no espirito humano esse typo mais elevado que o ideal christão, o trabalho, a justiça, a verdade, o direito. Estas noções supremas da razão, constituem os principios augustos da nova doutrina, cuja propagação tem excitado e ha de excitar a reacção obstinada dos que especularam com os principios, que tentam sustentar.

A religião e a monarchia têm sido um embaraço funesto ao desenvolvimento intellectual e moral do homem; uma pesava sobre a consciencia e outra sobre a liberdade.

O tempo dos padres e dos reis está acabado; não é a vontade do homem que os derriba; é a fatalidade d'uma lei. O fanatismo, que algemava o pensamento, e a prepotencia que esmagava a liberdade, riscou-os a poderosa alavanca do progresso.

A sciencia, mettendo o escalpello da analyse em tudo, tem mostrado ao povo, que as pompas do clero, e a purpura dos reis, longos e pesados sacrificios lhe tem custado.

O povo começa a fitar a luz, para que lhe apontam, e seu espirito desassombrado das trevas, em que calculadamente o tem envolvido, principia a sentir as aspirações legitimas para a verdade. Compreende emfim a illegalidade dos deveres com os direitos, e destroe aquelles; deseja a ordem e a harmonia, conhece a profunda e injusta desigualde, e o desequilibrio em que tem conservado as forças e os productos. O sentimento da dignidade individual, e da personalidade que tem estado dormente, surge em fim no espirito popular; o povo reconhece-se homem, e reclama a effectividade dos direitos, que a philosophia lhe affirma.

A' sombra da bandeira dos velhos principios se gerou, cresceu e desenvolveu a immoralidade, que actualmente revolta o espirito, em quem ardem os sentimentos da verdade e da justiça; no seio da sociedade do passado surgiram fructos de maldição e corrupção. Corroeram-na os proprios vicios; vae sob o peso dos proprios crimes; cae por isso fatal e irremessivelmente. A revolução que se ergue, traz em seu seio os germens fecundos da justiça e do direito; estas elavadas noções por tanto tempo ignoradas e abafadas, rebentam em fim na intelligencia de todos; no coração da humanidade erguem-se-lhes sanctuarios. A religião da sociedade, que vaee nascendo é a religião do bem, e não a dos padres catholicos apostolicos romanos mais formularia e menos pura na essencia.

A luta que o espirito moderno trava com o passado é violenta e renhida, porque a revolução tem de galgar inumeros obstaculos, representados por todas as anomalias e cegueiras que a falsa civilização dos antigos principios estabeleceram. A revolução é universal; politica, artes, litteratura, sciencia, costumes, tudo em fim, quanto constitue a vida d'uma sociedade, ha de modificar-se, sob o influxo benefico do grande pensamento, que nós applaudimos com entusiasmo, e defendemos com a inergia das sinceras e bem profundas convicções.

Já todos os moços, que estudam, e não estão ainda contaminados pela lepra da immoralidade, se erguem como um só homem, e cheios de coragem e dedicação affirmam por todos os modos, na aula, na imprensa, no jornal, no livro, e sobre tudo pelo exemplo pratico, a doutrina da verdade e do dever.

A. BRITO E AZEVEDO,

## LISBOA, 15 DE JULHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Tornava-se porventura escusada esta pequena correspondencia depois do artigo que hoje lhes envio ácerca dos acontecimentos do dia. Registêmos em todo o caso dois ou tres factos que não deixam de ser eloquentes.

—O *Paiz* rivalisa com o divino *Illustrado* nos seus rigores (sic.) para com a Hespanha. Ha poucos dias chamou *impotentes* a Castellar, Pi, Orense, Salmeron, etc. Não ha alli por onde escolher. Quem o assevera é o *Paiz*, o órgão do mais inepto e imbecil grupo politico da nossa terra. Quem chama impotente a Castellar é o senhor *João Antonio dos Santos Silva*,

é o senhor *Anselmo José Braamcamp*, é o senhor *duque de Loulé*, os somnambullos e os papagueadores de 19 de maio; os aspirantes a ministros velhos e moços, os aprendizes politicos de toda a casta, os *grotescos* da politica portugueza.

E admiram-se de que um governo devasso como o de Fontes e quejandos se conserve no poder! Com uma opposição de tal ordem é de crer que seja eterno.

—Ao passo que o *Paiz* esfrega os olhos e diz tolices, o sr. Manuel Pinheiro Chagas, folhetinista, abre a bocca e diz inconveniencias.

Faz espirito (espirito de regenerador) a proposito da camara municipal de Lisboa e do leão da Estrella. Pretende apagar das faces do sr. Fontes os vestigios da bofetada que lhe applicou o primeiro municipio portuguez. Escolheu para tão nobre missão, o *Diario Illustrado*, JA' SEVE.

Quando se convencerão de que ao passo que se tornaram repugnantes como politicos, cairam miseravelmente como litteratos? Estão no seu terreno, no fim de tudo: não temem os concursos.

—(A'cerca d'uma local que a meu respeito publicaram os meus prezados amigos da *Republica* no seu ultimo numero, tenho a dizer-lhes que ha alli nma affirmacção inexacta: não houve *intimação* nem eu a soffreria. A questão está longe de merecer uma discussão publica e fica encerrada em duas palavras:—«Tenho luctado sempre contra a maré; a lucta é difficil, mas a maré é vária.» Nada mais).

S. P.

## NOTICIARIO

Chegou ao fim do 1.º trimestre o nosso jornal. Muita gente dizia que não passava do 1.º numero. Felizmente não foi assim. Na 4.ª feira sairá a ultima folha.

Não desinvolvemos, quanto desejavamos, o programma republicano, mas fizemos quanto em nós coube, não nos poupando a sacrificio algum.

No fim do trimestre suspendemos até ao 1.º de outubro. Somos todos academicos e tudo aqui se suspende durante dois mezes. Iremos basear na terra das nossas naturalidades novas forças e fazer novos estudos para arcar de novo com a velha e devassa monarchia. Sobre tudo iremos ahi ensinar aos nossos irmãos do berço os principios que aprendemos nos livros; e so durante os tres mezes findos fomos a palavra escripta seremos agora a palavra fallada.

No ultimo numero faremos aos nossos illustres assignantes as derradeiras despedidas bem como lhes agradeceremos o acolhimento que nos dispensaram. Até lá.

Lemos um artigo no *Cabron* em resposta á *Republica Portugueza*. Notamos-lhe alguns erros orthographicos, como por exemplo *collectivo* em vez de *collectivo*; *jibao* em vez de *gibao*; e por fim que *afastava* com o *pé* as expressões da *Republica* em vez de dizer com a pata.

Ao resto não se responde.

Publicou-se no Porto um canto á liberdade. Intitula-se *A' Hespanha republicana*; é o seu auctor o sympathico escriptor Simão Velloso, estreado já na nossa folha com algumas produções poeticas. A poesia é dedicada a Emilio Castellar e tem algumas estrophes inspiradas. Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra — Trimestre . . . 300 reis, semestre . . . 600 reis. — Para ás Provincias — Trimestre . . . 360 reis, semestre . . . 720 reis. — Avulso no proprio dia 20 reis. — Anuncios 30 reis cada linha. — ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se: — Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61. — Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia para este jornal deve ser dirigida a *Joaquim Maria de Almeida*—Coimbra—Rua da Sophia, n.º 59 e 61

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 14

## OS CONSERVADORES

Os successos de Alcoy tem horrorizado a todos os conservadores da Europa. Não tem no seu vocabullario expressões e termos com que os condemnam; ao passo que olham com a maior indifferença para o vandalismo das partidas carlistas e para as façanhas inauditas do assassino Santa Cruz, para os ultimos successos de Igualada, que deixam muito atraz a todos os attentados da communa de Pariz e a todos os excessos da Internacional. São coerentes os homens de sangue. O partido conservador quer dizer, partido assassino da liberdade. Nós tambem temos cá um que se assigna assim. Este como todos, manda acutilar os indefesos liberaes do Porto ás portas da Sé d'aquella cidade; manda invadir a tropa os paços municipaes de Lisboa, aquelles eternos baluartes da liberdade erguidos pela soberba do povo contra a soberba dos nobres, que no dizer do sr. Herculano erguiam um braço para o povo e o outro para o rei; mas o bruto do barão do Zezere nenhum respeito tem, já não digo pelo municipio da actualidade que nada vale devendo valer tudo, mas pela recordação do municipio de outras eras de quem comprou o de Lisboa foi o primeiro.

O governo não contente com tudo isto manda ainda insultar por meio do seu subalterno, o governador civil de Leiria, a camara municipal d'esta cidade, chamando-lhe ladra e não sei quantos mais nomes injuriosos.

Portugal consente tudo isto. Estamos na patria do Bonga ou numa terra civilizada? Srs. regeneradores, quereis destruir pela base os poucos restos de vida que ainda bruxuleiam neste desgraçado Portugal? Sêde francos, dizei quem sois. Nada de tripudiardes imponente sobre as desgraças d'este miserio mas outr'ora grande povo. Nós conhecemos vos bem. Nós sabemos bem quem sois. Alliados do conde de Thomar e sachristães do papa. Só tendes feito mal a esta nação. Sois protervios e nescios. Protervios porque insultais diariamente todos aquelles que não são do vosso partido e porque o vosso orgão official da imprensa a *Revolução de Setembro* não tem feito durante a sua longa vida senão insultar. Sois nescios porque nunca apresentastes em administração uma medida que não fosse copia de outra de fóra ou então uma ineptia. Os vossos financeiros são charlatães porque não conhecem outro meio de augmentar a receita publica do que o augmento do imposto.

Mas o partido regenerador além de inepto e protervioso é mau e immoral. Corrompe a opinião publica por meio dos compadres Tavares com o *Correio do Sul*, por meio dos Germanos Meirelles com o *Progresso Commercial*, por meio das eleições a dinheiro, o qual elle dispende a mãos largas sem lhe custar a ganhar.

Sustenta uma cafila de empregados, verdadeira praga de gafanhotos que infestou este desgraçado paiz e que o não deixará de certo senão depois de lhe ter sugado todas as entranhas.

Não ha ninguem da facção regeneradora que seja trabalhador ou operario. Este partido é a facção dos ociosos e parasitas. O seu estado maior é composto de marque-

zes, duques e pares do reino e os grandes exploradores, commerciantes e padres, as duas nullidades por excellencia. Nullidades lhes chamam e são-no deveras.

O padre é nullidade, porque a missão do padre foi sempre ensinar e hoje esta classe é uma das mais ignorantes da sociedade, portanto deve ser substituido pelo professor. O commerciante é nullidade, porque só é profissão util e proveitosa na sociedade a que augmenta directa ou indirectamente a riqueza, e o commerciante não a augmenta um centil; o que faz é transportar as mercadorias d'uma terra para as outras, comprando por dois e vendendo por seis, segundo a arte do commercio. Ora este transporte das mercadorias pode-se effectuar por meio das agencias commerciaes, isto é, serem os proprios consumidores que as agenciem directamente e os proprios productores que as forneçam.

Estavamos pensando no que deixamos escripto, quando fomos interrompidos pela entrada no nosso escriptorio da *Correspondencia de Coimbra*. Abrimos; e que é o que vemos? exactamente o contrario. Lemos o idyllio do partido regenerador; um idyllio pomposo.

Acabámos e dissemos logo: — Bem, temos mais um para ajuntar ao *Jornal da Noite*, tambem defende a monarchia em these, o outro em hypothese. Esta *Correspondencia* desde que deixou de assignar o nome do sr. dr. Garcia já ninguem a entende. Mas isto pouco nos importa; vamos a doutrina que no referido artigo se contem.

A *Correspondencia* não encontra phrases com que louvar o partido regenerador.

Na falta de argumentos começa debuchando um dislate. Diz «que se chamam regeneradores os primeiros liberaes que deram a Portugal uma constituição democratica, esses governos amigos do povo, que em 1820 levantaram neste canto da peninsula hispanica o libertador grito revolucionario.»

Segundo o que se lê, para a *Correspondencia* os liberaes de 1820 eram regeneradores. O partido historico e reformista que lh'o agradeça. Nós pensavamos que o partido regenerador nascera em Portugal em 1852 em seguida aos actos de vandalismo do governo *Thomasio-papista*, o governo *caçetista-santarrão* que poz o paiz em chammias.

Tirou-nos d'esta illusão a *Correspondencia de Coimbra*.

Diz mais «que este partido contou entre seus membros as primeiras notabilidades scientificas, litterarias e militares.»

Aonde viu a *Correspondencia* um partido defensor da liberdade, que não contasse os primeiros militares no seu gremio.

Olhe para a França. Lá está Mac-Mahon. Olhe para Allemanha. Lá está Molke e Guilhaume. Olhe em fim para todas as nações e verá que a liberdade está na razão inversa do militarismo. Parece incrível que a *Correspondencia* que tem apostolisado tantas vezes estas mesmas idéas se esqueça do que tem dito.

O exercito é um aliado das monarchias ainda se não viu uma sem elle. Mas a *Correspondencia* é coerente, porque tambem defende a todo o transe a monarchia hereditaria.

Temos assistido durante algumas semanas a este contraste de idéas politicas da *Correspondencia* e tem-nos compungido profundamente esta conversão abstrusa para um partido morto e que tem dado os mais evidentes signaes que ha de arrastar na sua queda a propria queda da monarchia.

O artigo todo da *Correspondencia* a que alludimos, e podiamos dizer o jornal todo do dia 27, é um acerbo de inexactidões.

Attribuem-se todas as vantagens e felicidades que possui Portugal ao partido regenerador; quando nós consultando a historia de 20 annos d'este partido não encontramos uma medida de alcance; só expedientes e augmento de impostos, tal é a historia do partido regenerador. Todos os outros partidos contem entre as suas leis algumas uteis e proveitosas.

Os historicos contem a lei da abolição do monopolio do tabaco e da desvinculação, os reformistas inauguraram no paiz a epocha das economias, quizeram reformar e dirigir por bom caminho os desvarios das passadas administrações; não o conseguirão mas ao menos devemos louvar estas intenções. Todos mais ou menos têm mostrado desejos de melhorar a sorte d'este paiz; só os regeneradores são impunitos nos seus erros. Todos têm trabalhado mais ou menos para a felicidade d'esta terra; só os regeneradores são os unicos que nada têm feito de util para Portugal. A sua administração tem-se assignado pela maldade, pela ineptia, corrupção e excessivas despezas do estado, e nós concluimos que é mais devasso, gastador, inepto e corrupto quem o defende.

A. M.

## POLITICA INTERNACIONAL

### O FEDERALISMO

A Hespanha acha-se dividida em dous campos inteiramente contrarios. O norte arvora por toda a parte a bandeira legitimista, segue o *Terso*, e assassino D. Carlos, que á frente de um sem numero de facções, tenta reformar o throno de S. Fernando, de Carlos Quinto, de Philippe II e Philippe V. Este partido é o defensor da inquisição e do clericalismo; o governo d'um Deus só no ceu, e um rei, um homem a governar só na terra.

Este partido aneia pelos horrores das guerras religiosas, pela forea e pelos fusilamentos.

Neste governo todos os homens são escravos da vontade de outro homem. A representação popular não é nada para elle; a autonomia do individuo fica supprimida perante a auctoridade do estado. Os povos são para o rei o que é o rabanho para o pastor. O rei é por este systema o grande pastor ovium dos antigos tempos e toda a theoria d'este partido se resume no dito de Luiz XIV, tornado o symbolo do despotismo—*le état c'est moi*.

Em frente do carlismo levanta-se o federalismo nas provincias do sul e nascente. Este partido deseja exactamente o contrario do primeiro. Põe acima de tudo a vida do cidadão, a sua autonomia, a sua pes-

soa, a sua dignidade, a sua familia e suas casas e interesses. O estado para este partido não é senão um delegado, um funcionario, que olha em seu nome. O povo é que faz por este systema as leis, em contrario d'aquell'outro, onde as leis são feitas para o povo.

Este systema proclama a independencia do individuo e como consequencia o meio onde elle vive; e como todo o individuo vive na parochia, onde começa a base do federalismo é a independencia da parochia ou da communa.—As communas, ligadas entre si, formam o municipio por meio da representação municipal. Os diferentes municipios, ligados como as parochias por outra representação, formam a provincia. As diferentes provincias ligadas ainda com a metropole formam por meio da delegação o poder central.

Nesta hierarchia administrativa cada corpo politico funciona particularmente, mas sujeito á assemblea geral, que é a de todo o estado.

A parochia está para o municipio como o municipio está para a provincia, como a provincia está para a nação.

Este é o ideal dos federaes de Hespanha. Como o querem praticar as cidades do sul de Hespanha? Aqui divergem as opiniões entre ellas e o governo de Madrid.

O governo deseja dar uma constituição geral e juntamente a divisão de cada provincia, municipio ou cantão. Pelo contrario as cidades do sul entendem que ellas são aptas para fazer esta divisão, porque melhor do que ninguem conhecem as suas necessidades. O resultado de tudo isto é o movimento separtista que se nota em todas as terras meridionaes de Hespanha sem o consentimento do governo.

Quem tem razão? Eis aqui o ponto questional. No nosso entender são só consequentes os federalistas. Em quanto ao carlismo, esse está condemnado a perecer, porque é um partido velho; e os velhos, quando entram em luta com a mocidade, o vigor e força, ficam sempre derrotados. Tirem os por tanto do debate. Os constitucionaes republicanos não possuem razão alguma em se oppôr ao movimento separatista, porque, segundo a moderna sciencia social, o papel das côrtes geraes deve ser sómente fazer a constituição geral, tratar das relações diplomaticas e militares e das relações entre os os diferentes grupos administrativos, parochias, municipios e provincias, e nunca intrometter-se em questões locais e particulares. Porque é que o governo da Republica manda os seus principaes militares combater contra as cidades republicanas, em lugar de os mandar contra os carlistas? porque tanto affan em combater Contreras, Pierrad e outros grandes homens da Republica, e deixam num completo abandono o norte, infestado por guerrilhas abominaveis, cujos excessos praticados por ellas vão muito além de tudo o que se tem dito da communa de Alcoy e de todos os horrores de *anabatistas, thermidorianos, convencionaes, ou puritanos?*

Não o sabemos. Se nesta luta contra a grande idéa democratica e o absolutismo clerical, vencer este ultimo, a grande,

responsabilidade recahirá toda sobre o governo da Republica.

Ignorará o governo hespanhol que os Estados Unidos venceram a Inglaterra pelo movimento separatista que se formou nas differentes provincias da America do Norte, pela occasião da guerra da independencia? Ignorará, dizemos, elle, que cada general, nessa epoca, se achava á face de um cantão e que todos lutavam contra o inimigo commum?

Senhores republicanos das constituintes e do governo, leiam a historia dos Estados Unidos e da Suissa e vereis, que aquillo que condemnaes no sul da Hespanha, foi exactamente o que salvou a America do Norte das garras da Inglaterra, e a Suissa do abutre da Austria. A energia que mostraes deveis, senhores do governo, dirigil-a contra os carlistas, se quereis a paz na Hespanha.

A. M.

## PADRES E REIS

### IV

Uns não valem mais que outros.

Ao imperio da realza, como ao reinado da burguezia, como ao dominio dos padres succede sempre a anarchia tributaria, o retrocesso intellectual e a publica miseria nas classes menos abastadas da sociedade.

Especie de banquete de Trimalchio é o povo para o rei o mesmo que o devoto é para o padre.

Borgias de todos os tempos e de todos os logares, Tartufos de todos os salões e de todas as egrejas, para elles nada mais existe além de um egoismo grosseiro e de uma exploração infamissima.

E' por ventura demasiado negro este quadro, bem o sabemos, mas devéras real e verdadeiro.

E pede-se tolerancia em nome da liberdade?

Mas como poderá haver tolerancia para com os verdadeiros fomentadores da desordem, da guerra e da vingança?

Pois querem acaso avivar o pontificado do infallivel Annibal de Gauga (Leão XII) o despotismo da sociedade San-Fedita, a torpeza dos Neros e a infamia dos Caligulas?

Olhae o vizinho reino.

O rei, conluiado com o padre, o exercito indisciplinado, confundido com o fanatico impertinente, produzem hoje a internacional negra, o mais nefando de todos os movimentos e a mais abominavel de todas as tyrannias.

Comparaes os crimes de Igualada com os crimes de Alcoy.

Vede bem a distancia que os separa.

Não tentemos nunca embarçar a justiça com a iniquidade, nem tão pouco o despotismo com a liberdade.

Houve um tempo em que os pobres precisaram de pão.

Sentindo-se fracos, sacudiram o jugo que os opprimia e exclamaram mui cortezmente: «Nós tambem somos homens!»

Depois imploraram justiça, formaram associações, e reuniram suas forças, até allí dispersas.

Surgiu, então, um brado gigante que se intitulou: «Associação internacional dos trabalhadores».

Puro no seu inicio, este brado tem-se, porém, pervertido com o andar dos tempos, dando azo ao mais nefasto de todos os commentarios.

Como associação, devia a internacional só de per si exprimir a liberdade, a união, a força, o credito, o trabalho, o futuro, a humanidade, numa palavra.

Mas um obstaculo a desviou do seu fim, uma negra perversidade a condemnou impunemente.

Foi a reacção da realza.

Foi a reacção do clero.

Não!

A internacional era justiça, e, como justiça, tinha direito a viver.

A internacional era liberdade, e, como liberdade, tinha direito á existencia.

A internacional era trabalho, e, como trabalho, tinha direito a todas as garantias sociaes.

Mas hoje a internacional, tal qual está, perdida e corrupta, nem é justiça, nem liberdade, nem trabalho.

Não pode existir.

Não pode viver.

Os governos, na sua maioria impopulares, forneceram-lhe, em virtude de uma reacção estúpida e pertinaz, um tónico poderoso.

E o certo é que a internacional fructificava a olhos vistos.

E a victoria era d'ella, certamente.

Porém o demonio da ambição, que tudo cega e tudo desfaz, vem num momento doloroso, perturbar-lhe as suas mais bellas aspirações no porvir.

A principio eram os reis, os governos e os padres que amaldiçoavam a internacional.

Hoje, pelo contrario, são os reis, os governos e os padres, mancomunados com o petroleo e com o cacete, que d'ella se aproveitam infamemente.

E de facto, o que é que tem obstado á cansolidação da republica em Hespanha?

Quem concorreu mais para a elevação de Mac-Mahon ao logar de presidente da republica franceza?

Quem promoveu a queda de Thiers.

Quem, até hoje, tem coadjuvado o partido de D. Carlos?

Quem desacredita a religião e o evangelho.

Fallaes reaccionarios.

Dizei-nos francamente que a vossa propaganda é a condemnação de tudo quanto existe e o prurirido de tudo quanto é infame e perverso.

Porém cuidado!

Os animos vão desportando finalmente.

O leão adormecido de hontem levanta-se hoje tigre esfaimado e ai d'aquelles a quem elle poder tocar, porque então a vingança será temerosa e impreterivel.

Olhae bem que as andorinhas desertaram já do vosso lado. E ao desfazer das illusões apenas ficou o ninho, quasi desfeito e apodrecido.

E' que a creança innocente cresceria repentinamente em vigor e em perversidade.

E' que o primitivo sorriso do berço fôra logo substituído pela mais infame de todas as ironias.

Sim! é que o partido de hontem, vencido, humilhado, suppliciado, tenta agora retomar nas fileiras dos trabalhadores honestos um logar que lhe não compete.

Mas a liberdade saberá um dia repelli-los e a justiça, entretanto, não cossará jámais a sua nobre missão.

O rei é o padre e o padre é o rei.

Um não vale mais que outro.

MAGALHÃES LIMA.

## MOMENTOS LUCIDOS

Extracto d'um livro inedito

AO MEU DEDICADO AMIGO

### Francisco Figueira

Sou em extremo apaixonado das commoções violentas. Passo horas inteiras lendo os *Mysterios da Inquisição*, *Os ultimos momentos da communa* e alguns romances de Radcliff. Fiz ha dias uma horripavel descoberta: já não ha episodios por mais terriveis que me façam estremecer. Li Chartrian, Pöe, Hoffmann, Arnin, etc. Nada de novo!

Eu já disse que adoro as commoções violentas. Previno-vos de novo a fim de evitar surpresas e porque não me calumnies as intenções. Ha quatro dias fui convidado pelo meu amigo Felix V... a jantar com elle em familia. Felix é casado.

A senhora é formosa, intelligente, virtuosa e... e não faz folhetins.

Felix tem dois filhos, creanças cheias de vida, lindos olhos negros e tez alvissima, muito alva...

Depois do jantar fomos para o mirante do palacio. Tomámos allí o café. Era já noite. Ha muito que não vejo uma noite assim... bella noite aquella!

Em baixo, a duzentos pés de profundidade, trabalhava ruidosamente a azenha do moleiro Thomaz. Aquelle ruido monotono lançara-me num estado de meditação vaga e inconsciente que é sempre em mim precursor de grandes resoluções.

Felix é meu amigo, velho amigo de tempos bem cheios de provações. A senhora nutre por mim uma amizade reconhecida. As creanças gostam mais de mim que do proprio pae...

Gosto muito de commoções... Eu e Felix estavamos de pé, junto á muralha. Olhei para baixo. A lua prateava as pedras da calçada e a agua da azenha de Thomaz. Olhei para Felix, que sorriu com um ar de bondade proprio apenas d'elle. Aproximei-me lentamente... muito lentamente... puz-lhe as mãos nos hombros e, de repente, arremecei-o do muro abaixo...

Ouvi um grito dilacerante. Senti-me bem. As fontes batiam-me violentamente. Pareceu-me vermelha a lua... eu gosto muito de commoções... Agarrei a mulher de Felix, que lutou desesperadamente por algum tempo, chorando, supplicando-me, implorando-me em nome dos filhinhos... e arremecei-a atraz do marido...

Ouvi um novo grito. Debrucei-me. Os dois corpos tinham caído na roda da azenha e, ambos presos nella, giravam mutilados, ensanguentados, allí, á minha vista...

Conservei-me por algum tempo debruçado, contemplando o quadro que tinha á vista... oh! o bello quadro!... Falta-me, porém, o que quer que fosse...

Senti, de repente, que alguma coisa me prendia nos joelhos. Olhei... eram os dois pequenos, que choravam agarrados a mim.

—Ah! Ah! os pequenotes! Tinha-os esquecido já... vamos, vamos ter com o papá mais com a mamã... olhem, quem vê-os? lá estão elles... olhem!

Soltaram um duplo grito e debateram-se violentamente. Oh! mas eu tinha-os bem seguros...

Arremecei o primeiro; esse, mais leve que o pae e a mãe foi bater na calçada; ouvi um baque surdo... olhei para o segundo que chorava medonhamente;—coitadinho!—gosto muito de creanças... oh, mas adoro as commoções violentas...

Arremecei-o...

Lisboa, 24 | 7 | 73.

SILVA PINTO.

## PROGRAMMA

DO CENTRO REPUBLICANO FEDERAL DE LISBOA

(Concluido do numero 10)

XIII «Queremos que o governo central, ou conselho federal, seja eleito por esta camara, podendo a eleição recair sobre quaesquer cidadãos elegiveis, e devendo renovar-se cada sessão legislativa; não sendo assim o poder executivo mais do que uma commissão ou delegação do poder legislativo.

XIV «Queremos que cada um dos estados, provincias, municipios e parochias, em que se dividir a Federação Portuguesa, tenha a sua camara de eleição directa e o conselho ou governo respectivo, eleito pela mesma camara.

XV «Queremos o mandato imperativo para todos os deputados e a representação das minorias em todas as assembléas e corpos legislativos.

XVI «Queremos que todos os cargos

provenientes de eleição, sejam revogaveis por contra-votação dos eleitores.

XVII «Assim como queremos abolição da monarchia e do monarcha, não queremos presidente da Federação, nem presidente do governo, nem da camara; elegendo estas, todas as vezes que se reunirem, por aclamação ou escrutinio, um qualquer dos seus membros para dirigir os trabalhos da sessão.

XVIII «Queremos a abolição de todos os impostos actuaes e a sua substituição por um imposto unico, proporcional, sobre a renda.

XIX «Queremos a separação completa da Igreja e do Estado, de modo que cada cidadão pague e siga o culto que a sua consciencia lhe aconselhar, sendo completamente banido das escolas officias dos Estados o ensino de qualquer religião.

XX «Queremos a abolição do exercito permanente, que é uma fonte de exgosto de todas as forças vivas da nação, um foco permanente de desmoralisação e um perigo constante para a liberdade.

XXI «Queremos a extincção da divida publica, que absorve uma grandissima parte dos rendimentos da nação, sustenta um parasitismo inutil, e torna impossiveis todos os melhoramentos.

XXII «Queremos a extincção do corpo diplomatico, substituido por consules, e, onde fôr necessario, por simples encarregados de negocios; e a abolição do caracter de representação nas funcções publicas, considerando o serviço do empregado publico como qualquer outro trabalho, sujeito á norma commum dos salarios.

XXIII «Por conseguinte, queremos a extincção das jubilações, terços, reformas, aposentações e pensões aos empregados publicos ou suas familias, visto que a lei do trabalho diz que se deve sómente pagar áquelle que o exercee.

XXIV «Queremos a desaccumulação dos cargos publicos, de modo que não succeda, como hoje, exercer um individuo varios cargos, pelos quaes percebe grossos ordenados, não trabalhando geralmente em mais de um.

XXV «Queremos a instrucção official completamente gratuita nos seus tres ramos: primario, secundario e superior, afim de que o filho do povo, que não tem meios para pagar propinas e obter os elementos do ensino, possa tambem ter entrada nos estabelecimentos de ensino superior; e queremos a abolição dos graus, premios e distincções academicas, para que todos se achem em egualdade de circunstancias perante o publico, unico juiz capaz de apreciar imparcialmente e premiar o merecimento de cada um.

XXVI «Queremos a extincção dos subsidios aos theatros, carreiras de paquetes, a estabelecimentos de luxo scientifico e artistico, como conservatorio, academia das bellas artes e real das sciencias, curso superior de letras e outras similhantes criações do estado monarchico, aristocratico centralizador.

XXVII «Queremos que os estabelecimentos industriaes do Estado, que são meras criações da centralisação, como imprensa nacional, fabrica de polvora, dita de vidros da Marinha Grande, arsenaes de marinha e do exercito, cordoaria nacional, conventos, palacios e outros edificios publicos; as matas nacionaes, como o pinhal de Leiria e outras, sejam alienados pelo Estado, deixando este de exercer qualquer funcção industrial.

XXVIII «Finalmente, queremos uma legislação protectora do trabalho das mulheres e das creanças nas fabricas, fixando-se o numero maximo de horas que umas e outras deverem trabalhar e determinando-se a idade, antes da qual será prohibido o trabalho das creanças.»

Approved em segunda leitura pela assembléa geral do Centro Republicano Federal de Lisboa—domingo, 22 de junho de 1873.

O secretario da sessão  
HORACIO FERRARI.

Buscando a lei das creações e da transformação das diferentes raças e povos da Europa; generalizando o seu modo de sentir, pensar e querer, segundo a lei das *selecções e da concorrência vital*, descoberta por Darwin, encetamos hoje, publicando esta obra, o mesmo trabalho no campo da historia social que já tem sido compreendido com tanta energia, e força de vontade na historia litteraria por Theophilo Braga, o primeiro talento da nossa terra na sua especialidade.

Os estudos sociais tem sido completamente desprezados em Portugal. Se abstrairmos d'um pequeno numero de espiritos cultivados e trabalhadores, que tentam actualmente reanimar esta decadente nação, vereis por toda a parte, jornalistas de todas as côres e matizes, muitos litteratos sem litteratura, romancistas, dramaturgos, muitos poetas lyricos e bucolicos, alguns elegiacos; vereis artigos de sciencia escriptos com o charuto no labio; *flaueurs* numa palavra, sobre tudo; mas nunca um pensador sério e profundo, que acompanhando uma idéa, ou uma civilização, ou a historia de um povo desde o seu inicio a siga através de todos os momentos da sua elaboração ou existencia. Os Laurents, os Larminas, os Quinets, Aitymers e outros da nova escola não fructificam neste solo. Herculano, que robusteceu o seu brilhante talento na escola das grandes transformações historicas, iniciadas por Thierry, Guizot e Villemain sectarios da escola velha e autoritaria, este mesmo emudeceu ha muito.

Segue-se por tanto que a historia moderna, a historia verdadeiramente das idéas, e não a dos homens, como a que faziam os antigos; a historia que abrange num quadro, num só livro, uma ou mais civilizações, um ou muitos povos, a historia á maneira de Voltaire, não existe entre nós, e esta generalização das idéas europeias é uma cousa nova para Portugal.

Tanto melhor: só as creações originaes podem vingar. O que dissermos será só nosso. As plantas, que rececem a seiva d'outras arvores, estiolam-se por falta de alimento e da distancia a que vivem do solo.

A Grecia é o paiz onde vamos buscar as origens da civilização europeia. A Europa é sobre tudo um continente liberal. Foi-o em todas as épocas da sua existencia, não obstante o despotismo do estado e da igreja se colligarem para a supplantar nas suas manifestações de liberdade e independencia. Ora a Grecia é marcada na etnologia dos povos como o paiz da liberdade. A Grecia creou as artes, a sciencia e a litteratura; a Grecia reanimou com as suas formas estheticas a belleza do mundo antigo; a Grecia legou ao mundo constituições modelo em politica; a Grecia foi em diferentes épocas a mestra dos grandes sabios, e quando a Europa se perdeu, na escuridão da idade-média e se viu encerrada nas prisões e nos carcereiros dos mosteiros, foi ainda a Grecia que veio dar de novo vida, luz, ar, calor e fogo a este mundo todo perturbado pelo longo soffrer dos cilícios e da cogula, pelas longas agonias do monachismo. Segue-se Roma, o paiz do direito, a nação da lei; a idade-média; a revolução franceza; a revolução de 1848; a época presente; todos estes factos serão apresentados á luz da sciencia moderna.

A lei, que preside a todos estes factos, é a *evolução* historica, demonstrada, e descoberta até á evidencia por Vico e A. Comte; o criterio, é a experiencia util e

fructifera. Avaliamos as instituições, como se avaliam as arvores, pelo fructo.

Assim: a instituição, que no correr dos seculos nos apparece com vida propria, e dominando absolutamente, e depois decêe por si, corrompe-se e contamina-se até desaparecer, essa instituição é má. Pelo contrario, a instituição, que se robustece e torna mais forte e vigorosa, atravessando as revoluções, essa instituição é boa: [o progresso deve sómente modificá-la.

Esta é, segundo nós, a lei dos factos criticados.

A lei das épocas, ou meio onde se realisam estas, é analogica e harmonica com a lei dos mundos na phrase de Fourier.

Enuncia-se assim: cada seculo move-se em volta d'uma idéa principal como cada corpo celeste em roda d'um astro principal.

Cada seculo possui uma feição geral, que é o producto das gerações passadas; e uma feição particular, aquillo que revela a razão porque veio ao mundo; assim como cada corpo astronomico possui dois movimentos: um sobre si, que o constitue individualidade, e outro sobre os demais corpos que o ligam ao systema.

Vê-se por tanto que, nós, embora filhos d'este seculo de duvida e critica, bom senso e saber profundo que elevou a sciencia historica até onde nunca tinha chegado em tempos de antigos e modernos, vê-se pois, dizemos, que não riscamos do presente o passado, antes pelo contrario buscamos harmonisal-os no que for possível.

A historia, que tem sido para muita gente, manancial de sandices e contrasenso, será para nós lição de justiça e sobre tudo um tributo de respeito para com os nossos maiores.

A historia contem no seu seio uma cousa boa: é o que foi esmagado na corrente das edades, pelo despotismo e pela clericalia de mãos dadas. Também será isso que nós faremos ressurgir de lá.

Entre todos estes factos avulta a destruição dos municipios e das communas. E' para esta, sobre tudo, que nós chamamos a attenção dos sabios modernos da nossa patria.

A reorganização da *communa*, do *municipio* ou da *parochia*, como quizerem, seria a felicidade para Portugal. As nações decadentes devem refundir-se para poderem continuar a viver. Ora a communa é aquillo que, numa nunca pode morrer. E' por causa d'isto, que no principio d'este seculo, Fourier pedia a Napoleão que o deixasse administrar uma communa de 1.800 pessoas, a qual deveria servir de modelo a toda a França, porque elle quadruplicaria annualmente toda a riqueza nacional.

E na verdade, quem duvida de, que para ter um estado bem organizado é necessario primeiro organizar a communa ou o municipio!

Quem duvida que todas as reformas devem começar pela base? e que a base do estado, a sua pedra angular, o seu alveo é a *communa*?

A communa é a officina social, é o elemento da provincia, da nação, da sociedade, e de toda a humanidade.

O sabio, o manufactor, o artista, o commerciante, as autoridades civis e militares, todos vivem na communa.

A communa é a escola de todos os cidadãos, uma escola militar, civil, politica e social.

O berço do terceiro estado foi nas communas.

—Depois do grande naufragio da civilização, quando todos os laços sociais eram quebrados, e o mundo retrogradava para a barbaria das primeiras edades, entregue como victima indefesa á desordem e á pilhagem feudal, foi nas communas, foi nos municipios que se encontrou a mais solida garantia da liberdade individual, e onde se deu o primeiro passo para uma recomposição social. Cada cidade foi, nesta epo-

cha, um estado particular regido por um governo também particular; e o mundo *communal* serviu para recompor a sociedade europeia.

Será possível ainda hoje fazer alguma cousa nova? Talvez.

Talvez que muita cousa, que passa hoje por utopia deixe de sel-o amanhã, se administração politica, judicial e civil assentar sobre uma boa organização da communa, do municipio ou da parochia.

Nós trabalhamos para isto. E' necessario que a historia seja a voz da justiça, a voz dos opprimidos e não a da justificação de meia duzia de salteadores politicos, feita e apresentada á posteridade por quem não possui consciencia.

Para trás, vendilhões da penna! O seculo, a sciencia, o bom senso, a justiça social condemna-vos. Para trás, filhos dos *chronistas de Sua Magestade*, esses vilisimos caracteres, que no excesso da lisonja e cortezania pelo monarcha, a quem comiam a sopa e eugraxavam as botas, falsearam toda a historia, não attenderam aos queixumes dos povos, não descreveram as lutas gigantes do movimento ascensional da liberdade, e unicamente fizeram a apothose do seu rei!

Para trás, sim, todos vós chronologos indigestos e nauseabundos, Damiões, Lopes e Castanhedas, bispos de Silves e vós os mais. Para trás!

A hora da justiça soou.

Um volume de 300 paginas. — Preço 600 reis.

P. S. Esta obra já annunciada vai brevemente entrar no prélo; é um elegante volume e trata, como o prospecto indica, dos assumptos mais importantes da historia social. Quando o prospecto foi feito não havia ainda em Portugal nenhum livro que tratasse do mesmo objecto; hoje já existem dois livros que se occupam do mesmo assumpto, posto que debaixo de outros pontos e com divergencias de idéas. Um é a *Theoria do Socialismo*, do sr. Oliveira Martins, o outro os *Tres Mundos* do sr. D. Antonio da Costa.

Os srs. assignantes por um anno da *Republica Portuguesa*, cuja assignatura for paga adiantada, contando-se, já se vê, o tempo decorrido, terão um volume de premio. Podem mandar as suas assignaturas á redacção da *Republica*, indicada em outro lugar.

LISBOA, 27 DE JULHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Ahi vai, meus bons amigos, a ultima correspondencia do primeiro periodo da *Republica*. Deixemos passar o das ferias officiaes, as quaes não são, creio, ferias para o espirito e para a creença. Lançando um golpe de vista retrospectivo podemos afirmar, com a mão na consciencia, o nosso labor desinteressado e digno. Não faltaram os apodos dos maltrapilhos, nem escasseou o apedrejamento dos gatunos. Se materia para arrependimento existe é talvez em termos parado no caminho para fustigal-os. Sobre a escoria appareceram os adversarios cortezes. Para esses uma despedida: —até á volta.

—Publicou-se o trabalho, já annunciado, do sr. F. Adolpho Coelho: *Sciencia e Probidade*, a proposito do sr. José Gomes Monteiro, etc. Encerra cariosos apontamentos acerca dos srs. Castilho, Gomes Monteiro, Camillo Castello Branco e outros. A questão deixou de ser litteraria para se tornar uma questão de moralidade. Ficam elucidados todos os homens de boa fé acerca d'aquelles vultos. Numa terra onde ao menos imperasse o instincto da dignidade nunca ousaria erguer a voz o sr. Camillo depois da triplice lição applicada por Joaquim de Vasconcellos, Coelho e Graça Barreto. Abra o publico as paginas do folheto a que alludo e aprenda a conhecer os seus gran-

des homens (sic) e as grandes cousas por elles praticadas.

—A proposito convem formular em parenthesis uma breve reflexão acerca d'esta irrisoria dualidade descoberta pelos ingenuos filhos da Parvonia nos Goliattes do impudor official. Tal jornalista que representa o symbolo da devassidão e do descaro e cuja vida é um estendal de miserias e de podridão, ergue a voz para defender systemas, principios, idéas e theorias em que não cre senão por interesse pessoal; calumnia, deturpa e atropella os adversarios; a historia e o senso-commun; foge do terreno das discussões pelo caminho das subtilidades de saltimbanco; mas, aos olhos dos ingenuos em qu'estão, deixa de existir o histrião grotesco e repugnante para dar logar ao habil acrobata. O ingenuo applaude o arlequin. Toda esta arlequinada monarchico-catholica é afinal de contas executada em corda bamba e os espectadores só têm o que merecem.

Quando se comprehender que para o jornalista e o pamphletario são indispensaveis os dotes de moralidade a imprensa deixará de ser uma industria para se tornar um sacerdocio. E' talvez isto clamar no deserto. Vamos, porém, clamando sempre.

—No *Jornal do Commercio* tem publicado o sr. Oliveira Martins, auctor da *Theoria do Socialismo*, uma serie de artigos em resposta ao sr. dr. Julio de Vilhena e a proposito do seu livro *As Raças historicas da peninsula*. Só vi o primeiro que mereceu a honra singular de ser citado pelo *Jornal da Noite*. E' a *theoria da chavena de chá*, descoberta pelo *Diario Illustrado*. O sr. Martins quer *cortezia*, etc. E' acertado o pedido e natural neste paiz, e neste tempo. O sr. Martins é *cortez*; o sr. Teixeira de Vasconcellos applaude-o por isso. *Juvenal* foi um geosseirão para com o imperio romano; *Isaias* foi grosseiro para com Babilonia e Jerusalem; Tacito não foi delicado em extremo com os Cesares; o riso de *Babelais* é pouco amavel; *Hugo* não primou em delicadeza para com o sr. Luiz Bonaparte, já fallecido; os pamphletarios *Paulo-Luiz-Courier* e *Rocheport* não leram João Felix Pereira; *Roque Barcia* é por vezes excessivamente duro; os homens pouco delicados são de todos os tempos e paizes; felizmente lá está o sr. Martins lavrando no *Jornal do Commercio* de Lisboa o seu protesto e lá está o senhor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, que é exactamente o contrario de *Juvenal*, lá está, digo, para o applaudir... Edificante quadro! Edificante e eloquente!...

—Realisaram-se as festas de 24 de julho. E' seu chronista o sr. Teixeira do *Jornal da Noite*. Deus nol-as dê para d'aqui a um anno, *sem modificações*. Digo isto sem esperança, ail... sem esperança alguma de que tal succeda...

—Os jornaes monarchicos tornam-se ecco das calumnias dos jornaes hespanhoes conservadores, mas nunca inserem os desmentidos formaes dos seus contrarios. Tudo lhes deverá ser levado em conta.

—A' hora em que termino esta correspondencia ainda vivem o *Jornal da Noite*, *Diario Illustrado* e *Nação*.

—Até outubro. Abraça-os o seu  
SILVA PINTO.

—Sei, á ultima hora, por informação particular e fidedigna que o manifesto socialista do Porto, attribuido ao governo não é do governo, e que os signatarios são operarios não officiaes. A dictadura com as suas comedias obriga-nos a desconfiar de toda a qualidade de manifestos quando não são firmados por nomes conhecidos. Estabelecido, pois, que o manifesto em questão não é de fabrica suspeita, lavre-se esta rectificação, para que algum aprendiz de polemista não me calumie as intenções.

—A *Associação internacional dos tra-*

balhadores publicou um protesto contra as afirmações calumniosas da imprensa conservadora de Hespanha e Portugal acerca dos successos de Alcoy. Lança á conta dos homens da ordem os incendios e os assassinatos perpetrados e chama a attenção dos homens de boa fé para a exposição rapida que faz do procedimento da internacional e do dos seus calumniadores.

O protesto é assignado pelos srs. C. Fernandes, S. Lisboa e Azedo Gnecco; foi distribuido pelo publico e enviado á imprensa jornalística. É respeitavel pelo intuito, mas creio que inefficaz nesta terra, de sachristães e espíões officaes na sua maioria.

## NOTICIARIO

Caríssimos assignantes e leitores da *Republica Portuguesa*.—Chegou finalmente o termo do primeiro trimestre. Suspendemos hoje até ao principio de outubro. Leitor amigo, que nos acompanhaste durante tres mezes nesta tarefa ardua de levar a luz ás camadas mais infimas da sociedade, leitor que és bom, porque tens innato o sentimento da justiça, não te esqueças que lutamos com immensas difficuldades para sustentar a nossa causa e a continuaremos no principio do anno. Pedimos-te uma cousa: se acaso te convenceste da verdade do governo republicano não a renegues nunca, porque se hoje somos poucos, a verdade tem tal força no animo de todos que dentro em pouco será vergonha um homem dizer-se monarchista. Nós bem sabemos que em Portugal existe a descrença politica e que ninguem tem fé em profissões; mas tu já conheces os nossos nomes, porque os tens visto bastantes vezes impressos na *Republica*, se algum de nós apostatar, o que eu não creio, ainda assim não renegues a republica e entrega sómente os apostatas á exacração publica.

Ficaram-nos muitos assumptos por tratar; não nos chegou o tempo nem o espaço para o fazer. Encetaremos no principio do anno então a nova tarefa, robustecidos com maduros estudos e sã e justa critica. Talvez que tenhamos de apêar muitas notabilidades que figuram no ceu da historia, mas se o fizermos será para as substituir por outras, convencidos como estamos que a justiça e verdade nunca abandona os homens.

Até outubro.

A REDACÇÃO.

O nosso collega Magalhães Lima, vai publicar uma nova obra da qual os primeiros capitulos têm sido inseridos nesta folha. Intitula-se *Padres e Reis*. Esta obra é editada em Lisboa e merece ser lida por todos os livres pensadores.

Damos hoje cabimento ao seguinte soneto do sr. João Penha. O illustre academico que já vae caminho de Braga e que concluiu este anno os seus trabalhos de formatura em direito, revoltou-se contra as profundas injustiças que viu praticadas

na universidade, a proposito de classificações e informações do 5.º anno, e vasou a sua colera nesta obra prima, que define perfeitamente um homem que todos nós conhecemos. Apoz este soneto verio outros onde se retratam a maldade e estupidez dos lentes de direito. Não temos sido só nós a condemnar as injustiças praticadas na universidade a respeito de premios e classificações, etc., a este proposito escrevia tambem o *Progreso Commercial* e dizia que os que já eram alheios á universidade deviam tratar d'esta questão. Saiba o publico como se faz justiça em Coimbra.

## O PHANTASMA

(A UM DR. PEDRO)

E vimos uma forma horrenda e bruta  
Surgir do lodo vil com gesto iroso,  
Como outr'ora no Cabo Tormentoso  
O velho Adamastor da barba hirsuta.

—«Quem és tu? eu lhe disse.—» Bardo, escuta.  
(Rugiu com voz ingente e desdenhoso)  
«Eu sou no espaço infinito e portentoso  
«O Verbo ideal da estupidez corrupta.

«Na terra sou Penedo; e o mar violento,  
«O mar das sciencias vãs da humanidade,  
«De vencer-me ha perdido o insano intento.»

Disse. E ouvimos naquella obscuridade  
O cantico d'um trémulo jumento:  
Era o preito da terra á Immensidade.

JOÃO PENHA.

Pedem-nos a publicação do seguinte.

Siempre se ha dicho que España es el país de los vice-versas; pero nunca como ahora puede repetirse este popular axioma, al observar que en medio de la confusion y peligros que nos rodean hay una Empresa editorial que sigue sin descanso su marcha de verdadero progreso, como la que con admiracion de propios y extraños publica en Madrid *La Ilustracion Española y Americana*.

Viendo este excelente semanario es hasta difícil creer que se publica en España: á la vista tenemos el número del 1.º de Julio y dudamos, sin embargo, si nuestra ilusion nos engaña, porque es imposible hallar más perfeccion en la parte artistica, ni mejor criterio en la literaria, y nuestro ánimo se regocija al ver que, á pesar de nuestras terribles desgracias, hay aún quien, sobreponiéndose á ellas, sostiene publicaciones que, cuando sean recibidas en el extranjero, atenuarán indudablemente el triste concepto que de nuestra patria se tiene formado.

Es para nosotros un fenómeno inexplicable la referida publicacion, pues la inmensa cantidad de perfectos grabados que contiene el número citado representa un capital cuya importancia admiraran cuantos fijen en ella su atencion. Baste decir que, entre otros de no ménos mérito, se hallan: el retrato del desgraciado jefe de cazadores de Madrid, victima de su amor á la disciplina; el incendio de la estacion de Beasain, por el cura Santa Cruz; la accion de Oristá, en la cual las tropas federales perdieron un cañon; el Jardin Botánico en las diferentes y pintorescas secciones de que consta; el retrato de cuerpo entero del Emperador de Austria; el faro del Caballo, en la provincia de Santander; el patio de los Leones en la Alhambra; una vista del pabellon del Virey de Egipto, en el Prater de Viena; la gran campana del Kremlin, en Moscou; y sobre todo unos tipos marroquines, dibujo de D. Mariano Fortuny, cuyo solo nombre basta para hacer comprender su notable mérito artistico.

A' fuer de españoles, nos felicitamos de ver progresar en nuestra patria una publicacion que tanto la honra, como lo es *La Ilustracion Espanola y Americana*, segregada completamente de todo lo que á politica militante se refiere; y creemos

cumplir un deber de conciencia recomendándola á nuestros lectores, porque es un honor para nuestra patria el que todos contribuyan al sostenimiento de tan instructivo como ameno semanario.

Causaram profundo escandalo as informações do 5.º anno de direito, os premios e distincções que a faculdade repartiu a esmo, mas sobre tudo as profundas injustiças em quanto aos que foram desconsiderados. Academicos que são reconhecidos como grandes capacidades foram intesramente olvidados. Um estudante do 4.º anno de direito e um dos redactores d'esta folha fez dar um estenderete ao sr. padre Chaves, e este bom cavalheiro que é similhante ao bom Marnoco e burro como uma pedra, vingou-se do sobredito que era o primeiro premiado naquelle anno, sem ao menos o distinguir.

Todo o estudante que for intelligente, e sobre tudo que mostrar altivez tem a certeza de ser despresado por estes ineptos, que não podendo ser outra coisa se fazem lentes.

A fama d'este estabelecimento, que outr'ora foi o primeiro entre nós, senão na Europa, tem ido decrescendo a ponto de lá fora já ninguem fallar nelle e entre nós ser já despresado e objecto até de justas, mas fortes, censuras, dos jornaes da provincia, como se pode vér na *Independencia*, jornal que se publica em Beja.

D'aqui não ha nada a esperar. Uma corporação de perto de 100 professores, conta unicamente dois ou tres conhecidos, como rariissimas excepções. Justiça e instrucção correm aqui parelhas.

On suppressão ou petroleo, não vemos outro alvitre para acabar com este anachronismo.

Fomos acoiçados pelo *Tribuna Popular* de injustos e parciaes, por não darmos parte do assalto ao hotel do caminho do ferro pela occasião das festas da Rainha Santa. O collega antes de formular esta sentença devia saber e ter em vista que a nossa folha é semanal e que não pode dar conta de todos os factos; além d'isto não é folha noticiosa, é uma folha justiceira. Quando se offende a justiça ella está sempre do lado dos offendidos. Ora nós não quizemos fazer insinuações e predispor a auctoridade contra os reus. Ainda ninguem nos demonstrou se os crimes se devem revelar ou pelo contrario occultar. A imprensa não deve ser um pugilato que sirva para excitar odios e malquereças. A respeito de factos criminosos é necessario ter a maior cautella para não exercer pressão sobre as auctoridades judiciaes. Estas foram as razões que nos levaram a não fallar de leve sobre este facto.

Agora sabemos que effectivamente se encontram alguns academicos comprometidos por maltratarem o dono do hotel e sua mulher e por isso pedimos que este attentado contra estas pessoas na sua propria casa seja punido severamente, isto é, com justiça.

Escrevem-nos de Lisboa que está proxima a publicação de uma folha diaria republicana convidando-nos ao mesmo tempo para collaborar para ella. Esta noticia concorda com a correspondencia de Lisboa para o *Clamor Popular*, que começou a publicar-se no Fundão. Diz a referida folha que saiu o 1.º n.º da folha diaria— a *Democracia*, redigida pelos srs. Latino Coelho, Elias Garcia, Oliveira Martins e Sousa Brandão. O mesmo periodico dá como certo que parte do partido historico e reformista se acha filiado no partido republicano. Por este caminhar temos brevemente a republica no nosso paiz.

Parece que tudo vaticina ser o sr. D. Luiz é ultimo rei de Portugal.

Recebemos um protesto da associação

internacional dos trabalhadores de Lisboa contra a difamação dos internacionalistas de Alcoy e propalada a drede e levada a effeito pelos conservadores de todo o mundo. O protesto contem carros de justiça, pois como já hoje se sabe, a importancia dos movimentos de Alcoy foi nulla e se houve algumas victimas a lamentar foi sua causa o governo. Os conservadores e os monarchistas só olham para o sul da Hespanha e esquecendo-lhes as iniquas barbaridades do cura Santa Cruz, os infames fuzilamentos, os templos onde se alojavam os voluntarios incendiados com petroleo e enxofre, as crueldades infames praticadas nos que defendiam a sua honra militar, as suas familias e os seus bens; tudo isto por mandado do infame Saballs, o capitão general do quadrilheiro mór da Hespanha. Hespanha, nobre Hespanha! levanta-te e com um d'esses actos de heroismo, tão peculiar entre teus filhos, expulsa para sempre para fora das tuas terras, essa horda de caniboes que te envorgonha á face da Europa culta.

O protesto da associação internacional está escripto com vehemencia. É a voz da verdade que não reconhece complacencias.

As classes laboriosas de Lisboa e Porto dão ao menos mostras de si abrindo a sua voz de quando em quando; o resto trabalhador do paiz jaz na maior indifferença. Não sabemos se este estado é pronuncio de morte, se de grandes tempestades que se accumulam sobre o ceu da patria.

Na terra onde se publica esta folha existe uma numerosa classe operaria, e todavia aqui reina uma paz pôdre, nem um movimento, nem um signal, nem sequer um indicio do que vai lá fora.

As classes operarias d'esta terra não sabem nada de organização social. Contentam-se cada anno com um frazeado que vão vomitar na associação dos artistas meia duzia de academicos emproados e ficam satisfeitos com aquellas banalidades.

Nós quizemos encetar um trabalho no sentido de transformar aquella associação sem fim, numa de consumo e producção; como o tempo nos faltou, no principio do anno trataremos d'este assumpto.

Neste momento só nos resta pedir aos operarios de Coimbra que saiam d'este marasmo e acompanhem as grandes cidades nos movimentos e aspirações, porque d'ahi lhes virá a felicidade, a riqueza e o repouso porque tanto almejam.

Agradecemos o exemplar do protesto que nos foi enviado.

## ANNUNCIOS

### ESBOÇO BIOGRAPHICO

DE

ANTONIO FLORENCIO FERREIRA

POR

ADRIANO JACOB LOPES

Preço, em Coimbra, de cada caderneta de 32 pag. em 8.º— 60 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o volume completo—200 réis.

A correspondencia deve ser dirigida ao auctor, rua da Sophia, 26, junto a Santa Justa—Coimbra.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre. . . . . 300 réis, semestre . . . . . 600 réis.—Para ás Provincias—Trimestre. . . . . 300 réis, semestre. . . . . 600 réis.—Avulso no proprio dia 20 réis.—Annuncios 30 réis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia para este jornal deve ser dirigida a Joaquim Maria de Almeida—Coimbra—Rua da Sophia, n.º 59 e 61

COIMBRA—Imprensa Academica, rua do Carmo, 62.

